



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

TAIANE VANESSA DA SILVA

**MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA (MEL):
OS INDIVÍDUOS EM CONFIGURAÇÕES FORMATIVAS**

Londrina
2025



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TAIANE VANESSA DA SILVA



MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA (MEL):
OS INDIVÍDUOS EM CONFIGURAÇÕES FORMATIVAS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito para a obtenção do título de Doutora.

Orientador: Prof. Dr. Tony Honorato.

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S586 Silva, Taiane Vanessa da.
Museu Escolar de Londrina (MEL) : os indivíduos em configurações formativas / Taiane Vanessa da Silva. - Londrina, 2025.
170 f.

Orientador: Tony Honorato.
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.
Inclui bibliografia.

1. Museu Escolar - Tese. 2. História da Educação - Tese. 3. Memória - Tese. 4. Formação Universitária - Tese. I. Honorato, Tony. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

TAIANE VANESSA DA SILVA

**MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA (MEL):
OS INDIVÍDUOS EM CONFIGURAÇÕES FORMATIVAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito para a obtenção do título de Doutora.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Tony Honorato
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Gelmini de Faria
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
– UFRS

Prof^a. Dr^a. Magda Carmelita Sarat Oliveira
Universidade Federal da Grande Dourados –
UFGD

Prof^a. Dr^a. Sandra Regina Ferreira de
Oliveira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a. Dr^a. Simone Burioli
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 24 de fevereiro de 2025.

*Dedico este trabalho aos meus pais
e aos pesquisadores de museus.*

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela concessão de bolsa de Doutorado para a realização desta pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Tony Honorato, por todos os ensinamentos, pela paciência com minha trajetória de doutoranda e por acreditar em mim.

Ao meu pai por me acolher no período mais difícil e incentivar meus estudos. Sua presença me deu forças para continuar.

A minha família, mãe, vó, Tiago, Emanuel, Jaque, Chris, Josi, Yasmin, Sarah, Tati e Lu. O cuidado que recebi de vocês foi crucial para eu concluir o Doutorado.

Ao meu amigo querido Felipe (Harry) por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Eu te amo.

A minha amiga Giovana, fonte de inspiração, que além de doutoranda e excelente pesquisadora, é professora e mãe.

Aos queridos Fabrício, Anderson e Gabriela, que me ensinaram que a saúde mental vem em primeiro lugar.

A minha querida Meire, amiga que conheci no Museu Escolar de Londrina, que é amada por todos e possui uma dissertação de Mestrado incrível sobre o MEL.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores pela troca de experiências e pelas contribuições que fizeram em relação à minha pesquisa.

Aos estudantes de Graduação, Pós-Graduação, colaboradores e professores que atuam no MEL, sem os quais essa pesquisa não existiria. O trabalho árduo de vocês e suas pesquisas sobre o acervo mantêm aquele lugar vivo. Agradeço principalmente a Tainã, Anna, Maria Clara, Gabi, Gabriel, Jéssica, Marcela, Camilly, Simone, Sandra, Bruna, Eliane e Matheus.

Agradeço a Banca formada pelas professoras Ana Carolina, Magda, Simone e, mais uma vez, a professora Sandra. Os olhares atentos e interdisciplinares de vocês enriqueceram minha pesquisa.

Aos meus professores do curso de História que tanto me ensinaram sobre museus, e sem os quais eu não teria chegado ao Doutorado: Regina, Cláudia, Wander e Richard.

Aos meus amigos Juliana, Thiago e Aryane, do Museu Histórico de Londrina, lugar em que criei minhas primeiras interdependências e meus primeiros estudos sobre museus.

*De lugares consagrados ao saber dogmático,
os museus deveriam se converter em
espaços de reflexão e debate,
ajustados aos interesses e
às demandas reais das comunidades.*

(Julião, 2006a)

SILVA, Taiane Vanessa. **Museu Escolar de Londrina (MEL): os indivíduos em configurações formativas**. 2025. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESUMO

A presente tese está inserida na Linha de Pesquisa Perspectivas Filosóficas, Históricas, Políticas e Culturais da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL. Tem como objeto de análise a formação do Museu Escolar de Londrina (MEL) e de estudantes de Graduação e de Pós-Graduação que lá atuam, a partir de suas interdependências em configurações sociais específicas. O objetivo geral se pauta em analisar como o MEL influencia e é influenciado pelas práticas de pesquisa de estudantes universitários. Os aportes teóricos se ancoram em Norbert Elias, acerca das configurações e interdependências dos indivíduos, na Nova História Cultural e na História da Educação a respeito de estudos de práticas culturais e educativas relacionados aos acervos escolares e aos museus. O método se concentra na pesquisa bibliográfica, com ênfase em estudos que versam sobre Museus Escolares Brasileiros; na coleta de entrevistas semiestruturadas e na História Oral; assim como na interpretação de fontes como documentos-monumentos. O resultado indica que os indivíduos possuem funções interdependentes que resultam em configurações de práticas formativas e museais (catalogação de documentos, investigação de acervo, elaboração de pesquisas acadêmicas, ações educativas etc.) que contribuem para a formação universitária dos estudantes, ao mesmo tempo que formam o MEL e potencializam a comunicação do acervo escolar londrinense por meio de ações de preservação e de pesquisa.

Palavras-chave: Museu Escolar; Memória; Interdependência; Configuração; Formação Universitária; História da Educação.

SILVA, Taiane Vanessa. **Londrina School Museum (MEL): individuals in formative configurations.** 2025. 170 p. Thesis (Doctorate in Education) – State University of Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

This thesis is part of the Research Line Philosophical, Historical, Political, and Cultural Perspectives on Education of the Graduate Program in Education at UEL. Its object of analysis is the establishment of the Londrina School Museum (MEL) and the training of undergraduate and graduate students who work there, based on their interdependencies within specific social configurations. The general objective is to analyze how MEL influences and is influenced by the research practices of university students. The theoretical framework is anchored in Norbert Elias, regarding the configurations and interdependencies of individuals, in the New Cultural History and in the History of Education, focusing on studies of cultural and educational practices related to school collections and museums. The method focuses on bibliographic research, emphasizing studies on Brazilian school museums; the collection of semi-structured interviews and Oral History; as well as the interpretation of sources such as document-monuments. The results indicate that individuals have interdependent functions that result in configurations of formative and museological practices (document cataloging, collection investigation, academic research development, educational actions, etc.) that contribute to the university education of students while simultaneously shaping MEL and enhancing the communication of the Londrina-based school collection through preservation and research actions.

Key-words: School Museum; Memory; Interdependence; Configuration; University Education; History of Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPHMEEL	Centro de Pesquisa em História e Memória da Educação Escolar Londrinense
DEPAS	Departamento de Educação Pública e Assistência Social de Londrina
IBC	Instituto Brasileiro de Café
ICOM	<i>International Council of Museums</i> [Conselho Internacional de Museus]
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEL	Museu Escolar de Londrina
MHL	Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”
MHN	Museu Histórico Nacional
MN	Museu Nacional
NDPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica
PPEdu	Programa de Pós-Graduação em Educação
SME	Secretaria Municipal de Educação de Londrina
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	O LUGAR SOCIAL DE PRODUÇÃO E A CARACTERIZAÇÃO DO MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA (MEL).....	11
1.2	PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS.....	16
1.3	JUSTIFICATIVA	18
1.4	APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	20
2	MUSEUS ESCOLARES: (RE)CONFIGURAÇÕES ENTRE OS SÉCULOS XIX-XX	28
2.1	CONFIGURAÇÕES MUSEAIS DO BRASIL (SÉCULO XIX).....	29
2.2	INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E OS MUSEUS	36
2.2.1	Método Intuitivo e Museus Escolares e Pedagógicos – final do século XIX e início do século XX.....	39
2.2.2	Histórico dos Museus Escolares no Brasil	48
3	INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE ACERVOS, MUSEUS ESCOLARES E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	59
3.1	ESTUDOS SOBRE ACERVOS ESCOLARES.....	61
3.2	A HISTÓRIA E A MUSEALIZAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR COMO OBJETO DE PESQUISA	66
3.3	INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE MUSEU E ESCOLA.....	72
3.4	OS MUSEUS COMO LABORATÓRIOS DE PESQUISA E ESPAÇO DE FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA.....	81
4	MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA, HISTÓRIA E PROJETOS	91
4.1	O MEL E AS HISTÓRIAS DOS MUSEUS	91
4.2	INTERDEPENDÊNCIA ENTRE O MEL E PROJETOS DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA	97
4.3	PERFIL GERAL DOS ESTUDANTES QUE ATUAM NO MEL	101
4.4	MÉTODO DE COLETA E DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS.....	105

5	FORMAÇÃO E PESQUISA: O MEL E SEUS INDIVÍDUOS.....	109
5.1	CONFIGURAÇÃO INICIAL: A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO E DA PESQUISA	109
5.2	O DECURSO DE UMA CONFIGURAÇÃO: PRÁTICAS DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA NA SALA 164	117
5.3	A FORMAÇÃO DO MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA E A FORMAÇÃO DE PÓS-GRADUANDOS.....	125
5.4	A ATUAÇÃO DE GRADUANDOS NA PRESERVAÇÃO E PESQUISA DO ACERVO	136
5.5	OUTRAS CONFIGURAÇÕES E SUAS INTERDEPENDÊNCIAS	146
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
	REFERÊNCIAS.....	158
	ENTREVISTAS	166
	APÊNDICES	167
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevistas	168

1 INTRODUÇÃO

1.1 O LUGAR SOCIAL DE PRODUÇÃO E A CARACTERIZAÇÃO DO MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA (MEL)

As pesquisas possuem um lugar de produção socioeconômico, político e cultural (Certeau, 1982). A ação pesquisadora possui meios de elaboração circunscritos por determinações próprias. Esse lugar social de produção indica os métodos, os interesses, os documentos e as questões que serão propostas.

Meu lugar social de pesquisa iniciou-se há 12 anos, quando ingressei no curso de licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Naquele momento, meu fascínio pela História estava imerso em encantamentos do Ensino Médio, momento em que construí minha afinidade para com a História do Brasil Contemporâneo.

Logo no início do curso, por meio de um processo seletivo de bolsas de extensão, iniciei meu estágio no Museu Histórico de Londrina (MHL), período em que a instituição concentrou seus interesses na elaboração e abertura de uma exposição sobre a História da Saúde em Londrina. Aos estagiários bolsistas foram oferecidos cursos de formação sobre a História Local e Regional, a fim de que pudéssemos construir autonomia suficiente para mediar visitas aos alunos da rede básica de ensino, além de orientações sobre a preservação e a investigação de acervos museológicos.

Naqueles instantes, consegui entender que minha formação não se resumiria a grandes temáticas de conhecimento – como a História do Brasil –, mas, sim, contemplaria a História da Saúde em Londrina e objetos de pesquisa recortados e delimitados no tempo e no espaço, a partir dos quais é possível levantar e responder hipóteses com pesquisas. Também naquele período se fortaleceu meu entusiasmo com as áreas da História do Brasil, Educação e Patrimônio Histórico e Cultural, com ênfase nas subáreas dos Museus Históricos, Ensino de História Local e Educação Patrimonial, tendo como foco – e, posteriormente, objeto de pesquisa – o ensino e a produção de fontes históricas no MHL, resultando em meu Trabalho de Conclusão de Curso e em minha Dissertação de Mestrado.

Em 2020, durante a seleção de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEdu/UEL), tive contato com informações do projeto de implantação do

Museu Escolar de Londrina (MEL)¹, que almeja constituir um lugar de memória da educação escolar urbana e rural (Oliveira, 2019). Sobre a formação dessa instituição museológica a partir de ações voltadas para a preservação do arquivo da Secretaria Municipal de Educação de Londrina (SME) – o qual encontrava-se em condição de emergência, pelo seu precário acondicionamento nas dependências do Instituto Brasileiro do Café (IBC) – iniciou-se o projeto *MEL – Museu Escolar Londrinense: modos de construir, ensinar e viver culturas na Escola Municipal “Urandy Andrade Correia”*, em 2018, na Universidade Estadual de Londrina.

A oportunidade de transferir os documentos para serem tratados na UEL foi considerada bem-vinda pela atual administração do município, pois adotando-se medidas para salvar os documentos salva-se também parte da história da educação. (Lopes, 2023)

Essa relação entre a Universidade e a Prefeitura, em prol do patrimônio educativo do Município, desencadeou a atuação de estudantes e professores da UEL no que diz respeito à salvaguarda dos documentos, pesquisas e ações educativas. Logo, o projeto de criação do Museu Escolar de Londrina nasce em diálogo com a Prefeitura e, ao mesmo tempo, com a Universidade, visto que o acervo tem sua origem com a SME, ao passo que outras ações partem do âmbito universitário.

Em outras palavras, o MEL não se constitui como um órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina ou, então, como uma instituição municipalizada. Trata-se de um projeto que atende às demandas de preservação, pesquisa e ações educativas destinadas ao patrimônio educativo londrinense, e conta com a atuação de indivíduos vinculados à Prefeitura Municipal de Londrina e à UEL. Por exemplo, Rosimeire Lopes, funcionária da Secretaria Municipal de Londrina e estudante de Pós-Graduação na UEL, atua na gerência do acervo e acompanha outros estudantes em suas iniciações científicas, pesquisas e estágios.

¹ O ato de criação do MEL tem como foco a construção de um lugar de memória da educação escolar, urbana e rural de Londrina. A proposta intenciona a reconstrução de uma casa-escola rural, considerando as madeiras e demais materiais da Escola Municipal “Urandy Andrade Correia” e da Escola Municipal “Monteiro Lobato”, pois na reconstrução será instalado o MEL, nas localidades da Universidade Estadual de Londrina. Além disso, as ações direcionadas ao MEL visam à construção do Centro de Pesquisa em Histórias e Memórias da Educação Escolar de Londrina, com o objetivo de organizar um arquivo com a documentação pedagógica das escolas municipais de Londrina e a elaboração de pesquisas que versam sobre histórias e memórias da educação escolar londrinense (Oliveira, 2019; 2022).

Logo, coordenadores e participantes e Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão² influenciam o decurso do Museu Escolar de Londrina, dando forma à sua institucionalização. Ressalte-se que o MEL ainda não é um museu forjado dentro de um edifício expositivo; ou seja, ele não possui edifício próprio e exposições permanentes abertas ao público, mas é uma instituição com acervo e ações de educação, preservação, pesquisa e comunicação de documentos sobre o patrimônio escolar do município de Londrina.

A transferência inicial do acervo da SME para as dependências da Universidade³, entre os anos de 2018 e 2020, foi direcionada para uma sala no Centro de Letras e Ciências Humanas. Tratava-se de um pequeno recinto, com poucas mesas, gerenciado por Rosemeire Lopes (funcionária da Secretaria Municipal de Educação de Londrina) e poucos alunos das Graduações de História, Pedagogia e Educação Física. Naquele momento eles se concentraram na digitalização de documentos que foram solicitados pela SME, além da higienização e práticas de formação direcionadas para a preservação do acervo. As ações direcionadas à documentação possibilitaram o vislumbre das tipologias de documentos.

O conjunto inclui fotografias, diplomas, atas de reuniões, certificados e outros itens, produzidos em diferentes décadas da história de Londrina. Anteriormente armazenados no barracão do antigo Instituto Brasileiro do Café (IBC), edifício pertencente ao Município, esses documentos foram acondicionados em recipientes apropriados e estão sendo higienizados e catalogados por servidores municipais e pesquisadores de graduação e pós-graduação dos cursos de História e Pedagogia da UEL. (Agência UEL, 2022)

Durante a transferência do acervo para um espaço maior localizado no prédio PDE da UEL, foram registrados os códigos numéricos das caixas, a fim de manter a mesma organização de salas e estantes. A transferência também considerou os nomes dados às salas em que os documentos estavam dispostos nas dependências do IBC: “Na sala 1 alocava-se documentos da Diretoria de Estrutura e Funcionamento,

² 1) MEL – Museu Escolar Londrinense: modos de constituir, ensinar e viver culturas na Escola Municipal “Urandy Andrade Correia”; 2) Ação Municipal e Educação no Brasil: processo de escolarização em Londrina/PR (1949-1992); 3) Centro de Pesquisas em História e Memórias da Educação Escolar de Londrina – CPHMEEL; Projeto MEL: Museu Escolar de Londrina; 4) Ações extensionistas do MEL (Museu Escolar de Londrina: valorização da memória escolar em Londrina).

³ Transferido, inicialmente, para a sala 164 do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) e, posteriormente, para salas do prédio do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE).

e na sala 2 encontravam-se os documentos da Diretoria Pedagógica” (Lopes, 2023, p. 114).

Para conseguir acondicionar todos os documentos, a universidade cedeu uma sala espaçosa do prédio do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Após a transferência completa ao PDE, o processo de leitura dos espelhos das caixas de documentos – etiquetas com conteúdo geral – possibilitou elencar as tipologias presentes no acervo.

Por meio de um levantamento realizado amplamente, em 2021, por esta pesquisadora e pela pesquisadora doutoranda Taiane Vanessa [...], com base nas descrições dos espelhos das caixas de documentos, foi possível identificar, mesmo que sumariamente, e estabelecer uma lista de aproximadamente 80 tipologias de documentos presentes nas caixas. Com o passar do tempo, esses espelhos foram atualizados, assim como a lista de tipologias. (Lopes, 2023, p. 149)

A alocação do acervo na Universidade Estadual de Londrina deu início ao processo de higienização e digitalização feito principalmente por estudantes bolsistas e voluntários. Essas ações contribuem para prolongar a vida dos documentos, assim como potencializar o acesso de pesquisadores e visitantes. A vinda deste acervo para a Universidade possibilita que estudantes elaborem suas pesquisas de Iniciação Científica, Graduação, Mestrado e Doutorado, e que, ao mesmo tempo, comuniquem as temáticas presentes na documentação do MEL.

Neste contexto, o MEL já possui subcategorias de acervos importantes para a pesquisa da História da Educação do Município de Londrina. Por exemplo, há estudantes que identificaram documentos sobre o Departamento de Educação e Assistência Social, cinema educativo, escolas rurais, práticas corporais, escolarização da pobreza, Movimento Brasileiro de Alfabetização, *habitus* de professores, imagens da cultura escolar, imprensa e educação local, entre outras temáticas.

Os trabalhos desenvolvidos a partir do acervo também são comunicados por meio de atividades acadêmicas e escolares, sites e rede social. As pesquisas dos estudantes já circularam em eventos como a Semana de Educação da Universidade Estadual de Londrina, por meio de seminários e webinar, assim como o Encontro Paranaense de História da Educação, Simpósio de Extensão da UEL, Encontro Anual de Iniciação Científica, entre outros.

No que diz respeito às atividades escolares, pode-se citar a participação dos integrantes do projeto MEL no *Londrina Mais!*, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação. Este evento promoveu mostra de trabalhos escolares em estandes, formação continuada de professores e oficinas interativas voltadas para educadores, alunos e público participante (Londrina Mais, 2023). Neste contexto, estudantes e funcionários da Prefeitura que atuam no MEL organizaram atividades que foram oferecidas ao público do MEL, como o acesso a objetos e documentos referentes à História da Educação do Município.

No site⁴ do Museu é possível consultar parte do acervo fotográfico, tridimensionais e livros, assim como solicitar empréstimos. A página também traz informações gerais sobre o MEL, instruções de preservação, notícias e eventos. Quanto aos materiais de ações educativas, o site oferece a maquete de uma escola rural – que, em breve, será a ala expositiva do Museu –, jogos direcionados ao acervo do MEL e ao ensino de História, e material de apoio para professores sobre a importância de visitar museus, assim como plano de aula, dicas de visitas e explicações de conceitos importantes para o estudo de museus.

Por meio do Instagram, as atividades do MEL são divulgadas. Encontram-se fotografias e vídeos curtos sobre o trato com o acervo, as atividades dos estudantes e outros integrantes do projeto MEL, a recepção de alunos e alunas da Graduação de Pedagogia, informações sobre os acervos, entre outras ações. Portanto, a partir das atividades e pesquisas elaboradas no âmbito do MEL, vê-se um Museu que interage principalmente com a comunidade acadêmica e escolar.

Quanto à ala expositiva, um dos objetivos dos projetos relacionados ao Museu Escolar de Londrina é disponibilizar o acervo para visita em um espaço físico que está em processo de instalação, ao lado da réplica da primeira Igreja Matriz de Londrina, no Calçadão da UEL. “Construído em madeira, o espaço será composto pelos materiais que originalmente constituíam a Escola Rural Municipal Urandy Andrade Correia, ativa entre 1968 e 1995, no distrito de Guaravera” (Agência UEL, 2022).

Ao longo de 2021 e início de 2022, por meio do incentivo de meu orientador, comecei a colaborar para com as ações de preservação e de pesquisa direcionadas ao acervo do MEL. Também neste mesmo período, passei a integrar o Grupo de

⁴ Disponível em: <https://sites.google.com/edu.londrina.pr.gov.br/mel-museoescolardelondrina/p%C3%A1gina-inicial>

Pesquisa *Processos Civilizadores* (GPROC/CNPq) e cursei a disciplina *Teorias de Norbert Elias e a Pesquisa em Educação*, quando tive contato e afinidade com textos de Elias, os quais contribuíram para a formulação da base teórica desta pesquisa.

Destaco que, quando descrevo meu lugar social de produção e cito museus, exposições, cursos, projetos, disciplinas e grupo de pesquisa que me guiaram até aqui, não me refiro apenas às instituições ou aos atos institucionalizados, mas, sim, aos diferentes indivíduos – estagiários, colaboradores, funcionários, professores, estudantes e pesquisadores – com os quais possuo laços de interdependências.

1.2 PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS

Em diálogo com a importância das inter-relações dos indivíduos, a problemática da tese parte do questionamento de como as configurações de práticas museais, principalmente de pesquisa, influenciam a formação dos indivíduos e do MEL.

Conforme Elias (1994a), os indivíduos e a sociedade, assim como suas interdependências, são como uma melodia que não pode ser compreendida caso suas notas sejam analisadas separadamente, pois “[...] sua estrutura não é outra coisa senão a das relações entre as diferentes notas” (Elias, 1994a, p. 22). Outra analogia refere-se à estrutura de uma casa, que só existe a partir da relação entre as diferentes pedras com as quais foi construída. Desse modo, “[...] deve-se começar pensando na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais” (Elias, 1994a, p. 22). Em vista disso, os fenômenos não podem ser pensados como substâncias isoladas, e sim a partir das relações e das funções interdependentes que os forjam.

De outra forma, a relação dos seres humanos formula figurações sociais dinâmicas, que podem mudar ao longo do tempo de acordo com as funções mútuas dos indivíduos. Por exemplo, a configuração de um jogo depende da totalidade das relações interdependentes que o sustentam, as quais podem ser mutáveis (Elias, 1994a). Desse modo, “Vilarejos podem se tornar cidades. Clãs podem se tornar Estados” (Elias, 1994a), da mesma forma que acervos e arquivos podem se tornar museus a partir da interdependência dos sujeitos.

Tendo em vista esses apontamentos, entende-se o Museu Escolar de Londrina como uma figuração social mutável, uma vez que, antes de sua configuração como museu, tratava-se de um arquivo pertencente à Secretaria Municipal de Educação de Londrina. Essa figuração é formada por indivíduos interdependentes, principalmente

estudantes de Graduação e Pós-Graduação. Ao mesmo tempo, os alunos também são formados pela figuração do Museu, pois ambos são inseparáveis e entrelaçados, assim como os indivíduos e a sociedade.

O objeto de pesquisa é a formação do Museu Escolar de Londrina e de estudantes de Graduação e Pós-Graduação que lá atuam, a partir de suas interdependências. Logo, o objetivo geral se pauta em analisar como o MEL influencia e é influenciado pelas práticas museais de estudantes universitários. Destaca-se que esses estudantes possuem vínculos com outras figurações, como a Graduação em Pedagogia, em História e com o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEDu) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Esse vínculo estudantil ocorre por meio de projetos de pesquisa, de ensino e de extensão coordenados por docentes da UEL, nos quais os alunos/pesquisadores atuam como bolsistas de Iniciação Científica ou de Pós-Graduação, assim como colaboradores vinculados a grupos de pesquisa. Esses estudantes cumprem expediente de estágio ou pesquisa em salas do prédio do antigo Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, na UEL, as quais foram cedidas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) para o armazenamento de documentos da Secretaria de Educação de Londrina que compõem o acervo do MEL.

Para compreender o Museu Escolar de Londrina como uma configuração social formada pelas interdependências dos sujeitos, um dos objetivos específicos é regressar à História da Educação e à História dos Museus Escolares visando as relações de dependência que levaram os segundos a se constituírem como instituições.⁵ Outro objetivo específico é analisar pesquisas mais recentes que abordam acervos escolares e a musealização das culturas escolares – geralmente produzidas por autores e autoras que possuem contato com acervos escolares.⁶ Do mesmo modo, ao considerar o MEL um espaço de formação, é necessário analisar bibliografias que abordam os museus como laboratórios de pesquisa e ambiente formador.

Outro objetivo específico se concentra em indicar o lugar que o MEL ocupa na História dos Museus Escolares, visto que, ao longo do século XX, os museus passaram por transformações relacionadas ao tratamento de acervos escolares.⁷ A

⁵ Fio condutor do segundo capítulo da tese.

⁶ Que dá origem ao terceiro capítulo da tese.

⁷ Assuntos abordados no quarto capítulo.

partir desse objetivo, intenciona-se apontar a relação do MEL com projetos de ensino, extensão e pesquisa, assim como descrever o perfil de estudantes que participam desses projetos e, conseqüentemente, contribuem mutuamente para a formação do Museu.

O último objetivo específico se pauta em compreender como se dão a formação e as interdependências dos estudantes que atuam no Museu Escolar de Londrina, por meio da análise de entrevistas. Assim, em diálogo com o objetivo geral, busca-se mapear o vínculo desses alunos com projetos relacionados ao MEL, assim como as práticas museais direcionadas ao acervo do Museu Escolar de Londrina com ênfase nas pesquisas, as quais contribuem para com a comunicação dos documentos do MEL.

1.3 JUSTIFICATIVA

Um museu é espaço de produção e reprodução de conhecimento. Além de suas salas de exposição e arquivos, é necessário conhecer os museus em seus bastidores, a partir de suas ações diárias (Julião, 2006b). Desse modo, as ações das instituições museológicas voltam-se para a preservação, a pesquisa/investigação e a comunicação dos acervos:

Em sentido amplo, o ato de preservar inclui a coleta, aquisição, o acondicionamento e a conservação desses bens; a missão de comunicar se realiza por meio das exposições, publicações, projetos educativos e culturais; e o exercício de investigar permeia todas as atividades de um museu, fundamentando-as cientificamente. (Julião, 2006b, p. 32).

Essas práticas museais contribuem para a valorização do acervo como documentação. A ação de investigação fundamenta-se em uma característica científica que permite a comunicação do acervo. Além disso, “A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação” (Chagas, 2002, p. 13).

Tais argumentos justificam a importância de analisar as interdependências dos estudantes dentro da configuração do MEL, visto que eles exercem atividades de preservação, investigação e comunicação do acervo, com ênfase em práticas de pesquisa científica que comunicam a documentação de forma crítica. Em linhas

gerais, tem-se como hipótese que, ao interagirem entre si, com os demais envolvidos, com projetos e com o acervo do MEL, os estudantes potencializam sua formação acadêmica. Ao mesmo tempo, por meio de suas práticas museais (preservação, investigação e comunicação do acervo) colaboram para com a formação do Museu.

A ênfase nas práticas de pesquisa se justifica por conta da lacuna encontrada no levantamento bibliográfico. Há poucos estudos que abordam a pesquisa e a formação universitária em museus. Geralmente, os estudos que têm museus como objetos de pesquisa se concentram na formação de estudantes da educação básica, ou seja, em ações educativas destinadas ao público escolar, assim como na formação de professores(as) para prepararem seus alunos para uma visita museológica, com ênfase nas exposições.

Porém, mesmo que exista essa lacuna, geralmente os autores e autoras de estudos sobre museus possuem lugares sociais de produção em museus, lugares de memória ou arquivos. No entanto, ressalta-se que a ênfase nas práticas de pesquisa não pretende silenciar outras ações desenvolvidas no MEL. Ao longo do texto serão abordadas as práticas de preservação e as ações educativas desenvolvidas a partir do acervo.

A escolha dos entrevistados justifica-se pelas relações interdependentes que eles exercem em relação ao acervo do Museu Escolar de Londrina. Priorizaram-se alunos que cumprem carga horária semanal no Museu, tendo em vista o levantamento de fontes para suas pesquisas, além da higienização e catalogação da documentação. Evidencia-se que os estudantes entrevistados foram selecionados de acordo com o cronograma de coleta de dados da presente pesquisa, o qual foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética. Selecionou-se e entrevistou-se parte daqueles que desenvolviam estágio e/ou pesquisas no MEL, entre os meses de fevereiro e dezembro de 2023, principalmente os que eram/são vinculados a Iniciações Científicas ou à Pós-Graduação, com pesquisas relacionadas ao Museu⁸.

Também foram selecionados estudantes que contribuíram com as primeiras iniciativas de transferência do arquivo da SME para a UEL, a fim de compreender o

⁸ Um dos critérios utilizados para a seleção foi o ponto de saturação, que de acordo com Daniel Bertaux (1980 apud Alberti, 2008, p. 186), pode ser aplicado em entrevistas, visto que há um momento em que os depoimentos acabam se repetindo, seja no seu conteúdo ou na forma como a narrativa é construída. Para perceber isso é necessário contar com entrevistados de diferentes origens e com distintos papéis dentro do universo estudado. Por isso optou-se por depoentes da Graduação e Pós-Graduação que exercem funções e desempenham pesquisas diferentes em relação ao MEL.

decurso do projeto de formação do Museu. Ainda, optou-se por estudantes que, mesmo sem temáticas de pesquisas relacionadas ao acervo do MEL, exercem práticas museais semanalmente e contribuem para com a pesquisa de outros.

1.4 APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Acerca dos aportes teóricos, estes se concentram na teoria de Norbert Elias sobre as sociedades não possuírem formas perceptíveis, mas elos invisíveis de interdependências entre indivíduos, os quais dão sentido às relações sociais (Elias, 1994a) e, no caso da presente pesquisa, aos museus. Além disso, a base teórica se concentra em estudos que dialogam com a Nova História Cultural e a História da Educação, pois as novas abordagens de pesquisa desencadeadas por esses campos impulsionam estudos a respeito de práticas culturais relacionadas aos acervos escolares e aos museus (Possamai, 2015).

Inicialmente, o método da pesquisa se pauta no levantamento bibliográfico em bases de dados de revistas científicas indexadas, direcionadas ao campo da História da Educação, além de teses e dissertações referentes ao tema selecionado. Sobre a coleta de fontes, tem-se como suporte a produção de entrevistas⁹ semiestruturadas – com base em apontamentos da História Oral. Referente à análise documental, prioriza-se a pesquisa histórica. Por conseguinte, as fontes serão interpretadas como documento-monumento (Le Goff, 1984). No que concerne aos documentos, estes são selecionados pelos historiadores que os caracterizam como indícios. Já os monumentos estão ligados ao poder de evocar o passado e perpetuar lembranças para o futuro por meio de intencionalidades. Le Goff (1984) indica a inexistência de documentos inócuos porque todo documento deve ser considerado um monumento, ou seja, um produto da sociedade, das relações de poder, de seleções e intencionalidades.

De modo geral, o método de coleta de fontes se pauta na preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. A primeira etapa consiste em considerar os entrevistados como unidades qualitativas e selecioná-los de acordo com o papel que exercem em relação ao tema investigado, visando depoimentos representativos

⁹ A proposta de trabalho com entrevistas foi aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE n. 68567423.1.0000.5231), em 2023, e se respalda em carta de cessão de direitos, declaração de instituição coparticipante (MEL) e termo de confidencialidade e sigilo.

(Alberti, 2008). Por isso a escolha por estudantes de Graduação e Pós-Graduação, visto ser uma temática direcionada à formação em um museu escolar. Ainda nesta primeira etapa, elaborou-se um roteiro de entrevistas semiestruturado com questões tangenciais, que permitem a articulação da pesquisa do tema com o relato dos entrevistados (Alberti, 2008). O roteiro orientou-se em perguntas sobre a trajetória acadêmica dos estudantes, participação em projetos, contato e pesquisa sobre acervos, atividades desempenhadas no MEL, entre outros questionamentos que correspondem ao objeto de análise – a formação do Museu Escolar de Londrina (MEL) e de estudantes de Graduação e Pós-Graduação que lá atuam. As perguntas buscam compreender o lugar social dos estudantes, assim como suas ações e interações a partir do e para o projeto.

São 44 perguntas semiestruturadas, formuladas com o intuito de enxergar os depoimentos a partir das relações de força nas quais estão inseridos. Quanto ao lugar social dos estudantes, as primeiras perguntas (1 a 13) visam respostas sobre a trajetória acadêmica, se houve contato com acervos e arquivos antes do MEL e se desenvolveram pesquisas sobre essa temática (antes ou depois do contato com o acervo). Acredita-se que esses questionamentos podem justificar as interdependências e as relações de poder que levaram os estudantes ao MEL a partir, especialmente, de suas atividades antecessoras.

Já as perguntas 14 a 28 concentram-se em perceber as motivações e as atividades dos estudantes no MEL, a fim de compreender quais funções eles exercem perante a rede de interdependência à qual pertencem. As perguntas 29 a 37 buscam entender a formação e as preferências dos estudantes em relação ao acervo. Elas são cruciais para a pesquisa, pois possibilitam respostas sobre como eles foram preparados para tratar o acervo, como isso contribui para sua formação acadêmica e de que modo o contato com o acervo pode gerar preferências de pesquisas.

Quanto às perguntas 38 a 42, sobre as dificuldades vivenciadas e os resultados alcançados no MEL, espera-se que os estudantes elenquem problemas relacionados ao tratamento do acervo, mas que tenham em vista que há resultados que são frutos do seu trabalho e de outros indivíduos envolvidos e que consigam se enxergar como sujeitos históricos que contribuem para a formação do MEL. As perguntas 43 e 44

visam as interdependências dos indivíduos, tendo como ponto as contribuições de suas interações na formação acadêmica e na vida pessoal¹⁰.

A realização das entrevistas considera o ritmo do entrevistado, o qual é responsável pelo caminho da lembrança e pela construção do pensamento. É importante ter cautela e esperar que ele termine seu raciocínio e, depois, formular novas perguntas (Alberti, 2008). É necessário estar atento às oportunidades de elaborar perguntas importantes ao objeto de pesquisa, assim como verificar o funcionamento do gravador e fazer anotações quando for o caso. Busca-se por perguntas simples e diretas as quais não possam ser respondidas apenas com “sim” e “não” (Alberti, 2008).

Quanto ao tratamento das entrevistas, seguem-se as orientações da História Oral no que diz respeito à duplicação da gravação, tendo em vista cópias de segurança. Optou-se por manter as entrevistas gravadas em um Google Drive restrito, assim como na memória do aplicativo *Transkriptor*. Este aplicativo é responsável por transformar áudios em textos por meio de transcrição automática. Após esse trabalho de transcrição vem o trabalho de conferência de fidelidade, pautado em ouvir a entrevista e verificar se o texto transcrito está de acordo com o gravado (Alberti, 2008).

O perfil dos entrevistados e das entrevistadas concentra-se em estudantes de Graduação e Pós-Graduação em diferentes graus de desenvolvimento de pesquisas e atuação. Há estudantes da Graduação que estão fazendo o mapeamento, inventários e a catalogação de documentos de acordo com suas temáticas de Iniciação Científica ou Trabalhos de Conclusão de Curso, ao mesmo tempo que auxiliam na preservação do acervo em geral, através da prática de higienização. Encontram-se também estudantes de Pós-Graduação que fazem o levantamento de possíveis fontes de análise que possam responder aos objetivos de suas pesquisas. Outros entrevistados, porém, não pesquisam acervos específicos; porém, contribuíram tanto para os trâmites e o processo de transferência dos documentos para a Universidade Estadual de Londrina quanto para a sistematização arquivística deles nas acomodações oferecidas.

¹⁰ O roteiro original conta com outras perguntas, as quais não foram utilizadas durante a análise, pois as respostas ultrapassaram os objetivos da pesquisa em relação à formação dos estudantes e do MEL e à temporalidade da coleta de entrevistas. Essas perguntas giravam em torno de expectativas sobre o futuro do Museu.

A seguir, no Quadro 1, pode-se ver o perfil dos entrevistados. O Quadro contém sua formação acadêmica, vínculo, pesquisa e funções exercidas no MEL. Destaca-se que os vínculos aparecem como Iniciação Científica, Colaborador(a), Pesquisa de TCC, Pesquisa de Mestrado e/ou Doutorado, professora da rede municipal, bolsista de Pós-Graduação e gerência do acervo. Alguns estudantes possuem diferentes vínculos, pois se relacionam com o projeto em distintos momentos de sua formação acadêmica ou carreira profissional. Há aqueles que participaram de Iniciações Científicas na Graduação e, depois, desenvolveram trabalhos de TCC, Mestrado ou Doutorado. Ainda, existem estudantes que, durante um tempo, foram colaboradores, o que significa que não desenvolveram pesquisas sobre o acervo na época da entrevista ou em outros momentos de sua trajetória no MEL, mas colaboraram para a preservação dos documentos.

Quadro 1 – Perfil dos estudantes entrevistados

Estudante	Formação	Curso	Vínculo	Pesquisa(s) relacionadas ao acervo do MEL	Funções
Anna Carolina Sloma Mussa	Graduanda	História – UEL	Iniciação Científica (bolsista)	Escolarização da pobreza na rede municipal de Londrina/PR	Preservação/higienização, catalogação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo
Camilly Aparecida de Souza	Graduanda	Pedagogia – UEL	Colaboradora	—	Preservação/higienização, catalogação e ações educativas
Jessica Pimenta	Graduanda	Pedagogia – UEL	1) Iniciação Científica (bolsista e colaboradora) 2) Pesquisa de TCC	1) Escolarização da pobreza na rede municipal de Londrina/PR 2) Termos de visita e avaliação das escolas municipais de Londrina	Preservação/higienização, catalogação e pesquisa do acervo.
Maria Clara Bagatim do Amaral Gomes	Graduanda	Pedagogia – UEL	1) Iniciação Científica (bolsista) 2) Pesquisa de TCC	1) Levantamento de documentos do Departamento de Educação Pública e Assistência Social (DEPAS); como ser “bom professor” segundo o DEPAS. 2) <i>Habitus</i> de ser bom professor segundo o DEPAS.	Preservação/higienização, catalogação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo

Marcela Silva da Cunha	Graduanda	Pedagogia – UEL	1) Iniciação Científica (bolsista) 2) Pesquisa de TCC	1) Levantamento de jornais e revistas nos arquivos do Museu Escolar de Londrina e temáticas educacionais do Novo Jornal, encontrado no acervo do MEL 2) O impacto da criação da UEL pelo viés do Novo Jornal	Preservação/higienização, catalogação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo
Tainã Aparecida Teixeira da Silva	Graduada	Pedagogia	1) Iniciação Científica (bolsista) 2) Pesquisa de TCC 3) Colaboradora	1) Escolarização da pobreza e educação do corpo na escola municipal de Londrina 2) O Movimento Brasileiro de Alfabetização no município de Londrina	Preservação/higienização, catalogação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo
Bruna Ester Gomes Yamashita	Pós-Graduação	1) Mestrado em Educação 2) Doutorado em Educação	1) Pesquisa de Mestrado 2) Pesquisa de Doutorado 3) Professora da Educação Básica da rede municipal de Londrina *sem bolsa	1) Poder municipal e educação na cidade de Londrina 2) Relações entre a escola e a cultura na cidade de Londrina 3) Elaboração de maquete educativa da casa-escola do MEL	Preservação, catalogação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo
Eliane Aparecida Candoti	Pós-Graduada	1) Mestrado em Educação 2) Doutorado em Educação	1) Pesquisa de Mestrado 2) Pesquisa de Doutorado 3) Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Londrina *sem bolsa	2) Ações educativas a partir do Museu Escolar de Londrina 3) Formação de professores(as)	Preservação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo.
Gabriel Renan Alberguine	1) Graduação 2) Pós-Graduação	1) História 2) Mestrado em Educação	1) Iniciação Científica (bolsista) 2) Bolsista de Pós-Graduação	1) Educação escolar municipal de Londrina a partir do arquivo do DEPAS e memórias de professores sobre a escola	Preservação/higienização, catalogação, pesquisa e comunicação do acervo

				rural Urandy Andrade Correia. 2) Cinema educativo e audiovisual nas ações educacionais do Município de Londrina	
Gabriela da Silva Sacchelli	Pós-Graduação	Doutorado em Educação	Bolsista de Pós-Graduação	Ações municipais na escolarização rural em Londrina	Preservação/higienização, catalogação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo.
Matheus Chiconato Borges	1) Graduação 2) Pós-Graduação 3) Pós-Graduando	1) Educação Física 2) Mestrado em Educação 3) Doutorado em Educação	1) Iniciação Científica (bolsista) 2) Bolsista de Pós-Graduação 3) Bolsista de Pós-Graduação	3) Práticas corporais de Educação Física nas ações municipais de Londrina	Preservação/higienização, catalogação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo
Rosemeire Ferreira Lopes	Pós-Graduada	Mestrado em Educação	1) Pesquisa de Mestrado 2) Gerência do Museu Escolar de Londrina, cedida pela Secretaria Municipal de Educação de Londrina / Prefeitura Municipal de Londrina *sem bolsa	1) Constituição de um arquivo de documentos históricos da educação municipal de Londrina 2) Elaboração de materiais didáticos, site e redes sociais	Preservação/higienização, catalogação, ações educativas, pesquisa e comunicação do acervo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, a pesquisa tem como hipótese que os indivíduos possuem funções interdependentes que resultam em uma figuração de práticas museais (catalogação de documentos, investigação de acervo, elaboração e circulação de pesquisas acadêmicas, ações educativas etc.) que contribuem para a formação universitária dos estudantes, ao mesmo tempo que potencializam a comunicação do acervo escolar londrinense. Logo, ressalta-se que as práticas museais desenvolvidas por esses estudantes constituem-se em um exercício de cidadania, uma vez que se concentram em ações que permitem a organização de um conjunto de testemunhos do passado escolar e, por conseguinte, ajudam a preservar e tornar acessíveis os vestígios que

contribuem para com a verificação, interpretação e manutenção dos alicerces da memória (Felgueiras, 2011).

Para alcançar os objetivos propostos, a estrutura da pesquisa se pauta, inicialmente, no segundo capítulo, intitulado *Museus Escolares: (re)configurações entre os séculos XIX e XX*, visando apresentar e refletir sobre a trajetória dos Museus Escolares no Brasil, tendo em vista, principalmente, os contextos das configurações museológicas e da História da Educação. Assim, adere-se como balizas temporais da História dos Museus Escolares a introdução do método intuitivo nas escolas, no final do século XIX, até as reformulações que ocorreram sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Essas transformações têm em vista o alargamento de acervos e abordagens nos campos da História da Educação e da Nova História Cultural e os museus como lugares de reflexão crítica. O capítulo permite a compreensão das transformações e permanências das interdependências que ocorreram em diferentes configurações – Museus Escolares, Museus Pedagógicos, Escolas, Legislação etc. – e influenciaram a trajetória histórica dos Museus no Brasil.

No terceiro capítulo, *Interdependências Entre Acervos, Museus Escolares e a Produção de Conhecimento*, busca-se analisar bibliografias que versam sobre os acervos escolares, a musealização da cultura escolar, as inter-relações entre o museu e a escola, bem como os museus como espaço de pesquisa e formação universitária. Esses assuntos indicam categorias de análise em diálogo com o objeto de pesquisa proposto. Trata-se de pesquisas que ajudam a compreender o que já foi produzido sobre a temática dos Museus Escolares como espaço de formação, assim como suas lacunas.

Após refletir sobre a trajetória histórica dos Museus Escolares e analisar bibliografias que versam sobre a problemática da pesquisa, o quarto capítulo, *O Museu Escolar de Londrina (MEL) e os Indivíduos*, visa posicionar o MEL na história dos Museus Escolares, assim como iniciar a discussão sobre as interdependências que ocorrem naquela figuração a partir de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Em seguida, no mesmo capítulo, intenciona-se esclarecer o método de coleta e interpretação de fontes e elencar os perfis dos entrevistados e as trajetórias acadêmicas que os levaram a atuar no Museu Escolar de Londrina.

No quinto capítulo, *Formação: o Museu Escolar de Londrina e os indivíduos*, serão analisadas as inter-relações dos estudantes que atuam (ou atuaram) no MEL, tendo em vista as práticas museais lá desenvolvidas, com ênfase nas pesquisas por

eles elaboradas. Infere-se que as funções interdependentes dos indivíduos não são estáticas. Logo, a figuração MEL passa por transformações. Ao exercerem suas funções de preservação e pesquisa direcionadas ao acervo, os estudantes contribuem para a formação do MEL e, ao mesmo tempo, para a sua própria formação.

É necessário destacar que a análise das entrevistas depende do contexto da produção e que as relações dos indivíduos são dinâmicas e mudam conforme passa o tempo. As entrevistas ocorreram ao longo de 2023, e as análises entre agosto de 2023 e agosto de 2024. Portanto, não se pode desconsiderar que houve mudanças nas funções e no decurso dos estudantes. Ou seja, as entrevistas são datadas. As interdependências dos indivíduos podem mudar e trazer outros resultados para pesquisadores que se debruçarem sobre assuntos semelhantes ao da presente tese, em temporalidades diferentes.

2 MUSEUS ESCOLARES: (RE)CONFIGURAÇÕES ENTRE OS SÉCULOS XIX-XX

A relação entre os indivíduos lhes possibilita que eles forjem a sociedade ao mesmo tempo em que forjam a si mesmos (Elias, 1994a). Conforme o autor, não existe uma dicotomia entre sociedade e indivíduos, pois nenhum dos dois existe sem o outro. O ser humano individual não representa um cosmo autônomo, mas uma manifestação única na rede de uma sociedade. As funções psíquicas dos indivíduos são moldadas na interação com outras pessoas, pois existem relações de interdependências (Elias, 1994a).

Esses vínculos formam “longas cadeias de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades” (Elias, 1994a, p. 20). O indivíduo é um elo em uma rede de funções que chamamos de sociedade. Assim, as funções interdependentes formam configurações, a exemplo de um jogo.

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários. (Elias, 1994a, p. 142).

Uma configuração – como família, escola, comunidade, Estado e museu – não é estática, pois, como um jogo, é constituída por tensões e interdependências. Além disso, as figurações acontecem por meio da vida conjunta em grupos, as quais possibilitam a construção de símbolos socialmente aprendidos, como é o caso de uma língua que promove a orientação e a comunicação entre os indivíduos (Elias, 1994a).

Além disso, as figurações são dinâmicas e passíveis de transformações. “Vilarejos podem se tornar cidades; clãs podem se tornar Estados” (Elias, 2006, p. 26). Isso ocorre porque o ser humano singular pode “desligar-se de determinada figuração e introduzir-se em outra” (Elias, 2006, p. 270), a exemplo dos burgueses e nobres nos contextos anterior e posterior à Revolução Francesa e às variações de figurações, como famílias, cidades e países (Elias, 2006).

Segundo a teoria de Elias (1994b), as transformações que ocorrem nas figurações, em um processo histórico de longa duração, estão relacionadas às mudanças no comportamento dos indivíduos (psicogênese) e nas estruturas sociais

(sociogênese), as quais ocorrem mutuamente. “Isto porque as estruturas da personalidade e da sociedade evoluem em uma inter-relação indissolúvel” (Elias, 1994b, p. 221).

Tendo em vista os argumentos apresentados, intenciona-se analisar os museus como configurações sociais que possuem um mundo simbólico específico, dentro de um processo de psicogênese e sociogênese, de acordo com a teoria eliasiana. Os museus de diferentes tipologias – com ênfase nos escolares – serão abordados como configurações e vestígios das formas como os indivíduos modelam a sociedade e a si mesmos, considerando as transformações da personalidade dos seres individuais e as mudanças que ocorrem nas estruturas da sociedade entre o final do século XIX e século XX.

Os museus também serão interpretados a partir das relações de poder estabelecidas entre os indivíduos. De acordo com Elias (1980, p. 80), o poder não é inalterável, ele se distribui de acordo com o “[...] o movimento das figurações sociais, estando sempre em uma balança de diferentes gradientes, que pode inverter-se em qualquer curso da história, dependendo do nível de acesso às suas proporções por parte dos indivíduos”. Portanto, a trajetória dos museus conta com mudanças e permanências que demonstram as transformações dos gradientes de poder entre os indivíduos que disputam pela representação de suas memórias, de acordo com o contexto em que estão inseridos.

2.1 CONFIGURAÇÕES MUSEAIS DO BRASIL (SÉCULO XIX)

Conforme Elias (1994b), no final da Idade Média, a aristocracia de corte englobava toda a Europa Ocidental e tinha como centro a cidade de Paris, onde todos falavam a mesma língua – o francês – e possuíam o mesmo estilo de vida. Porém, a partir de meados do século XVIII, há um deslocamento do centro político e social da Corte para as sociedades burguesas nacionais, gerando um afrouxamento de laços entre elas. Dessa forma, a língua francesa dá lugar às línguas nacionais burguesas.

Naquele momento, a velha sociedade aristocrática perdeu seu protagonismo com a Revolução Francesa. Ou seja, a modificação de uma estrutura de personalidade dos indivíduos e a interiorização de um processo civilizador relacionado aos objetivos da Revolução. Na mesma conjuntura, de acordo com Julião (2006a), surge a acepção moderna de museu no sentido de instruir a nação e disseminar o

civismo e a história a partir do ponto de vista da Revolução Francesa. Nesse contexto, surgem os museus nacionais e públicos a fim de reproduzir uma nova comunidade imaginada (Poulot, 2013).

De outro modo, os bens do clero e da coroa foram transferidos à nação com o intuito de serem ressignificados de acordo com as novas demandas da sociedade. Essa perspectiva consolida-se no século XIX, quando importantes instituições museológicas foram criadas tendo em vista a ambição pedagógica de formar os indivíduos por meio do conhecimento do passado, legitimando, assim, a formação de Estados Nacionais emergentes (Julião, 2006a) com base na trajetória de homens ilustres (Poulot, 2013).

Outro resultado desse contexto foi a constituição de museus enciclopédicos formados a partir dos resultados da expansão marítima e das escavações de sítios arqueológicos – antes disso, destinados apenas às coleções principescas. Logo, muitas instituições museológicas da Europa Ocidental investiram no acúmulo de “objetos exóticos”, advindos de outros continentes.

O acúmulo de objetos exóticos vindos de terras distantes a partir das grandes navegações deu origem aos museus enciclopédicos, às novas disciplinas destinadas ao estudo dessas coleções nascentes – arqueologia, paleontologia, história da arte e etnografia, entre outras – e a uma elite intelectual. Os Estados Nação se apropriaram dos museus, transformando-os em locais de celebração dos acontecimentos fundadores da Nação e em instrumentos de propaganda política, que exaltavam seus grandes feitos, seus personagens históricos e as suas conquistas, a exemplo da criação do Museu do Louvre, instalado após a Revolução Francesa no antigo palácio real. (Guedes, 2017, p. 351)

No mesmo contexto do século XIX, desenvolve-se a estrutura do campo da Arqueologia, atrelado à época da “caça aos tesouros”, por conta da busca por cidades perdidas e riquezas soterradas em sítios arqueológicos (Costa, 2019). Consequentemente, vários Estados Nacionais passaram a depender financeiramente dos “tesouros perdidos”, sendo o Egito um de seus focos, devido à descoberta do esconderijo real do complexo de *Deir el-Bahari*, na segunda metade dos Oitocentos. Outras iniciativas tinham como objetivo a pilhagem de sítios arqueológicos, que remontam aos impérios Bizantino, Romano Ocidental e Persa (Costa, 2019).

Ainda sobre a coleta de antiguidades, aos cônsules britânicos foi delegada a função de angariar artefatos que viessem a somar coleções, conforme o trecho a seguir:

Salt passou mais de onze anos no Egito, nos quais foi encarregado, também, de tomar conta dos consulados de Alexandria e do Cairo. Formou a sua primeira coleção de antiguidades egípcias a partir de 1818, que foi comprada pelo Museu Britânico, por duas mil libras [...]. Uma segunda coleção de antiguidades foi reunida por ele entre os anos de 1819 e 1824, após receber uma herança devido à morte de seu pai, ocorrida em 1817. Essa coleção também era para ser vendida ao Museu Britânico, mas a França a comprou por dez mil libras em 1826, destinada ao Museu do Louvre. Por fim, o Museu Britânico adquiriu uma terceira coleção após a sua morte, composta por mais de mil itens, dentre eles uma mesa dos reis de Abidos. (Costa, 2019, p. 59).

Nesse período, destaca-se a disputa entre os museus do Louvre e Britânico, a fim de formar as maiores coleções enciclopédicas e pilhagens de riquezas à serviço da legitimação dos Estados Nação. Assim, observa-se a existência de figurações sociais de indivíduos – museus e Estado – que, por meio de suas diversas funções interdependentes – como colecionar e escavar tesouros e objetos exóticos, assim como legitimar o poder de grupos específicos –, consolidaram representações do passado e funções pedagógicas dos museus ao longo do século XIX.

Em parênteses, ressalta-se que tais iniciativas têm aparecido na produção do entretenimento audiovisual das últimas décadas, como uma possível configuração de descolonização museal, que implica na

[...] revisão das gramáticas museais, propiciando que patrimônios e museus possam ser disputados por um maior número de atores, materializando os sujeitos subalternizados no bojo de um fluxo cultural intenso que leve à composição de novos regimes de valor, a partir da denúncia dos regimes de colonialidade imperantes. (Brulon, 2020, p. 5).

Uma possível consequência desse processo de descolonização é o filme *Escavação*, baseado em um romance sobre as escavações de Sutton Hoo, lançado em 2021, por uma plataforma de *streaming*, a partir do roteiro de Moira Buffini. Narra a iniciativa da britânica Edith Petty e do escavador de um pequeno museu local, Basil Brown, na escavação de um sítio arqueológico que revelou um barco funerário e objetos anglo-saxões, os quais representam o período medieval do Reino Unido. No

enredo, a repercussão da descoberta chamou a atenção de pesquisadores do Museu Britânico, que enviaram uma equipe para auxiliar na escavação (Armstrong, 2021). A partir do filme identificam-se as intencionalidades do museu em relação ao processo de “caça aos tesouros”. Porém, o roteiro valorizou e evidenciou o trabalho de um escavador humilde em detrimento da iniciativa do Museu Britânico.

Ainda em parênteses, e em diálogo com um discurso de descolonização museal, destaca-se a segunda temporada da série *La Casa de Papel* – lançada em 2021, por uma plataforma de *streaming*, a partir do roteiro de Álex Pina – acerca da invasão e tentativa de roubo do Banco da Espanha. Quando questionado sobre o fato de não roubarem os artefatos em ouro presentes no Museu do banco, um dos personagens justifica que aqueles objetos não pertencem aos espanhóis, mas aos povos incas que sofreram pilhagens durante a colonização espanhola na América.

É importante observar que, ao abordar o filme e a série citados como reflexos de um processo de descolonização museal, trata-se de uma apropriação à luz da História dos Museus em diálogo com percepções históricas e museológicas atuais. De outro modo, no que diz respeito às produções audiovisuais de cunho histórico, não importa “cobrar do diretor a fidelidade ao evento encenado em todas as suas amplitudes e implicâncias, mas de perceber as escolhas e criticá-las dentro de uma estratégia de análise historiográfica” (Napolitano, 2008, p. 275).

Ao retomar a história das instituições museológicas, para além da legitimação dos Estados Nacionais e do acúmulo de riquezas por meio de pilhagens, os museus também se tornaram instrumentos da ciência ao longo do século XIX. Por meio do desenvolvimento da Antropologia Cultural, sob a ótica evolucionista, a cultura material e a natural coletadas na América, África e Ásia, expostas e investigadas em museus, passaram a legitimar uma lógica etnocêntrica que favorecia o progresso europeu. Assim, observa-se a reorientação de uma configuração intelectual. Até então, prevaleciam os aportes do Iluminismo, centrados em uma visão unitária da humanidade, por conta das “hipóteses igualitárias” das revoluções burguesas. A mudança percebida passou a se concentrar na ideia de raças diferentes, com base no modelo evolucionista cultural e no darwinismo social (Schwarcz, 1993).

Na perspectiva do evolucionismo cultural, a civilização e o progresso aos moldes europeus eram vistos como modelos universais, que seriam alcançados a partir de uma evolução, “como se o conjunto da humanidade estivesse sujeito a passar pelos mesmos estágios de progresso evolutivo” (Schwarcz, 1993, p. 63). A respeito

do darwinismo social, a miscigenação era vista de forma pessimista, a fim de enaltecer as raças tidas como “puras” e “compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social” (Schwarcz, 1993, p. 64). Enquanto para a hipótese evolucionista a humanidade estava condicionada a alcançar a civilização em estágios, para o darwinismo social “o progresso estaria restrito às sociedades ‘puras’ [...] deixando a evolução de ser entendida como obrigatória” (Schwarcz, 1993, p. 67).

No Brasil, ao longo do século XIX, os museus passaram por um movimento patriótico que visava a construção da nação brasileira através da celebração das riquezas do país, a exemplo da fauna e da flora (Julião, 2006a). O enfoque nas riquezas naturais do Brasil mostra o que Wouters (2012) chama de fascinação pelo “estilo de vida natural”, ao mesmo tempo que existia uma aversão aos “modos selvagens”, visto que, durante o século XIX, os indivíduos internalizam o autocontrole do corpo, dos gestos e formas de falar (Wouters, 2012).

Tais fatores justificam, por exemplo, a constituição de museus enciclopédicos voltados à exibição de coleções naturais relacionadas à paleontologia, etnografia e arqueologia (Julião, 2006a). Paralelamente, foram criados museus de história de cunho celebrativo (Julião, 2006a), que são, segundo as concepções de Poulot (2013), museus românticos responsáveis por legar ao futuro os “gloriosos” anais da humanidade por meio de grandes personagens e acontecimentos. A coexistência dessas tipologias de museus demonstra a separação entre os museus etnográficos e os eruditos (Poulot, 2013).

Com base nas ideias de Norbert Elias (1993; 1994b) sobre o processo civilizador dos costumes e da formação do Estado, nota-se a psicogênese dos indivíduos e a sociogênese dos museus. No decorrer do século XIX, as instituições museológicas passaram por um processo civilizador marcado pela dicotomia entre “civilizados” e “selvagens”, pelo qual os primeiros – a depender do contexto, como os burgueses filhos da Revolução, a elite imperial do Brasil ou os personagens da República brasileira – faziam parte da história e dos anais “gloriosos” do passado. Os segundos eram contemplados em coleções etnográficas, como se não pertencessem à história dos homens e, sim, da natureza, a exemplo das “viagens pitorescas” de Jean-Baptiste Debret, quando, no primeiro volume, retratou os povos indígenas como um elemento exótico do “Novo Mundo”.

Quanto aos museus naturais, sua missão não se pautava apenas em retratar o “exótico” e o “selvagem”, mas, também, em servir como ateliê de ciência. A partir da

década de 1880, por conta de um decurso de reformulações no campo da História das Ciências no Brasil, a atividade científica ultrapassou um modelo analítico. Houve uma mudança metodológica por meio de um processo de consolidação de ações científicas vinculadas a determinados espaço e tempo históricos (Lopes, 2009).

Nesse instante, no Brasil, os museus passaram a ser vistos como instituições científicas, nas quais o conhecimento era produzido de acordo com as demandas políticas e sociais da época. Esse decurso científico dos museus recebeu morada em especial nas grandes e pioneiras instituições museológicas, como os museus de História Natural. Entre eles se destacam o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu Paranaense, assim como o Museu Paraense “Emílio Goeldi”, os quais financiaram, circularam, divulgaram e serviram como laboratório de diversas pesquisas e publicações (Lopes, 2009).

No que se refere aos laços de interdependências, a partir da pesquisa de Lopes (2009) sobre museus como espaços de produção de conhecimento científico, a organização interna das instituições ocorreu de acordo com as intencionalidades de diretores, naturalistas e demandas de publicações daquele período. Além disso, existiam interdependências externas, como as influências de museus estrangeiros consolidados, assim como discordâncias entre naturalistas brasileiros e do exterior (Lopes, 2009).

Identifica-se um processo civilizatório dos museus a caminho da construção de conhecimento científico e, por conseguinte, legitimado pela comunidade científica, com ênfase nas ciências naturais. Nesse sentido, no final do século XIX – considerando, também, o cenário de declínio do Estado Imperial e a ascensão das ideias republicanas e positivistas –, houve alterações e transições no comportamento e na personalidade dos sujeitos que atuavam em museus ou produziam pesquisas relacionadas a essas instituições.

A transformação das configurações, chamada por Elias (1994b) de psicogênese, contribui para o desenvolvimento social (sociogênese) em que os indivíduos estão inseridos. Observa-se que as relações sociais dos sujeitos envolvidos em ações museais fabricam transformações na personalidade dos indivíduos, de forma que a sociedade não é o meio mais “essencial” e nem o indivíduo o ser “menos importante” (Elias, 1994b). É necessário analisar o que está por trás dessa antítese, pois nenhum dos dois existe sem o outro (Elias, 1994b).

Esse desenvolvimento social, pautado na busca por museus considerados como ateliês da ciência, possibilitou uma alteração na estrutura social e comportamental dos indivíduos no que diz respeito às interdependências dos museus com as escolas, ambiente que também passava por transformações e que visava tornar o ensino e a aprendizagem escolar mais científicos, a partir de um método intuitivo.

Em outras palavras, entre o final do século XIX e o início do século XX, momento da implantação da República, os Museus de História Natural se desenvolveram no mesmo contexto que a educação embasada nos princípios científicos. Antes disso, destaca-se o Museu Nacional que, desde o Período Joanino, tornou-se referência na produção de conhecimento. Por este motivo, as escolas encontraram “nos museus de ciências coleções e conhecimentos necessários a um adequado desenvolvimento dos saberes curriculares” (Faria; Possamai, 2019, p. 5). Naquele momento, as características dos Museus de História Natural atendiam às expectativas do método intuitivo.

Durante o Império, o Decreto nº 7247 de 19 de abril de 1879, conhecido como a Reforma de Leôncio de Carvalho, previa a reforma dos ensinos primário, secundário e superior. Sobre o ensino primário, a principal mudança é que este deveria ser feito com base no método intuitivo [...]. As escolas deveriam contar com as disciplinas de História Natural, Física e Química. As faculdades teriam que se equipar com laboratórios e instrumentos que garantiriam o ensino prático. (Silva, 2015, p. 82)

A necessidade de garantir o ensino prático transformou os Museus de História Natural em ateliês da ciência, pois o método intuitivo, segundo a perspectiva de Rui Barbosa, “proporcionaria a educação dos sentidos, por meio de exercícios de observação, de reflexão e pelo desenvolvimento da linguagem” (Possamai, 2012, p. 4). Assim, surgem os Museus Escolares, visando apoiar o ensino embasado no estímulo dos sentidos, a fim de estimular uma pedagogia do olhar para chegar à compreensão (Faria; Possamai, 2019).

Em linhas gerais, nota-se um padrão mutável de configurações interdependentes. As transformações dos paradigmas científicos do século XIX – tendo como base os estudos relacionados ao evolucionismo e darwinismo sociais e as reformulações escolares relacionadas ao método intuitivo e científico – contribuíram para a reconfiguração dos museus direcionados à construção de

discursos nacionais dualistas – que colocavam em oposição a noção de civilização e barbárie ou etnográfico e histórico –, assim como para a formação de Museus Escolares com ênfase no método intuitivo e nas ciências naturais.

Para além das configurações citadas, faz-se necessário aprofundar as relações entre o campo da História da Educação e dos Museus Pedagógicos e Escolares, pois o método intuitivo foi crucial para a disseminação de Museus Escolares entre o final do século XIX e início do século XX, assim como os Museus de Educação contribuíram para o projeto de modernização da Educação no contexto de transição entre a monarquia e a república brasileiras.

2.2 INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E OS MUSEUS

A História da Educação apresenta três momentos característicos (Vidal; Faria Filho, 2005; Possamai, 2015). Inicialmente, a partir da segunda metade do século XIX, houve publicações de especialistas diversos vinculadas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tendo em vista a escrita da História da Educação brasileira. O maior interesse se pautava em compendiar e comunicar conjuntos de documentos oriundos de órgãos oficiais, pois, naquele contexto, o IHGB intencionava delinear as origens da nação, assim como projetar uma identidade nacional (Possamai, 2015).

O segundo momento da História da Educação se pauta na inclusão da disciplina nos currículos das antigas escolas normais, dentro de um contexto de reformulação e modernização da Educação, no que se refere aos paradigmas da Escola Nova¹¹. Esse período foi direcionado à elaboração de manuais que colocavam a História da Educação como disciplina formadora, pois, historicamente, fundamentava os processos educacionais do presente (Possamai, 2015). O último período diz respeito à segunda metade do século XX, por conta da criação de Programas de Pós-Graduação em Educação, os quais resultaram em uma escrita acadêmica que acompanhou um viés marxista e, posteriormente, a Nova História Cultural (Vidal; Faria Filho, 2005).

¹¹ De acordo com Vidal (2000), na perspectiva escolanovista o aluno assume o centro dos processos de construção de conhecimento escolar, colocando a aprendizagem acima do ensino. Ao mesmo tempo, a pedagogia passava a dialogar com a lógica dos novos ritmos da sociedade relacionados à técnica e ao maquinismo, visando que os alunos conquistassem o máximo de frutos em um mínimo de tempo.

Em suma, entre o final do século XIX e no decorrer do século XX, observa-se uma produção da História da Educação relacionada às influências positivistas, marxistas e da Nova História Cultural (Possamai, 2015). Esta última, e mais recente influência, favoreceu uma reformulação teórica e metodológica, direcionando novas perspectivas e problemáticas, assim como o entusiasmo por novos objetos, temas e fontes de investigação (Possamai, 2015).

Segundo Peter Burke (2008), o interesse no campo da História Cultural trouxe, por exemplo, a preocupação com “culturas de conhecimento” como práticas de leitura, ritos de passagens acadêmicas e a história presente na cultura material da Educação, até mesmo modestas ferramentas de conhecimento escolar, como estantes e quadros-negros (Burke, 2008). Nesse sentido, as mudanças no campo da História difundiram interesses e pesquisas relacionadas a cotidiano, vida privada e sujeitos antes não representados, como mulheres e crianças. Tal perspectiva provocou um alargamento de fontes antes pouco utilizadas ou marginalizadas em relação aos documentos produzidos pelo Estado (Possamai, 2015).

Ainda, a disseminação das referências de autores como Roger Chartier contribuiu para com o crescimento do uso de conceitos como circulação, representação, apropriação, saberes e culturas escolares, o que se pode chamar de práticas culturais (Falcon, 2006). Tais perspectivas apontam que a história educativa não se limita ao âmbito escolar, pois o educativo compõe o mecanismo social e cultural. É necessário compreender que a História da Educação está inserida na história da sociedade. Assim, a educação é um objeto de pesquisa crucial para compreender a formação cultural de uma sociedade (Falcon, 2006). O cultural pode ser entendido a partir de um enfoque transdisciplinar, característico de todo o fazer humano, de forma que o cultural faz parte de todos os níveis das práticas humanas (Falcon, 2006).

Novos aportes possibilitaram olhares renovados sobre as ideias pedagógicas, as instituições escolares e a profissão docente (Possamai, 2015). Nesse sentido, no que se refere à História da Educação, novos objetos passaram a ser explorados, como as práticas de leitura e de escrita e o estudo das culturas escolares, inclusive a cultura material (Possamai, 2015). Conforme Meneses (1994), os seres humanos estão imersos em um universo de coisas materiais vitais para nossa sobrevivência social, além de biológica e psíquica. A cultura material é crucial para a produção e reprodução

social e deve ser entendida como uma manifestação humana complexa que necessita da apropriação social (Meneses, 1994).

Segundo Escolano Benito (2017), o sentido da escola está atrelado à cultura. Com o passar do tempo e das gerações, a escola se substantivou como cultura, de forma que se constitui como experiência vivida para as gerações atuais, mas também como memória e arqueologia. De outro modo, é preciso compreender que a cultura escolar traduz a materialidade e a historicidade, pois, a cada período, um paradigma educativo transforma-se em *habitus*, sendo necessário analisar seu desenvolvimento (Escolano Benito, 2017).

O mesmo autor alerta sobre a utilização da memória oficiosa da escola, a qual pode servir e legitimar instrumentos de governabilidade da Educação. A forma como as coleções e os acervos são apresentados ao público em Museus Escolares, por exemplo, representa o modo como a sociedade interpreta as experiências do tempo (Possamai, 2015), de forma a construir um regime de historicidade que ordena e oferece sentido ao passado, ao presente e ao futuro (Hartog, 2015).

As escolas e os museus se encaixam nos lugares da sociedade que formulam verdades por meio de estratégias. Para Nora (1993), os lugares de memória – categoria que engloba os museus – preservam a memória voluntária e organizada, selecionada de acordo com conflitos entre os grupos sociais. Esses lugares possuem um sentido simbólico que pode se caracterizar “[...] por um acontecimento ou uma experiência, vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou” (Nora, 1993, p. 22).

Entretanto, Escolano Benito (2017), em consonância com os aportes da Nova Museologia, aponta a importância dos museus para a História da Educação e da cultura escolar, pois esses lugares de memória podem combinar o racional e o emocional e possibilitar uma educação patrimonial a partir de memórias escolares plurais. Nota-se que a inclusão dos museus na óptica da História da Educação está relacionada com a função educativa dos museus, a qual é inerente a essas instituições desde a concepção dos museus modernos. Logo, os museus são lugares educativos que possibilitam a mediação entre sujeitos e objetos. O caráter educativo dos museus é responsável pela mediação entre os indivíduos e as heranças do passado, de forma a representar o pretérito para as próximas gerações (Possamai, 2015).

Por mais que os indivíduos busquem representar o passado nos museus, essa ação não escapa de contornos, disputas e contexto atual, no que diz respeito ao viés

educativo de cada período (Possamai, 2015). Assim, para Nora (1993, p. 23), “[...] nenhum lugar de memória escapa aos seus arabescos fundadores”.

Atualmente, segundo Meneses (2003), as instituições museológicas devem atentar-se à forma como a cultura material é usada, pois ainda carecem de uma consciência profunda acerca da característica problemática das identidades. Sabe-se que não é uma incumbência dos museus serem depósitos de símbolos da identidade nacional ou escolar, assim como sabe-se que não é função do visitante aceitar e cultuar esses símbolos como verdades. É necessário construir condições para que os indivíduos compreendam o que é identidade e de que forma ela se organiza, se compartimenta e até mesmo se confronta com outras por meio da cultura material mediada pelos museus (Meneses, 2003).

O estudo dos museus, principalmente escolares e pedagógicos a partir da ótica da História da Educação, pode contribuir para averiguar as lacunas de projetos excludentes que, por conta de diferentes contextos, não contemplaram a diversidade cultural. Ao mesmo tempo, a investigação por esse viés pode trazer à tona as práticas educativas que, principalmente a partir do século XXI, pautaram-se em oferecer ações cada vez mais diversificadas (Possamai, 2015).

As interdependências entre a História da Educação, o estudo dos museus e da cultura escolar – com ênfase na materialidade – e a influência da Nova História Cultural, assim como as reformulações de paradigmas da área da Educação, demonstram o crescimento da atenção à investigação de museus, principalmente museus intitulados como escolares e pedagógicos (Possamai, 2015). Por conta disso, torna-se necessário compreender de que modo os Museus Escolares e pedagógicos influenciaram e foram influenciados pela História da Educação a partir de meados do século XIX, quando surgem essas tipologias de museus no Brasil.

2.2.1 Método Intuitivo e Museus Escolares e Pedagógicos – final do século XIX e início do século XX

A relação que se vê, hoje, entre as crianças e a escola não era algo natural no século XIX. O acesso à instrução primária obrigatória advém de um longo movimento histórico, sendo a gênese desse processo encontrada na formação do Estado Imperial dos Oitocentos (Schueler, 1999). No que diz respeito ao desenvolvimento das cidades e províncias, a instauração de um Estado Imperial não rompeu o cerne das estruturas

econômicas e sociais que continuaram agrárias, exportadoras, excludentes e a maior parte da população na área rural. Entretanto, a partir da segunda metade do século XIX, houve um aumento no número de habitantes das áreas urbanas, que foram impulsionadas pelo capital advindo das economias agrárias, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo (Schueler, 1999).

Esse crescimento urbano também provocou “desordem”, de forma que o controle e a “limpeza das habitações coletivas e dos espaços ‘imundos’ das cidades foram alvos das batalhas de poderes públicos, os quais recorriam aos ideais de racionalidade científica, ‘ordem’ e ‘progresso’” (Schueler, 1999, p. 4). Em meio a essa “desordem”, as crianças e os jovens de classes desfavorecidas exerciam papéis cotidianos como “vendedores ambulantes, criados e aprendizes” (Schueler, 1999, p. 4). Os Relatórios de Polícia e do Ministério da Justiça, segundo Schueler (1999, p. 4), apontam que, no final do século XIX, no Rio de Janeiro, era significativa a presença de crianças de classes desprivilegiadas nas ruas, em meio aos retratos de desordem, vícios e pobreza do espaço urbano.

Dentre os projetos de reformas voltados ao melhoramento das áreas urbanas, estava a educação de crianças e jovens de camadas populares. Nesse viés, o Estado voltou a atenção para a educação popular, assim como para a construção de “escolas públicas e colégios, e pelo desenvolvimento da escolarização”, infraestrutura urbana, “além da ‘ideologia de higiene’, responsável peça de prevenção e erradicação das doenças” (Schueler, 1999, p. 5).

A busca do Estado Imperial pelo crescimento do acesso à educação primária não se concentrou especificamente no melhoramento da qualidade de vida dos habitantes urbanos – principalmente crianças e jovens –, mas também em “caminhos para civilizar e educar a população” (Schueler, 1999, p. 5) de acordo com as disputas de poderes de um período marcado pela abolição gradual da escravatura e pelo crescimento de ideias e instrumentos republicanos.

Além disso, destaca-se que a busca pela educação pública e a disseminação do ensino primário não foi impulsionada apenas pelos interesses civilizatórios do Estado Imperial e, posteriormente, pela ambição positivista da república brasileira. O contexto também contava com práticas e manifestações abolicionistas de indivíduos livres e libertos que clamavam por um movimento de escolarização nos espaços urbanos (Schueler, 1999).

A instrução primária era voltada às camadas populares, o que representava, para o Estado, a manutenção de uma hierarquia social. Logo, o Regulamento de 1854 dissertava que meninos em situação de pobreza deveriam frequentar aulas primárias e, posteriormente, serem enviados aos Arsenais da Marinha ou, então, à aprendizagem de ofícios em oficinas particulares. Desse modo, a instrução pública mantinha uma estrutura social, segundo a qual “o ensino primário era suficiente às camadas pobres” enquanto “mantinha o monopólio do ensino secundário e superior nas mãos de poucos” (Schueler, 1999, p. 6). Em outras palavras, as atividades ditas intelectuais e, por conseguinte, políticas, cruciais aos cargos públicos, mantiveram-se sob o controle das classes senhoriais, enquanto o trabalho manual permanecia nas mãos da população livre e desprivilegiada (Schueler, 1999, p. 6).

A distinção de gênero também se mostrava relevante nesse contexto. As escolas primárias “de meninos e meninas eram separadas, funcionando em casa e locais distintos, de acordo com o sexo” (Schueler, 1999, p. 7). As meninas de classes desprivilegiadas não foram mencionadas no Regulamento de 1854, de forma que a instrução do gênero feminino não se apresentava como prioridade e se concentrava na formação da vida doméstica, em detrimento da vida pública. A ênfase da instrução primária se pautava na população livre masculina (Schueler, 1999).

Apesar de aparatos administrativos e de uma legislação voltada à implantação do ensino público, existiam diversos obstáculos para sua concretização. Em 1864, Liberato Barroso, Ministro do Império, denunciou

[...] as dificuldades encontradas para desenvolver a instrução primária o que ocorria não apenas na Corte, mas em todo o Império. População disseminada, vasto território, falta de vias de comunicação, investimento maior do Estado em ‘bens materiais’ como, por exemplo, as ferrovias, freqüência irregular dos alunos, obstáculos impostos ao livre desenvolvimento do ensino particular - todas essas causas eram apontadas pelo Ministro para explicar a morosidade dos ‘progressos’ da Instrução Pública, a despeito da criação de novas escolas nas cidades e províncias imperiais. (Schueler, 1999, p. 7).

Existia uma ineficácia estrutural no que diz respeito às ações do governo e o crescimento da instrução primária obrigatória. Esse fracasso preocupava o Estado Imperial. A instrução popular era vantajosa e fundamental para reforçar uma nação pautada na estrutura do Império. Além disso, a educação tinha o potencial de cristalizar um ensino primário único e comum, centrado na Corte, mas também

difundido entre as províncias. De outro modo, a consolidação de uma instrução primária obrigatória e comum seria a “condição básica da formação de uma nacionalidade sólida” (Schueler, 1999, p. 7) demonstrando a educação popular como um poderoso instrumento político.

Contudo, principalmente a partir da década de 1870, intensificou-se o crescimento e a organização de ideias republicanas pautadas nas ideias positivistas. Nesse período, houve uma série de conflitos políticos que visavam a reconstrução da nação – após a crise econômica gerada pelos gastos da Guerra do Paraguai – e a reorganização política do Estado. Do ponto de vista republicano, a monarquia representava um quadro frágil da sociedade brasileira, marcado por retrocessos políticos e falta de modernização na educação. Por conseguinte, para os republicanos era necessário “pensar uma arquitetura institucional presidida por um núcleo social comprometido com a ética republicana, tornada autônoma em relação à sociedade real [monarquia], tida como corrupta, autoritária e oligárquica” (Lynch, 2012, p. 306-307).¹²

Em linhas gerais, a corrente positivista, iniciada pelo pensador francês Augusto Comte, “[...] parte do pressuposto de que a humanidade passa por diversos estágios até alcançar o estado positivo, que se caracteriza pela maturidade do espírito humano” (Aranha, 1989, p. 138). O termo positivo se refere ao real, tendo em vista a oposição às explicações metafísicas ou teológicas sobre o mundo. Esse raciocínio exalta o avanço da ciência moderna, baseado no método das ciências da natureza e em concepções deterministas como raça, meio e momento (Aranha, 1989). No que diz respeito à educação, as ideias positivistas influenciaram as escolas estatais acerca do ensino leigo das ciências contra a escola tradicional religiosa e humanista (Aranha, 1989).

Nesse contexto de disputas entre monarquistas e republicanos, ao analisar as últimas décadas do Império do Brasil, Schelbauer (2011) aponta o método intuitivo como um dos principais focos educacionais da época, o qual chegou ao Brasil a partir de influências estadunidenses e europeias que circulavam principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. A propagação do método intuitivo gerou apropriações nas práticas dos professores (Schelbauer, 2011).

¹² Contudo, destaca-se que a Primeira República brasileira não atendeu aos ideais propostos, no que diz respeito à participação política do povo, ao progresso nacional e à ruptura com a corrupção. A República continuou a legitimar a opressão oligárquica (Lynch, 2012).

Na década de 1880, ações provenientes do republicanismo promoveram uma aproximação entre o método intuitivo e a educação popular, pois a intuição era vista como o instrumento de apropriação de conhecimento mais natural ao ser humano. Tal ênfase potencializou a proliferação de escolas normais, assim como a profissionalização do magistério, tornando este um contexto propício para o método intuitivo (Schelbauer, 2011).

Em linhas gerais, o método intuitivo constitui um discurso político que legitima a modernização da educação e, conseqüentemente, a implantação da república. O clima de descontentamento em relação à monarquia e ao ensino, impulsionou uma renovação pedagógica que visava a formação de homens capazes de refletir sobre a nova estrutura governamental republicana e, assim, contribuir como cidadãos livres através do voto (Schelbauer, 2011). Contudo, houve a manutenção da hierarquia social, segundo a qual eram destinados o ensino primário às classes menos privilegiadas, e o ensino secundário e intelectual às classes abastadas.

Logo, as ações governamentais e particulares direcionadas à educação demonstram como as identidades estavam sendo delineadas naquele contexto. É importante ressaltar que a transição entre a monarquia e a república provocaram crises e disputas de memórias e identidades. De acordo com Pollak (1992), existe um enquadramento de memórias que diz respeito àquilo que determinado grupo deseja cristalizar, fato que pode ser visto no contexto de modificação de estrutura política, quando a monarquia buscava evitar o declínio e os republicanos visavam enquadrar suas ideias como modernas e positivistas. Compreender a criação de uma instrução primária gratuita voltada às camadas menos privilegiadas é o mesmo que entender as condições segundo as quais as memórias eram enquadradas e as identidades construídas.

De outro modo, conforme Alberti (2008), a memória resulta de um trabalho de seleção e organização do que é considerado importante para um sentimento de unidade, ou continuidade e coerência, o qual resulta em identidade(s). Assim, a memória é um instrumento indissociável do grupo e da sociedade, pois ela pode gerar autorreferência. Porém, ao mesmo tempo, a identidade também dialoga com interdependências que geram “[...] mecanismos de exclusão, de estabelecimento de fronteiras e de busca de diferenças e incompatibilidades para legitimar interesses e defender-se de ameaças” (Meneses, 2003, p. 266), conforme acontecia na transição da monarquia para a república.

Em linhas gerais, especialmente o movimento republicano buscava uma reconfiguração de identidades a partir de um enquadramento de memórias contrárias aos objetivos do Estado Imperial. Entretanto, por mais que a república tenha atribuído uma característica de desgaste e desigualdade à monarquia, a instrução primária republicana continuou com características identitárias que demarcavam diferenças de classes, visto que a instrução primária – e, conseqüentemente, os trabalhos em oficinas e braçais – era dedicada às camadas menos privilegiadas, enquanto a instrução secundária e superior direcionava-se às camadas mais abastadas. Nota-se que esse discurso de democratização da educação constitui-se como uma forma positivista de manter a ordem e o progresso, mas com as mesmas estruturas hierárquicas.

Essas disputas de memória e identitárias dialogam com o interesse do governo e de ações particulares na criação de museus pedagógicos que disseminavam modernos modelos de ensino, assim como o crescimento do método intuitivo, tido como o mais acessível e popular daquele momento. Nesse sentido, houve a formação de Museus Escolares com base na exposição e análise de objetos intuitivos vinculados, em especial, às ciências da natureza, fato que mostrava que mesmo as classes com menores índices de instrução poderiam alcançar o conhecimento a partir da análise de objetos e materiais tidos como intuitivos. De outro modo, a circulação de museus educativos com as inovações educacionais do final do século XIX, assim como a gradual introdução do método intuitivo na instrução primária e a criação de Museus Escolares em escolas demonstram uma engrenagem civilizatória preocupada com a universalização da educação, mas, ao mesmo tempo, com limites relacionados às hierarquias de classes.

A relação entre o método intuitivo e sua circulação entre países do mesmo ou de diferentes continentes possui uma intensa interdependência com os chamados museus pedagógicos e Exposições Universais. Esses foram criados na segunda metade do século XIX em diálogo com a modernização da educação difundida por meio de materiais didáticos e métodos que, em nível internacional, eram expostos em exposições universais (Possamai, 2015). Não se tratava de um museu clássico, composto por importantes obras de arte, tendo como referência edificações históricas e representações da História da Educação através de narrativas e cultura material. Tratava-se de um museu formado por biblioteca pedagógica, lojas para venda de materiais escolares, assim como espaço de exibição de materiais pedagógicos e

documentos históricos. Além disso, os museus pedagógicos realizavam estudos de cunho estatístico sobre a educação no país e produziam e comunicavam conhecimento a partir de publicações, conferências e auxílio tanto aos professores como ao ensino escolar (Possamai, 2015).

Foi a partir de museus pedagógicos, exposições universais, conferências pedagógicas e manuais de ensino que intelectuais brasileiros passaram a ter contato com o método intuitivo. Destaca-se a Exposição de Paris de 1878, que enfatizou o ensino pelos sentidos a partir de estudos de Locke, Pestalozzi e Froebel. Entretanto, já existiam estudiosos que apontavam os limites desse método, como Buisson que acreditava que a lição a partir das coisas poderia estimular uma aprendizagem sem esforços, pautada apenas pela observação descritiva de objetos e materiais. Para Buisson, era necessário ultrapassar a intuição sensível e desenvolver uma intuição intelectual a partir dos sentidos (Schelbauer, 2011).

Além das influências europeias, também existia o contato com o método de ensino americano, a exemplo da Exposição Universal da Filadélfia, em 1876, que além de tratar do método intuitivo, trouxe a preocupação com a aplicação da lição das coisas para as necessidades da vida e a ênfase no ensino científico (Schelbauer, 2011), sob a influência das ideias positivistas e protestantes.

No Rio de Janeiro, a tentativa de modificar a nação por meio da educação impulsionou a importação de materiais didáticos apropriados, como a caixa de lição de coisas de Pape-Carpentier. Ao mesmo tempo, foi introduzido o Museu Escolar do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, voltado à renovação pedagógica, com o apoio do ministro da Educação Leôncio de Carvalho. A partir disso, houve a Reforma de Leôncio de Carvalho sobre os ensinos primário, secundário e superior, quando a disciplina de Noções de Coisas foi introduzida nas escolas primárias junto à Prática do Ensino Intuitivo em Escolas Normais (Schelbauer, 2011).

Desse modo, desenvolveu-se a Primeira Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, em 1883. Instituiu-se que as Lições de Coisas seriam uma parte do Método Intuitivo, de forma que a intuição sensível só seja utilizada quando prepara para a intuição intelectual (Schelbauer, 2011).

Em São Paulo se sobressaíram iniciativas particulares em relação à introdução do método intuitivo. A imprensa republicana apontava os problemas da instrução pública da monarquia e, assim, foram criadas associações literárias, palestras e cursos no ensino privado. Usava-se como exemplo as “nações civilizadas” como os

Estados Unidos e a Europa, com ênfase nas exposições internacionais já citadas (Schelbauer, 2011).

Colégios particulares e filantrópicos, sob a influência da maçonaria – atuante no processo de instauração da República do Brasil e defensora do Estado Laico – investiram no ensino positivista e científico, com base nas lições de coisas e em modernos métodos de ensino. Entre as escolas que se destacaram, existia a Escola Primária da Neutralidade, onde o acervo da escola deu origem ao Museu Escolar do Doutor Saffray, autor de manuais de lições de coisas. Essa escola oferecia cursos de formação destinados aos professores, sob as influências de Pestalozzi e Froebel (Schelbauer, 2011). Além disso, o Liceu de Artes e Ofícios também era responsável por oferecer livros e aulas noturnas a partir de materiais destinados ao método intuitivo (Schelbauer, 2011).

O contato com as exposições internacionais da Argentina junto à Reforma de Leôncio de Carvalho, levou à criação do Museu Pedagógico Nacional, sob a influência do Museu Pedagógico de São Petersburgo. Assim, em 1883, foi inaugurada a Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, que resultou na criação de um Museu Escolar Nacional, assim como a Sociedade Mantenedora do Museu Escolar Nacional (Possamai, 2015). Esses antecedentes contribuíram para que, em 1890, fosse fundado sob iniciativas de Benjamin Constant, o *Pedagogium*, designado como um centro de reformas e melhoramentos da instrução nacional, por meio de capacitação profissional de professores da rede pública e privada e a exposição de aperfeiçoados métodos e materiais de ensino (Possamai, 2015).

O *Pedagogium* configurava-se mais como um centro de formação de professores, e menos como um museu no sentido moderno que representa o passado a partir de acervos (Possamai, 2015). Sendo assim, uma das intenções do *Pedagogium* era fomentar o desenvolvimento de museus similares em outros estados, como também a organização de museus nas escolas, tendo em vista o método intuitivo. Esse objetivo cobrava que inspetores escolares estivessem em compasso com as bases de criação de Museus Escolares, pois deveriam compreender quais materiais seriam destinados ao ensino de lição de coisas, especialmente aqueles relacionados às ciências naturais (Possamai, 2015). Tais ações contribuíram para a oficialização do método intuitivo.

Com o apoio da Loja Maçônica de Campinas, foram criadas escolas americanas protestantes vinculadas ao método intuitivo, as quais contribuíram para

uma uniformização do método, por meio da solicitação de materiais adequados. Além disso, em 1886, o professor Antônio de Carvalho fez uma solicitação ao presidente da província de São Paulo pedindo materiais como globos terrestres, mapas e, principalmente, exemplares da Lição de Coisas de Calkins, o qual foi traduzido por Rui Barbosa (Schelbauer, 2011). A introdução oficial do ensino intuitivo na instrução pública ocorreu em 1887, a partir do Novo Regulamento da Instrução Pública Provincial, Lei 81/1887 (Schelbauer, 2011). Entretanto, destaca-se que, mesmo após a oficialização do método, professores passaram a ressaltar a dificuldade em adquirir materiais adequados (Schelbauer, 2011).

Reitera-se que, naquele momento da história do Brasil, existia uma atmosfera de insatisfação no que diz respeito ao ensino, tanto no âmbito governamental como no popular. Por esse motivo, existia um movimento de renovação pedagógica, a fim de reverter a ineficiência do ensino escolar, em diálogo com ideias positivistas e com a reforma de Benjamin Constant, as quais visavam a formação de indivíduos capazes de refletir sobre a conjuntura da nova sociedade como cidadãos livres e conscientes por meio do voto, em detrimento da monarquia. Verifica-se um amplo movimento voltado à criação de museus de educação e escolares, seja vinculado às escolas ou, até mesmo, aos museus nacionais de educação, que reuniam materiais de referências pedagógicas (Possamai, 2015).

Entre o final do século XIX e início do século XX, Museus Escolares eram a designação dada aos materiais didáticos vinculados ao método intuitivo, os quais eram constituídos por caixas de madeira com amostras de diversos materiais, principalmente relacionados à natureza, como espécimes de minerais, solo, pedras ou artefatos relacionados à indústria. Além disso, esses museus continham aparatos que representavam a fauna e a flora brasileira por meio de quadros e ilustrações (Possamai, 2015). De acordo com Silva (2015), existe uma polissemia em relação ao termo museu escolar, visto que são abordados de formas diferentes. Por exemplo, objetos guardados em armários, gabinetes, espaços reservados em sala de aula e até mesmo coleção de quadros parietais eram considerados, no estado de São Paulo, entre o final do século XIX e início do XX, Museus Escolares (Silva, 2015).

Tal perspectiva dialoga com a preocupação da época com o método intuitivo, pautado no aprendizado pelos sentidos. Havia gabinetes de mineralogia e geologia, assim como armários e mobílias com vitrines que remetiam, ao mesmo tempo, à instrução pelo contato visual nas escolas e a um método de instrução. Entretanto,

mais que uma interdependência entre a modernização da educação e a criação de museus, tratava-se também de um campo mercadológico, pois esses suportes de guarda e exibição de materiais podiam ser encontrados em catálogos especializados da empresa francesa Deyrolle, que ofereciam diferentes modelos (Silva, 2015).

Além disso, a empresa francesa também oferecia “amostras para sete tipos diferentes de museu escolar temático para os sentidos: o reino animal – mamíferos; aves; répteis e peixes; invertebrados; reino vegetal e reino mineral (Catálogo D’Émile Deyrolle *apud* Silva, 2015, p. 78-79). Desse modo, entra em cena o “museu escolar dos sentidos”, com a possibilidade de cada sentido trazer amostras de acervos correspondentes. Por exemplo, “o sentido do olfato era composto por amostras de: alcalino, benjoim, álcool, éter, cânfora, benzeno e naftalina” (Silva, 2015, p. 80). Já o sentido da visão se pautava em “6 bastonetes brancos e pretos de tamanho similar. As cores do espectro, transparências das cores e reflexão, discos para demonstração de imagens persistentes” (Silva, 2015, p. 80).

Inspirados pelas ideias relacionadas a Museus Escolares e museus de educação, assim como pela questão mercadológica, os gestores do Museu Nacional criaram, dentro de suas dependências, um Museu Escolar de História Natural voltado à aprendizagem de crianças, iniciativa que reforçou os vínculos da instituição com as escolas do Rio de Janeiro (Lopes 1997 *apud* Faria; Possamai, 2019). Além disso, o Museu Nacional passou a produzir para instituições escolares murais e coleções didáticas que abordavam as ciências naturais do Brasil (Sily, 2008 *apud* Faria; Possamai, 2019).

2.2.2 Histórico dos Museus Escolares no Brasil

Para compreender de forma mais detalhada a história dos Museus Escolares é necessário considerar o “triunfo do capitalismo” ao longo do século XIX, que estimulou a transformação de coisas diversas em mercadorias. A partir desse raciocínio, Exposições Universais passaram a exibir e circular produtos inovadores, inclusive aqueles relacionados a móveis e materiais escolares. Ao mesmo tempo, essas exposições representavam o caminho do progresso, com ênfase na ciência e na técnica (Silva, 2021).

Como foi dito, as Exposições Universais também exibiam as novidades pedagógicas, com objetos importantes para o ensino de “lições de coisas, Museus

Escolares, mobílias escolares e todo tipo de objeto que fosse útil para a educação” (Silva, 2021, p. 53), os quais eram vendidos por uma rede de empresas, que fabricavam e comercializavam os materiais exibidos nas grandes feiras. Além disso, essas grandes feiras “ditaram novas formas de organização dos saberes para as sociedades” (Silva, 2021, p. 54), resultando na entrada dos objetos para o mercado didático, dando origem a novas tipologias de museus (Silva, 2021).

O contexto do século XIX passou a ser visto como momento de efervescência industrial e cultural em busca de uma formação nacional. Isso culminou no aumento de diversos museus, inclusive no Brasil. Era um cenário para que o país pudesse mostrar ao mundo que não se tratava do estereótipo de uma colônia exótica, pois buscava romper com a ideia de Brasil pitoresco e instaurar a ideia de modernidade (Silva, 2021), em diálogo com a coexistência de museus naturais, etnográficos, históricos, escolares e pedagógicos.

Esse período passa a ser conhecido como a “Era dos Museus Brasileiros”, que privilegiavam a pesquisa científica e tecnológica, assim como a institucionalização das Ciências Naturais. Nessa esteira foram fundados grandes museus de História Natural. Além disso, como visto, os museus passam a operar sobre o campo educacional comercial visando, além de um fortalecimento da nação, o avanço do comércio e do capital burguês (Silva, 2021).

A respeito da tipologia geral de Museus Escolares, de acordo com Petry (2013), foi possível localizar cinco tipologias menores em Santa Catarina. Existia o museu escolar que se configurava como um espaço dentro da escola, que servia para que alunos e professores realizassem estudos com base no concreto, ou seja, no método intuitivo. Outra tipologia, denominada como Museu Escolar Brasileiro, pautava-se em uma coleção de quadros parietais produzidos na França e vendidos ao Brasil.

Outro tipo era um móvel em madeira, parcialmente envidraçado, localizado na escola, com o intuito de guardar e exibir coleções de acordo com o método intuitivo. Também existiam os museus dentro da sala de aula que, assim como outros móveis/museus, eram compostos por objetos do ensino intuitivo de acordo com os objetivos dos professores e dos estudantes. Por último, existiam os gabinetes, sendo este um local da escola onde estariam todos os objetos, quadros, armários e coleções relacionadas à aprendizagem intuitiva (Petry, 2013).

Conforme Silva (2021), os Museus Escolares do século XIX serviam como instrumentos para a aplicação do método intuitivo. Um dos marcos legislativos foi o

Decreto de Lei nº 7.247, de 19 a de abril de 1879, que implementou a Reforma Leôncio de Carvalho e a criação, bem como o uso, de Museus Escolares (Silva, 2021). Ao mesmo tempo, ocorreu a circulação de museus pedagógicos. Assim, identificam-se interdependências entre as configurações dos museus pedagógicos e dos escolares. Enquanto os primeiros se centraram na formação de professores, materiais educacionais que compunham feiras escolares comerciais, além de um conjunto de objetos a serem introduzidos nas escolas a partir do método intuitivo, os Museus Escolares eram o caminho por onde os museus pedagógicos e o método intuitivo se cristalizaram.

Entretanto, não se pode desconsiderar que a cultura escolar, como fonte de estudo do passado e da História da Educação, demorou a ser vista como vestígio de análise histórica da sociedade (Felgueiras, 2011). Por conta disso, as exposições e feiras mundiais foram cruciais para a introdução do estudo da cultura escolar, pois possibilitaram o conhecimento sobre as inovações pedagógicas, assim como a criação de um mercado internacional de produção de materiais didáticos, sem desconsiderar mobiliário, arquitetônico, assim como instrumentos técnicos, materiais e livros (Felgueiras, 2011). Destaca-se que isso acontece em concomitância com a criação de políticas de escolarização de camadas menos privilegiadas e formação de professores (Felgueiras, 2011).

A partir dessas interdependências popularizam-se os primeiros Museus Escolares com coleções materiais sobre Ciências da Natureza, em diálogo com as lições de coisas ou método intuitivo (Felgueiras, 2011). Esses museus foram pensados para as escolas no intuito de reforçar orientações didáticas e a produção editorial de quadros parietais impressos, assim como conjuntos de amostras diversas relacionadas a rochas, minérios, sementes etc. (Felgueiras, 2011).

Ainda no que diz respeito à Reforma Leôncio de Carvalho, o artigo 7º instruiu que, em diferentes distritos de um mesmo município, deveriam ser criados Museus Escolares. Nos artigos 8º e 10º, sobre as funções do governo, existiam indicações sobre a fundação e o auxílio na criação de bibliotecas e museus pedagógicos em escolas normais (Silva, 2021). No que se refere especificamente aos Museus Escolares, esses deveriam reunir, em si, o material de ensino intuitivo. Os Museus Escolares centralizaram os mostruários de objetos que eram representativos de uma nova forma de ensinar, os quais poderiam ser constituídos por professores ou pelo poder público. De outro modo, à época, Rui Barbosa tinha o intuito de demonstrar os

Museus Escolares como o meio para alcançar a modernização do ensino e a adoção do método intuitivo de forma mais ampla, para além do ensino primário, mas também em todas as esferas do ensino público (Silva, 2021).

Sobre a criação dos primeiros Museus Escolares, a Exposição Pedagógica que ocorreu no Rio de Janeiro em 1883, influenciou a criação do Museu Escolar Nacional, e a Comissão Diretora da Exposição viu como necessário um museu com uma exposição permanente destinada aos instrumentos e aparelhos de ensino (Silva, 2021). O museu se organizava da seguinte maneira:

O primeiro salão era destinado às cartas geográficas, porta cartas de sistemas belgas, modelos ingleses de carteiras para monitores ou adjuntos. No segundo salão, foram colocados a biblioteca; modelos de mobília inglesas, americanas, alemães, belgas e francesas, para escolas de primeiro e segundo grau; coleções de planos de arquitetura para edifícios escolares; métodos de escrita e desenho. O terceiro salão guardava uma enorme coleção de globos terrestres e celestes, aparelhos para o estudo de física, de química, de desenho, do sistema métrico. Para o ensino intuitivo, duas cartas-relevo – era assim que estava nomeado no documento – representando a Bélgica e a França. Neste salão ainda existiam arithmômetros de vários autores, minerais, fotografias, gravuras das principais escolas estrangeiras e brasileiras, e uma riquíssima coleção cartográfica, além de mobílias para objetos. O quarto salão tinha mobílias para o jardim da infância, caixas com compêndios para o sistema inglês, cartas de anatomia, fisiologia, física, história natural, mecânica aplicada, leitura, geografia e música, contadores aritméticos, pequenos museus para o ensino de lições de coisas, coleções completas para o jardim de infância. Já o quinto salão é onde a comissão se reunia e realizava as conferências. (Catálogo Museu Escolar Nacional, 1885, p. 13-14 *apud* Silva, 2021, p. 85).

Essa categoria de museu escolar era um órgão voltado à guarda de um patrimônio didático amplo, tendo como prioridade a exposição permanente de objetos, mas também exposições temporárias relacionadas a editores, fabricantes e comerciantes de materiais didáticos (Silva, 2021). Destaca-se que se tratava de uma instituição que não apresentava indícios de fornecimento de objetos para Museus Escolares de escolas (Silva, 2021).

A concomitância entre exposições universais, museus pedagógicos e Museus Escolares dialogam com a consolidação dos sistemas educativos nacionais. Por exemplo, os museus pedagógicos se alimentavam de objetos, textos e fontes iconográficas que antes eram exibidos em exposições universais realizadas principalmente na Europa (Escolano Benito, 2017). No final do século XIX e início do

século XX, em países mais industriais existiam tecnologias educacionais em evidência, as quais se tornaram símbolos da modernidade e do progresso. Essa cultura material introduziu a escola aos processos de tecnificação que já operava em outras ordens da vida (Escolano Benito, 2017).

Portanto, entende-se que museus pedagógicos eram instituições formadas, em sua maioria, a partir do espólio de tecnologias educacionais difundidas e comercializadas pelas grandes exposições universais e tinham por objetivo central capacitar professores a utilizarem esses novos objetos didáticos. Isso significa compreender que os museus pedagógicos inauguram uma nova tipologia de museu, já que são desenvolvidos para formação de um público específico, mas também se aproximam da definição de museu clássica quando organizam seus acervos, a fim de apresentar objetos e garantir a instrução pela materialidade. Se os museus, de maneira geral, podem ser interpretados como um espaço responsável pelo encapsulamento de um tempo passado específico, projetando futuros, como 'nação', 'povo' etc., como vimos anteriormente, museus pedagógicos por sua vez, nesse caso apresentado, são responsáveis pela exaltação da modernidade, e do progresso tecnológico no campo educacional, ou seja, comemoram o tempo presente, apresentando a modernidade produzida no momento. (Silva, 2021, p. 62-63)

Nota-se o interesse do progresso tecnológico no que se refere ao campo educacional. Essa constatação reforça que as exposições universais visavam a capacitação de professores para que pudessem manusear novos objetos didáticos. Os museus pedagógicos formaram-se como uma nova categoria de museus, voltados para um público específico. Ao mesmo tempo, os objetos eram utilizados de forma didática a partir do método intuitivo e as exposições visavam encapsular parte do passado para reforçar a ideia de importantes para o futuro da “nação” – a exemplo do positivismo republicano – ou a ideia de “povo”, no que diz respeito ao crescimento da instrução primária.

Na primeira metade do século XX, os Museus Escolares permaneceram sob as características de um ateliê da ciência, geralmente nas dependências da própria escola, reunindo material para o ensino intuitivo. Enquanto isso, nos museus históricos, como o MHN, ocorreu a institucionalização de setores educativos. No Brasil, as primeiras ações educativas foram implementadas em 1927, por meio do Serviço de Assistência ao Ensino do Museu Nacional, o qual tinha o objetivo de apoiar “o desenvolvimento de práticas educativas que colaborassem com o aprendizado e com o currículo escolar” (Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, 2018, p. 14).

Ressalta-se que o Museu Nacional atuou de forma cooperativa com escolas do Rio de Janeiro nesse mesmo contexto. Parte das dependências dessa Instituição foi destinada à criação de um museu escolar com ênfase na História Natural (Faria; Possamai, 2019). Além disso, destaca-se o fato de que o mesmo Museu, em diálogo com as grandes feiras e exposições universais, iniciou a confecção de coleções didáticas e murais sobre as Ciências Naturais do Brasil, os quais eram destinados a instituições de ensino e Museus Escolares (Faria; Possamai, 2019). Ainda tratando da confecção nacional de materiais advindos de museus, o Museu do Estado do Rio Grande do Sul foi responsável por 1.000 “coleções escolares”, as quais eram compostas por 110 exemplares de materiais como minerais e rochas (Faria; Possamai, 2019).

Ao longo do século XX, fortaleceu-se o diálogo entre os museus e as escolas, de forma que as próprias instituições museológicas passaram a ter departamentos educativos (Faria; Possamai, 2019), conhecidos hoje como ações culturais e educativas. Especificamente sobre a criação de Museus Escolares, a partir da década de 1930, no Brasil, vê-se o crescimento do número desta tipologia de museus, por conta do projeto de modernização política da época e do movimento escolanovista (Alves, 2016). A presença de museus desta tipologia pode ser vista com frequência nos anuários estatísticos brasileiros sobre educação, nos quais os museus aparecem como aparelhamento escolar, assim como as bibliotecas (Alves, 2016).

Nos anos de 1940 e 1950 encontram-se, além dos instrumentos de estatísticas nacionais, publicações específicas e gerais com orientações sobre a criação de Museus Escolares.

Além de publicações específicas como ‘Organização e preparação de museus escolares’ (1942) de Paulo Roquete Pinto, Porto Alegre e orientações do Museu Nacional, conforme será discutido mais adiante, o tema esteve presente também em obras como ‘Recursos educativos dos museus brasileiros’ (1958) de Guy de Holanda, Rio de Janeiro e ‘Museu e Educação’ (1958) de Florisvaldo dos Santos Trigueiro. Ao que parece, as variações nas denominações e funções, bem como presença ou não nas legislações educacionais, determinaram sua presença nos instrumentos de levantamento de dados estatísticos educacionais. (Alves, 2016, p. 110).

No contexto de 1950 a 1970, tratava-se do movimento escolanovista. Nesse período, vários museus foram criados em São Paulo com o intuito inicial de se tornarem Museus Escolares. Entretanto, “[...] transformaram-se em museus históricos

e pedagógicos, de caráter educativo e cívico” (Alves, 2016, p. 110). Os princípios da Escola Nova são considerados os mais intensos no processo de renovação da educação, com destaque às ideias de John Dewey, Maria Montessori e Jean Piaget (Alves, 2016). Essas ideias visavam redefinir a finalidade social da escola e do sistema educacional brasileiro. Em linhas gerais, a partir das concepções escolanovistas, o objetivo da escola seria preparar os estudantes para as urgências da sociedade moderna em transformação. Ao mesmo tempo, o ambiente escolar deveria ser elemento transformador do meio social, em diálogo com a comunidade, a partir da intervenção nos processos sociais (Alves, 2016).

Com as ideias escolanovistas, os Museus Escolares também passaram por reformulações. Antes, as intencionalidades por trás de suas origens estavam ligadas à implementação e à cristalização do método intuitivo, tendo em vista a educação pelas coisas. Ou seja, a partir do método intuitivo, os Museus Escolares – organizados em gabinetes, armários, salas etc. – tendiam a uma supervalorização do objeto musealizado, levando em consideração o ensino e aprendizagem das ciências naturais. Já a partir do movimento escolanovista – e de outras correntes e processos de reformulações na área da educação –, ao longo do século XX os estudantes passaram a ser vistos como sujeitos atuantes no processo de formação e gestão de coleções em Museus Escolares (Faria; Possamai, 2019).

A partir da década de 1940, aparecem os maiores marcos na institucionalização de ações educativas em museus, com bases mais democráticas, por meio de eventos e encontros promovidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM).

A partir dos anos 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), criada em 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial, viria a promover eventos e o desenvolvimento de comitês nacionais em diversos países, por meio do ICOM. Criado em 1946, o Conselho tinha por escopo efetivar cooperações internacionais entre instituições e debater temas que eram de interesse dos museus. [...] O ICOM, em 1953, criou o *International Committee on Education*, que, cerca de uma década depois, tornara-se o *Committee for Education and Cultural Action* (CECA). (IBRAM, 2018, p. 14).

O papel da UNESCO e do ICOM incentivaram a criação *Committee for Education and Cultural Action* (Ceca), ação que repercutiu no Brasil, em 1956, por meio do *I Congresso Nacional de Museus*, em Ouro Preto, Minas Gerais. Neste

contexto, inicia-se a sistematização do campo e do conceito de Educação Museal, principalmente após o Seminário Regional Latino-Americano de Museus da UNESCO sobre o Papel Educativo dos Museus, no Rio de Janeiro, em 1958.

O Seminário viabilizou a construção de um novo referencial teórico-prático no que se trata do fazer museológico e das próprias instituições ao discutir o papel educativo dos museus. E, a partir daí, o conceito de museu vai se ampliando, passando então a ser também compreendido como um espaço de educação para auxiliar nas atividades do ensino formal e como ferramenta didática, ou seja, uma espécie de extensão do espaço da escola. (IBRAM, 2018, p. 16).

A importância dos museus, para além de seus acervos, foi intensificada. As instituições museológicas passam a ser vistas, de forma gradativa, a partir de seu papel político, que reconhece a importância dos sujeitos no processo de preservação, valorização e interpretação do patrimônio. Os debates promovidos no Seminário Regional Latino-Americano de Museus da UNESCO também apontaram dois extremos sobre os Museus Escolares como “[...] depósitos abandonados ou projetos que se equiparavam aos museus tradicionais” (Faria; Possamai, 2019, p. 22). Este evento indicou advertências e encaminhamentos aos Museus Escolares que, naquele período, praticavam a coleta e o recebimento de objetos sem limitações, questão que dificultava as práticas de conservação (Faria; Possamai, 2019).

Além disso, os eventos promovidos pela UNESCO, com ênfase no tema Educação em Museus, instigaram o desenvolvimento de reflexões teórico-metodológicas que passaram a legitimar os museus como espaços que promovem a educação visual, tendo como base o público e não apenas o acervo. Tais fatores também contribuíram para a realização do Curso de Organização de Museus Escolares – que será abordado posteriormente – no Museu Histórico Nacional, em 1958, o qual tinha como um de seus objetivos “[...] causar impacto em uma política voltada para a gestão nacional e estadual de museus escolares” (Faria; Possamai, 2019, p. 32).

Essas interdependências indicam que, ao longo do século XX, os estudantes deixaram de ser vistos apenas como espectadores dos museus, passando a serem vistos também como sujeitos que assessoravam os processos educativos em espaços museológicos constituídos em escolas (Faria; Possamai, 2019). Tais fatores irão

refletir, posteriormente, na formação de professores, como foi o caso do curso oferecido pelo MHN.

A partir da década de 1960, na América Latina, segundo Varine-Bohan (1987), a perspectiva de renovação da Museologia e da Educação recebeu influências – além do método intuitivo e das ideias escolanovistas – do pensamento de Paulo Freire. Por conta disso, Freire recebeu um convite para a presidência da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, sobre o papel dos museus na América Latina, em 1972 – mas não pôde participar, devido ao contexto de autoritarismo do regime de governo ditatorial. O pensamento de Freire influenciou, principalmente, a transformação do homem-objeto como homem-sujeito dentro da experiência de museus. Esse raciocínio vai ao encontro do seguinte pensamento:

Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo [...] sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu quefazer educativo segue um outro caminho. Se o encararmos como uma ‘coisa’, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encararmos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador (FREIRE, 1969, p. 124).

Os museus também caminhavam em direção ao homem-sujeito, ou seja, aquele com capacidades de apropriações que transformam o mundo. A teoria de Freire no campo museal sugere a “educação como prática de liberdade e conscientização, que se consubstanciou na visão de que o museu pode ser também uma ferramenta de construção de identidade e de cidadania” (IBRAM, 2018, p. 17).

Nesse contexto, também se desenvolveu a museologia social voltada para a crítica à dificuldade que os museus tradicionais tinham em representar diversos grupos sociais (Gouveia; Pereira, 2016). Isso aparece, por exemplo, na pesquisa de Bourdieu e Darbel (2007) sobre Museus de Arte na Europa, que aponta um público homogêneo na década de 1960. De outro modo, os museus eram visitados e direcionados a uma elite intelectual e econômica.

Na década de 1970, os Museus Escolares passaram a apresentar uma nova formatação de suas funções, voltada para a preservação da memória da Educação Escolar, acompanhando as mudanças de paradigmas do processo de ensino e aprendizagem (Alves, 2019). Os estudantes passariam a ser vistos como produtores de conhecimento crítico.

A ênfase na preservação da memória escolar encontrou aportes na inserção da cultura material como fonte para a História. De acordo com Vidal (2017), estudos da década de 1960, como de Braudel e Delumeau (*apud* Vidal, 2017), contribuíram para a valorização dos objetos como vestígios que ajudam a compreender o progresso técnico e as trocas de bens das civilizações. A autora também aponta a importância dos estudos de Elias que, desde a década de 1930, voltou sua atenção aos artefatos para interpretar a História dos Costumes. Já na década de 1980, ainda segundo Vidal (2017), os estudos de Certeau e Chartier contribuíram para a compreensão dos artefatos como práticas e representações indissociáveis da vida cultural.

No que diz respeito aos Museus Escolares constituídos a partir das reformulações museológicas, intensificadas na década de 1970, assim como as transformações nos campos da Educação e da História, observa-se o alargamento dos conceitos de patrimônio – possibilitando a abordagem do patrimônio histórico educativo – e novas correntes pedagógicas com ênfase no cotidiano, de forma que “aspectos como a moda, o telefone, a eletricidade, os transportes, a água, o azulejo, o brinquedo ou a educação se tornam matérias museográficas” (Felgueiras; Soares, 2004, p. 109).

As diferentes ações governamentais e particulares visaram a criação de instituições especializadas na guarda de aparatos necessários à consolidação dos Estados (Felgueiras, 2011). Trata-se de instituições que passaram a ser consideradas como arquivos ou museus. A educação também passou por um enquadramento museológico ou espaços produtores de discursos educacionais, os quais visavam a organização de arquivos e acervos estruturados. Esses discursos passaram a contar com a lógica da modernização, do mesmo modo que ajudam a historicizar o passado escolar e a profusão de materiais advindos das escolas (Felgueiras, 2011).

Em 1990, as memórias da escola, assim como acervos de professores, passaram a ser objetos de investigação na Historiografia portuguesa e na brasileira. Em concomitância, ocorreram projetos de investigação que tinham como base as instituições escolares e seus arquivos, mostrando a necessidade da intervenção dos indivíduos na salvaguarda dessas tipologias de fontes (Felgueiras, 2011). A partir da conservação dos acervos escolares, cresce progressivamente a consciência da comunicação dessas fontes para gerações atuais e futuras, promovendo estudos, inventários, construção de base de dados, recolha e exposição de artefatos relacionados à cultura escolar (Felgueiras, 2011).

Todavia, de acordo com Alves (2019, p. 19), “[...] a musealização do patrimônio da educação escolar ainda é um movimento tímido, pouco discutido e teorizado”. Segundo Possamai (2015), na perspectiva da História da Educação, é significativo o estudo dos diversos museus, incluindo os escolares, pois estas instituições são lugares educativos que impulsionam a mediação entre os sujeitos e os objetos. São de fundamental importância, para a História da Educação, o mapeamento e a elaboração de pesquisas relacionadas a História, missões, abordagens e interdependências dos Museus Escolares do passado e do presente, a fim de compreender suas transformações¹³.

¹³ Atualmente, existem diversos museus escolares. A equipe do Museu da Escola Catarinense da UDESC elaborou um livro sobre a memória e história visual dos museus escolares do Brasil e do mundo, obra que pode ser consultada em: https://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2730/ebook_udesc_2021_compressed.pdf.

3 INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE ACERVOS, MUSEUS ESCOLARES E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Tendo em vista o conceito de configuração, que reconhece as interdependências (negociações, trocas etc.) dos indivíduos em uma sociedade (Elias, 1994a), intenciona-se oportunizar diálogos bibliográficos entre autores e autoras que abordam as culturas escolares nos campos da História, da História da Educação e da Museologia. Entende-se que as interdependências dos indivíduos em configurações acadêmicas¹⁴ e seus lugares sociais de produção (Certeau, 1982) permitem a elaboração de estudos importantes para a presente pesquisa, os quais versam sobre: organização de acervos no âmbito escolar; cultura escolar; musealização de acervos escolares; histórias dos acervos escolares; história dos museus históricos e escolares; relações entre museus e escola; produção de conhecimento em museus históricos e escolares; relações entre universidades, estudantes e museus.

Com base na literatura especializada sobre os assuntos citados, e as lacunas acerca da musealização da cultura escolar, assim como a problemática e o objeto de estudo da presente pesquisa, optou-se pelo levantamento bibliográfico nos seguintes periódicos e plataformas, assim como o uso dos seguintes descritores:

Quadro 2 – Resultado de pesquisa bibliográfica realizada em bases de dados de periódicos, teses e dissertações

Base de dados	Descritores
Cadernos de História da Educação; Revista Brasileira de História da Educação; Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	Museu Escolar; Museu Pedagógico; Acervos escolares; Museu e Ação Educativa.
Anais do Museu Paulista; Boletim do Museu Paraense	Museu e pesquisa; Museu e universidade.
Periódicos CAPES	Museu e Norbert Elias; Museu e interdependência; Museu e formação.
Teses e dissertações	Museu Escolar; Museu Pedagógico; Acervos escolares; Museu e Universidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁴ Programas de Pós-Graduação, Grupos de Pesquisa, Projetos de Pesquisa, Revistas e Eventos de circulação acadêmica, os quais dão origem a teses, dissertações, monografias e artigos científicos.

Ao trazer uma discussão sobre parte desses estudos, visando uma amostragem¹⁵ de pesquisas que versam sobre temáticas pertinentes a esta pesquisa, vislumbra-se indicar categorias de análise e de estudos que abordam os descritores propostos. Intenciona-se elencar categorias preexistentes sobre os assuntos para que se possa, no próximo capítulo, enxergar uma nova categoria de análise voltada à formação de estudantes universitários em museus e suas interdependências.

Em alguns textos constatou-se que as palavras-chave *museus escolares*, *universidade e formação* não eram os fios condutores das pesquisas, mas assuntos abordados de forma tímida, conforme pode ser visto no tópico 3.1. Em suma, os textos identificados abordam conteúdos relacionados a acervos e arquivos escolares, mas fazem pouca ou nenhuma referência a Museus Escolares e pedagógicos; também pouco abordam a formação de estudantes em museus, nem a relação entre museus e universidade ou conceitos e teorias de Norbert Elias.

Entretanto, por mais que não abordem especificamente os fios condutores da presente pesquisa, os descritores utilizados fazem referência, de alguma forma, ao lugar social de produção do autor, os quais passaram algum momento de suas carreiras acadêmicas e profissionais como pesquisadores de acervos, coordenadores, funcionários ou membros de museus e arquivos.

Assim, com base nas ideias de Certeau (1982), destaca-se que toda pesquisa se encontra em um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Uma pesquisa possui meios de elaboração circunscritos por determinações próprias. Esse lugar social de produção indica os métodos, os interesses, os documentos e as questões que serão propostas. Apesar da falta de diálogo de parte dos descritores e das lacunas sobre a musealização da cultura escolar, o lugar social de produção dos autores do tópico 3.1 demonstram interdependências entre indivíduos e acervos escolares.

Em seguida, nos tópicos 3.2, 3.3 e 3.4 serão apresentados estudos que abordam de forma mais aprofundada parte dos descritores utilizados – museu escolar,

¹⁵ A amostragem representativa segue a lógica do critério de saturação. Segundo Roque Moraes (2003), a saturação ocorre quando a inserção de novas informações deixa de modificar os resultados da pesquisa ou passa a promover um retorno reduzido. Destaca-se que, antes de iniciar o critério de saturação, tendo em vista o Quadro 1, foram encontrados cerca de 200 estudos que versam sobre os descritores selecionados. Porém, após a leitura dos títulos e resumos, percebeu-se que a maior parte dos textos abordavam o objeto de pesquisa de forma lacunar. Por esse motivo, optou-se por dissertações, teses e artigos que de fato promoveram pesquisas mais aprofundadas sobre os descritores e objeto de pesquisa propostos.

museu pedagógico, acervos escolares, museu e pesquisa, museu e universidade, museu e formação – e que são guiados pelo fio condutor dos acervos e da História de Museus Escolares. Também busca-se esclarecer o lugar social de produção dos indivíduos para compreender as interdependências que os levaram a produzir pesquisas sobre os assuntos elencados. Logo, por mais que existam lacunas sobre o tema da musealização da cultura escolar – conforme será abordado no tópico 3.1 – observa-se a existência de importantes estudos sobre o tema, como será visto nos tópicos 3.2, 3.3 e 3.4.

3.1 ESTUDOS SOBRE ACERVOS ESCOLARES

No texto *Os Arquivos Escolares como Fonte para a História da Educação*, de Nailda Marinho da Costa Bonato (2005), a autora aborda o potencial dos arquivos escolares na área da Educação, e promove um diálogo entre a Legislação, a História, a Arquivologia e a Informática. Bonato aponta a emergência de novas fontes escolares, como fotografias, cultura material escolar e fontes orais. No que se refere à formação e à carreira acadêmica da autora, seu lugar social de produção parte de uma formação interdisciplinar, sendo seu Doutorado em Educação, Graduação em Arquivologia e Pedagogia, assim como o fato de ela ter atuado na Associação Cultural do Arquivo Nacional, entre outras experiências.

As experiências pessoais da autora podem ter contribuído para a abordagem de acervos escolares em seu texto. É possível observar interseções entre os contextos micro e macro da autora. No micro, nota-se a formação e a atuação profissional de Bonato. Já na dimensão macro tem-se as influências do crescimento de estudos sobre os acervos escolares e a diversificação de fontes de estudo. Em uma perspectiva de interdependências, seu texto é alimentado pelos eventos particulares e gerais, assim como retroalimenta esses próprios eventos, pois contribui para a circulação da abordagem de acervos escolares, dentro da perspectiva da Educação e da Arquivologia.

Os textos a seguir demonstram características similares, no que diz respeito ao processo relacional entre as dimensões particulares e macro dos autores. Os autores apresentam formações e atuações profissionais que refletem em suas produções acadêmicas e demonstram a importância do crescimento do número de estudos sobre acervos escolares. Além disso, é necessário compreender essas produções,

abordagens e lugares sociais de produção a partir dos indivíduos que, ao pesquisarem e escreverem, contribuem para com a circulação de conhecimento que alimenta a figuração acadêmica em que estão inseridos.

Ao estabelecer diálogos entre autores e elencar categorias de análise, não se pode perder de vista as interdependências dos indivíduos em um todo relacional e em figurações dinâmicas. Estabelecer relações entre estudos que abordam acervos escolares tem a ver com a transformação de figurações educacionais que, hoje, por exemplo, permitem abordagens relacionadas ao cotidiano escolar com acervos de fotografias, materiais escolares, arquitetura etc.

Dentro dessa perspectiva, existem pesquisadores que promovem o mapeamento de estudos que ajudam a organizar acervos escolares. Um exemplo é o texto *Reconstruindo Arquivos Escolares e a Experiência do GEM/MT*, de Elizabeth Madureira Siqueira (2005). A autora traz um balanço de trabalhos produzidos pelo Grupo de Pesquisa Educação e Memória (GEM) do Instituto de Educação de Mato Grosso. Além disso, ela aponta como esses estudos buscaram localizar e sistematizar documentos sobre a História da Educação daquele estado e a conectar acervos antes dispersos. O lugar social da autora está vinculado às áreas da História (Graduação e Mestrado) e da Educação (Doutorado), ao passo que ela integra o GEM e atuou como curadora da Casa “Barão de Melgaço”, um prédio tombado que abriga o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em Cuiabá. O fato de a autora integrar o GEM, assim como sua formação em História e Educação e participação na curadoria de um patrimônio histórico possuem inter-relações com sua pesquisa sobre a sistematização de acervos escolares regionais, uma vez que este assunto pode ser abordado a partir de suas áreas de formação acadêmica, bem como ser objeto de estudo de seu grupo de pesquisa e objeto de interesse da área de patrimônio.

Outro exemplo de estudo que aborda a importância da cultura escolar, mas para além de acervos móveis, é o texto *A Escrita da Arquitetura Escolar na Historiografia da Educação Brasileira (1999-2018)*, de Marcus Levy Bencostta (2019). O autor não aborda a temática de museus e acervos escolares, mas trata da História da Arquitetura Escolar e suas principais tendências, principalmente a partir da produção de autores que visam a História da Arquitetura dos espaços institucionais de ensino. Bencostta é professor na área de História da Educação, membro da Associação dos Amigos do Museu Oscar Niemeyer (MON), possui aperfeiçoamento de Pós-Doutorado em Arquitetura Escolar pela *Université du Québec à Montréal*,

assim como foi fundador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar (NEPHArqE).

A experiência de Bencostta nas áreas e instituições citadas demonstram as inter-relações por trás da escrita de um texto que tem como objetos de pesquisa a cultura e a arquitetura escolar. Esse tipo de estudo dialoga com os eventos particulares e macro, no que diz respeito à formação do autor e ao crescimento e circulação de estudos, dentro da História da Educação, relacionados à cultura escolar, sendo a Arquitetura uma característica importante para a escrita da História das Instituições Escolares.

As características dos estudos citados até aqui indicam suas interdependências, pois são textos escritos por indivíduos que possuem lugares sociais de produção relacionados às áreas da História ou da História da Educação. São estudos produzidos em contextos que permitem a abordagem das culturas ou acervos escolares diversos, em diálogo com o alargamento de fontes e objetos de estudos das áreas em questão, principalmente as reformulações históricas, museológicas e educacionais da segunda metade do século XX. Além disso, as pesquisas desses indivíduos reforçam que, por mais que os estudos não abordem diretamente os Museus Escolares, os objetos de pesquisa partem da cultura ou de acervos escolares ou, ainda, os autores e autoras apresentam atuações profissionais ou de pesquisa que ocorreram em museus, arquivos, casa de memória, grupo de pesquisa sobre acervos escolares etc.

Em parênteses, mas ainda sobre as pesquisas desenvolvidas com museus e arquivos, é importante ressaltar os caminhos que balizaram a constituição da obra *O Processo Civilizador* de Norbert Elias (1994b), visto que essa pesquisa ganhou forma dentro da Biblioteca do Museu Britânico, atual Biblioteca Britânica. Esse detalhe é importante, pois a obra de Elias oferece boa parte dos aportes teóricos da presente pesquisa e evidencia as interdependências entre a vida pessoal, acadêmica e a configuração de uma biblioteca de museu.

Elias nasceu na Alemanha, em 1897, e identificava-se como judeu devido à origem de sua família. Iniciou, paralelamente, os estudos em Medicina e Filosofia, dando continuidade apenas à segunda escolha somada à formação em Psicologia. Por meio de seus trabalhos acadêmicos, Elias planejava levantar o véu das mitologias que disfarçam a visão de sociedade dos indivíduos, como o nacionalismo e as

propagandas de guerra. Seu intuito era desenvolver teorias que pudessem auxiliar as pessoas a agirem de maneira mais sensata e de acordo com a realidade (Elias, 2001).

Na época da ascensão do nazismo, Elias seguiu para Paris e, depois de algum tempo, mudou-se para a Inglaterra na companhia de alguns amigos. Na Inglaterra, começou a desenvolver *O Processo Civilizador*, pois buscava uma nova perspectiva de carreira. O desenvolvimento da obra ocorreu devido ao auxílio financeiro do Comitê de Refugiados Judeus e ao aprofundamento de sua leitura na Biblioteca do Museu Britânico. A primeira pista sobre seu novo objeto de pesquisa surgiu ao encontrar tratados de etiqueta que possibilitaram o estudo de normas de comportamentos do passado (Elias, 2001).

Descobri ali a biblioteca do Museu Britânico, a atual British Library, e, a partir desse momento, levei uma vida muito simples: levantava de manhã e passava o dia inteiro no Museu Britânico [...]. Foi assim que cai nos tratados de etiqueta. Um dia, fiz com que me trouxessem um deles por acaso, creio que era *Courtin*. Com isso subitamente me vi de posse de um material que mostrava a diversidade das normas vigentes em épocas antigas e que permitia analisar seu desenvolvimento de maneira segura. (Elias, 2001, p. 63-64)

A trajetória de vida e acadêmica do autor – relacionada a sua origem, formação e aos motivos do refúgio em outro país – o levou a iniciar uma pesquisa dentro da Biblioteca do Museu Britânico, assim como o interesse por tratados de etiqueta e normas de comportamentos de outras épocas. Por conseguinte, os resultados da obra de Elias possibilitaram a elaboração de aportes teóricos que foram e são utilizados por outros pesquisadores. Assim observa-se que

Não se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais. Também sua estrutura não é outra coisa senão a das relações entre as diferentes notas. Dá-se algo semelhante com a casa. Aquilo a que chamamos sua estrutura não é a estrutura das pedras isoladas, mas a das relações entre as diferentes pedras com que ela é construída; é o complexo das funções que as pedras têm em relação umas às outras na unidade da casa. (Elias, 1994b, p. 22)

Além disso, Elias construiu vínculos afetivos com a Biblioteca do Museu Britânico:

[...] sentia-me como em minha casa; depois de seis meses, conhecia pelo menos dez por cento dos frequentadores. [...] Dez minutos depois que eu chegava, o funcionário da biblioteca trazia para minha mesa a pilha de livros que eu escolhera, e então começava a alegria da leitura; e quando achava em uma nota de rodapé uma indicação bibliográfica interessante consultava imediatamente o catálogo e encomendava os livros. [...] para mim foi um prazer e um relaxamento trabalhar nesse lugar durante anos. Aliás, continuei a ir lá depois de ter concluído meu livro. (Elias, 2001, p.64)

Essa memória pode indicar os laços invisíveis citados pelo autor no livro *A Sociedade dos Indivíduos* (1994a), quando ele afirma que cada pessoa está ligada às outras por meio de laços, como o trabalho e a propriedade, os quais são construídos por instinto ou afeto, dentro de um contexto funcional (Elias, 1994a). Quando Elias cita sua dependência em relação ao funcionário que localizava e entregava os livros e a sensação de prazer e relaxamento que sentia ao estar naquele ambiente, percebe-se que sua obra foi elaborada por meio de um laço invisível de trabalho e afeto.

A partir dos estudos citados, identifica-se uma amostragem de pesquisas relacionadas a acervos escolares, as quais não abordam especificamente Museus Escolares ou educativos, mas demonstram o interesse de estudos na cultura material escolar e em pesquisas relacionadas a este assunto. Ainda, o lugar social de produção remete a interdependências com arquivos, museus ou grupos de pesquisas que abordam acervos escolares.

Pensadores como Certeau, e mais tarde Jorn Rüsen, foram fundamentais para o aprimoramento da clarificação de que, nas diversas operações que constituem a sua prática, o historiador é atravessado por intersubjetividades várias, e também por condições específicas que definem o seu lugar social, institucional, e mais propriamente historiográfico. Assim, apenas para dar um exemplo [...] a própria escolha do tema de pesquisa, e a possibilidade de construir problemas mais singulares a partir deste tema de pesquisa, constitui-se para o historiador uma operação que deve ser compreendida a partir deste lugar complexo. (Barros, 2012, p. 412)

Por mais que as pesquisas não mencionem o contato dos autores com esses lugares sociais, é importante citá-los para compreender que os estudos acadêmicos não são apenas resultados de contextos arbitrários ou ocasionais. Ao mesmo tempo, as pesquisas alimentam e são alimentadas por arquivos, acervos de museus e documentos escolares. O lugar social de produção das pesquisas contribui para a preservação e a comunicação de arquivos e acervos, ao mesmo tempo que esses

documentos colaboram com os resultados das pesquisas e o crescimento de estudos que versam sobre acervos escolares – e outros tipos de acervos, como é o caso de Elias.

3.2 A HISTÓRIA E A MUSEALIZAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR COMO OBJETO DE PESQUISA

Nos textos que abordam especificamente acervos escolares no contexto de museus, novamente se percebe a figuração acadêmica, que vem crescendo desde meados do século XX, por conta do alargamento de procedimentos metodológicos, conceitos, referenciais teóricos e objetos de investigação na área da História Cultural, a qual possui interdependências com a História da Educação (Falcon, 2006).

O fortalecimento dessa figuração se deve ao fato de que a história educativa ultrapassa o âmbito escolar, por conta da complexa engrenagem sociocultural. Os estudos que abordam os acervos escolares em seu processo de musealização contribuem com o raciocínio de que a temática da Educação não se resume ao espaço escolar, pois é um tema de investigação que auxiliam para a formação cultural de uma determinada sociedade (Falcon, 2006). Assim, a musealização da cultura escolar demonstra outra face da figuração acadêmica, pois traz os acervos dentro de um processo de interdependências que ultrapassam a História da Educação Escolar, chegando até o terreno da Museologia e da História, por exemplo.

Essas características podem ser vistas no texto *Herança Educativa e Museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica*, de Margarida Louro Felgueiras (2011). A formação da autora está em diálogo com a abordagem de seu texto, que versa sobre o crescimento da preservação e da pesquisa de acervos escolares em museus. Felgueiras é professora de Ciências da Educação na Universidade do Porto, com estudos nas áreas de museus portugueses e brasileiros. É coordenadora do Grupo de Trabalho História da Educação, Herança Cultural e Museologia e coordenou o Núcleo de Educação, História e Museologia do Centro de Investigação e Intervenção Educativas. Por meio de sua experiência acadêmica, Felgueiras levanta uma discussão sobre a importância da salvaguarda de acervos relacionados à cultura escolar, à História da Educação e, por conseguinte, à divulgação de conhecimentos produzidos em museus.

Felgueiras (2011) observa que a Educação ganhou maior relevo a partir das décadas de 1960 e 1970 dentro das transformações dos sistemas de ensino. Os

Museus de Educação e a História da Educação passaram a reforçar a necessidade da preservação da herança educativa. Houve o alargamento do conceito de patrimônio, o qual passou a incorporar a cultura a partir de memórias afetivas e valores imateriais comunicados pelos objetos. Assim, a cultura material passa a ser vista mais pela análise dos usos e dos sentidos dados pelos seus utilizadores e menos como objetos que comunicam verdades absolutas. Portanto, os museus se tornam figurações privilegiadas à recolha, conservação, estudo e exposição de artefatos relacionados ao passado educacional e ao desenvolvimento local (Felgueiras, 2011).

Outro estudo que versa sobre museus e acervos escolares é *Viajar para Legitimar: Armanda Álvaro Alberto na Comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguai (1931)*, de Ana Chrystina Venancio Mignot (2010), que é professora da Faculdade de Educação da Universidade do Rio de Janeiro e, na época da escrita do texto, era coordenadora do Projeto de Pesquisa *O Pedagogium: símbolo da modernidade republicana*. Também produziu pesquisas sobre acervos escolares e a trajetória de outros educadores. Sua experiência ajuda a compreender o fato de que, no texto citado, ela aborda a trajetória e a atuação de Armanda Álvaro Alberto, uma das educadoras responsável pela legitimação do debate educacional e intercâmbio de ideias entre o Brasil e o Uruguai no início do século XX. Mignot analisa a conferência que a educadora proferiu no Museu Pedagógico de Montevideú, a partir de um relatório da Associação Brasileira de Educação, e conclui que a viagem de Armanda Álvaro contribuiu para legitimar inspirações educacionais escolanovistas.

O título do texto de Mignot demonstra o interesse e a experiência acadêmica da autora em estudos de Museus de Educação e a trajetória de educadores. Ao analisar o intercâmbio da educadora Armanda Álvaro Alberto com o Museu Pedagógico do Uruguai, Mignot demonstra conhecimento sobre a função dos museus pedagógicos como espaços de formação de professores, até a primeira metade do século XX. Além disso, o fato de a autora coordenar um projeto sobre o *Pedagogium* Brasileiro na mesma época em que escreveu o texto em análise – sobre a circulação de conhecimento entre países latino-americanos – também demonstra uma interdependência de conhecimentos sobre as funções dos museus pedagógicos de diferentes países. Ainda, nota-se que Mignot não aborda a história de acervos escolares ou a cultura material escolar. Sua análise se pauta em uma cultura escolar imaterial, relacionada à circulação e ao intercâmbio de experiências a partir de museus de educação.

Já no texto *As Aulas de Demonstração Científica e o Ensino da Observação*, de Katya Zuquim Braghini (2017), analisam-se experiências pedagógicas que dizem respeito ao ensino das Ciências, quando objetos científicos eram a base das aulas de demonstração, em diálogo com o método intuitivo. Braghini observa que, no final do século XIX, a prática da observação científica era um vetor de modernidade, utilizada como símbolo republicano. Essa tendência possui relações com os Museus Escolares da época, os quais traziam, em armários, vitrines ou gabinetes, espécimes utilizados em estudos científicos.

A análise de Braghini está em diálogo com sua experiência acadêmica, pois ela possui pesquisas nas áreas de História da Educação e Museus Escolares, com ênfase nos Projetos de Pesquisas: (1) *O Que os Instrumentos de Pesquisa dos Museus Escolares nos Contam sobre a Educação dos Sentidos na Passagem do Século XIX para o Século XX*, e (2) *Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (Fase 1): planejamento e organização do inventário dos instrumentos científicos*. Em vista disso, seu texto demonstra conhecimento aprofundado sobre a Educação dos Sentidos, a qual está em diálogo com o método intuitivo e foi fundamental para a formação dos primeiros Museus Escolares. A experiência da autora com o Museu Escolar do Colégio Marista demonstra sua preocupação acadêmica com a organização de acervos escolares.

Assim, ressalta-se que a produção acadêmica voltada para a História dos Museus Escolares e musealização de acervos relacionados à Educação possui interdependências com o lugar social de produção dos autores e autoras. Para Elias (1994b, p. 19), cada indivíduo “[...] é representante de uma função que só é formada e mantida em relação a outras funções, as quais só podem ser atendidas em termos da estrutura específica e das tensões específicas desse contexto total”. Existe uma rede de funções nas associações humanas, as quais formam, por exemplo, a configuração acadêmica que permite estudos relacionados à História da Educação e dos Museus Escolares. Também existem interdependências entre os próprios autores e autoras, que possuem referenciais teóricos semelhantes.

Além disso, identificam-se inter-relações entre determinados estudos que ocorrem em parceria entre orientadores e orientandos de Pós-Graduação ou, então, dissertações e teses produzidas por pesquisadores que foram orientados por outros estudiosos especialistas em Museus Escolares e História da Educação. Exemplo disso são os textos de dissertação e tese de Camila Marchi da Silva, os quais foram

escritos sob a orientação de Braghini – citada anteriormente – na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Silva atua em pesquisas com temáticas como Patrimônio Cultural Escolar, Museus Escolares e Museus Pedagógicos. Além disso, ao longo de sua trajetória acadêmica, participou de projetos relacionados à Cultura Escolar e Museus de Educação, alguns deles sob a orientação de Braghini.

Em linhas gerais, Silva integrou os projetos de pesquisa: (1) *Educação dos Sentidos e o Ensino de Ciências*; (2) *Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (Fase 1): planejamento e organização do inventário dos instrumentos científicos*; (3) *História da Escola por seus Objetos: estudos etnohistóricos da escola brasileira do século XIX e XX*; e (4) *Localização e Reconhecimento do Patrimônio Científico e Educativo da Cidade de São Paulo (Fase 1 / 1846-1933)*.

Através desses projetos, a autora teve contato com a produção do inventário de acervos escolares, em diálogo com o alargamento do significado de fonte para a História da Educação, assim como com a importância da preservação de patrimônio tecno-científico-educativo e a História dos Museus Escolares. Além disso, Silva atuou com o histórico de materiais didáticos científicos da cidade de São Paulo, tendo em vista, também, a localização, o estado de conservação e a tipologia dos acervos escolares. A produção de artigos científicos de Silva, no que diz respeito ao período da elaboração de suas dissertação e tese, girava em torno da temática de Museus Escolares em São Paulo e a circulação de saberes e objetos científicos na História da Escolarização.

Logo, sua dissertação *Museus Escolares no Estado de São Paulo (1879-1942)*, assim como a tese de Doutorado *História do Museu Pedagógico Nacional: Pedagogium – um museu de grandes novidades (1890-1919)*, finalizadas em 2015 e 2021, respectivamente, trazem importantes contribuições para a História dos Museus Escolares e Educativos. O mestrado de Silva (2015) tem como balizas temporais a Legislação sobre Museus Escolares, as quais mostram as transformações das especificidades e usos desses museus em São Paulo. A autora conclui que “o museu escolar era um vetor de práticas didáticas, com significações particulares dadas por aluno e professor dentro da escola [...] o que lhe rendeu diversas tipologias” (Silva, 2015, p. 4). Além disso, Silva aponta que o estudo das práticas a partir dos Museus Escolares do estado de São Paulo permite o vislumbre não apenas da configuração

dos museus voltados à Educação, mas também o contexto pedagógico no qual estavam imersos. Silva (2015) conclui que, em um primeiro instante, os Museus Escolares dialogavam com o método intuitivo, de acordo com uma concepção de ensino voltada à observação e ao empirismo, pois “[...] consistia na prática que partia do concreto para o abstrato” (Silva, 2015, p. 144). Tal concepção favoreceu o crescimento de empresas que fabricavam e forneciam materiais pedagógicos, os quais eram disseminados em Exposições Universais, por exemplo, e conseqüentemente favorecendo a circulação de saberes sobre o método intuitivo (Silva, 2015). A autora indica a interdependência entre Museus Escolares, Exposições Pedagógicas, empresas fabricantes de materiais didáticos e o método intuitivo.

Já em sua tese de doutorado, Silva (2021) aponta que o Museu Pedagógico Nacional (*Pedagogium*) foi fundado em 1890, no Rio de Janeiro, entre a transição do Império para a República, como símbolo e difusor do progresso e da modernidade da educação nacional e, por conta disso, tornou-se alvo de disputas políticas sobre ser financiado pelo Estado ou por iniciativas particulares. Através das intenções de sua concepção, o *Pedagogium* tinha como função “oferecer ao público e aos professores, principalmente, os meios de instrução profissional, a exposição dos melhores métodos e do material de ensino mais aperfeiçoado [...]” (Silva, 2021, p. 4). Assim, por meio de uma intensa investigação, a partir de uma variedade de documentos, a autora considera que o *Pedagogium* funcionou como um museu de divulgação, ao mesmo tempo que firmou relações com empresas de materiais didáticos e a utilização de tecnologia e objetos pedagógicos. Tratava-se de um museu de exibição de inovações (Silva, 2021).

Entretanto, por mais que o Museu Pedagógico Nacional disseminasse materiais modernos e inovações educacionais direcionados às escolas e à formação de Museus de Educação, professores “[...] sinalizaram o quanto eram caros e inviáveis a aquisição e montagem de museus escolares” (Silva, 2021, p. 315), fato que mostra a dificuldade de parte do professorado em aplicar o método intuitivo, no que se refere à aquisição de peças, por conta dos valores dos produtos e sua manutenção (Silva, 2021).

O *Pedagogium* passou por tentativas de fechamento, pois o poder público acreditava que a verba destinada ao Museu deveria ser suprimida, de forma que seu acervo fosse separado em “[...] Ciências Naturais para o Museu Nacional; a biblioteca para a Biblioteca Nacional Pública e a seção de Química, Física e os materiais

escolares enviados para a Escola Normal” (Silva, 2021, p. 312). De outro modo, membros do poder público e da iniciativa privada acreditavam que a verba destinada ao *Pedagogium* deveria ser utilizada para melhorar a Escola Normal e as escolas primárias, fatores que levaram a seu fechamento, em 1916, e à fragmentação de seu acervo e de sua história (Silva, 2021).

Na mesma concepção de produção acadêmica encontra-se a dissertação de Marília Gabriela Petry (2013), *Da Recolha à Exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil – 1911 a 1952)*. A autora dedicou sua dissertação ao estudo da introdução de Museus Escolares em escolas primárias de Santa Catarina. O foco de Petry foi a organização e a composição material desses museus. Como resultado, ela percebeu que a “tentativa de implantação de museus em escolas catarinenses demonstrou o desejo de sintonizar os processos educativos aqui desenvolvidos com as ‘últimas’ tendências pedagógicas” (Petry, 2013, p. 7).

Vê-se uma significativa contribuição da autora para com a História dos Museus Escolares de Santa Catarina, assim como com as interdependências entre a História da Educação e a musealização da cultura escolar. Além disso, a autora atuou como bolsista durante a Graduação em Pedagogia no Museu Escolar Catarinense e em setores de preservação de acervos escolares. Essa interdependência de Petry será retomada no tópico 3.4, durante a análise de um de seus artigos acadêmicos publicado na *Revista Brasileira de História da Educação*, em 2011, com sua orientadora Vera Lúcia Gaspar da Silva.

Os textos citados – que, de alguma forma, abordaram os Museus Escolares, os museus educativos, a História da Educação ou a cultura escolar –, indicam que tanto os museus direcionadas às escolas/educação como os vestígios escolares – documentos, objetos, arquitetura, materiais científicos etc. – possuíam e possuem funções pedagógicas e formativas. Essas funções se concentram na divulgação de conhecimento promovidas pelos museus e o quanto isso foi e é importante para os estudos referentes à História da Educação.

Os estudos abordados até aqui demonstram, por exemplo, como o intercâmbio entre museus pedagógicos e as palestras de educadores responsáveis pela divulgação de modernas abordagens educativas promoveu relações entre países e trocas de conhecimento. Nota-se que as inovações trazidas pelo Museu Pedagógico Nacional contribuíram para as práticas didáticas, a formação de professores e as

organizações de Museus Escolares, indicando uma interdependência de funções e usos de objetos relacionados principalmente ao método intuitivo, entre o final do século XIX e início do século XX.

Percebem-se estudos que abordam a relação entre a História dos Museus Escolares de São Paulo e de Santa Catarina com a História da Educação e a introdução do método intuitivo em escolas, a partir de objetos e teorias científicas do final do século XIX e início do século XX. Em um primeiro momento, os Museus Escolares foram influenciados pelas teorias e modelos pedagógicos da época, ao mesmo tempo que foram responsáveis pela disseminação desses modelos em escolas. Por fim, também existem estudos que abordam questões relacionadas às mudanças de abordagens dos Museus Escolares. A partir de meados do século XX, houve o alargamento das fontes relacionadas à memória educativa, o que possibilitou o crescimento do interesse de pesquisadores pelo cotidiano escolar.

3.3 INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE MUSEU E ESCOLA

Para compreender as intersecções entre museu e escola é importante, antes, refletir sobre a função pedagógica dos museus a partir de autores como Julião (2006), Knauss (2011), Faria (2013; 2017) e Faria e Possamai (2019). Por conta da importância de considerar os sujeitos no processo de interdependências que forjam a sociedade, a relação entre os textos desses autores indica uma configuração que fortalece o campo dos estudos sobre os museus, suas funções educativas e intersecções com o público escolar.

Assim, destaca-se o texto *Apontamentos sobre a História do Museu*, de Julião (2006b), autora com uma extensa carreira profissional direcionada para a área de museus. Julião possui Doutorado em História sobre Museu e Identidade Nacional no Brasil e, anteriormente à escrita do texto, atuou na coordenação do planejamento museológico de museus mineiros a partir de vínculo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de Minas Gerais. Também atuou como diretora do Museu Histórico Abílio Barreto, e como coordenadora de pesquisa da Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais. Logo, o lugar social da autora no período referente à produção do texto demonstra sua experiência com museus e educação.

Já o texto *O Curso de Organização de Museus Escolares do Museu Histórico Nacional (Brasil, 1958)*, das autoras Faria e Possamai (2019), aborda diretamente a relação entre os museus históricos e escolares, assim como a importância da formação de professoras na formulação de museus no ambiente escolar. Faria possui Graduação em Museologia e Doutorado em Educação, sendo ambas direcionadas ao tema de Educação e Museus, com ênfase no Museu Histórico Nacional, além de ser coordenadora do programa de extensão *Museologia da UFRGS: trajetórias e memórias* e orientadora de projetos de pesquisa sobre a importância dos agentes na trajetória dos museus.

Além disso, ressalta-se que sua parceira de escrita, Possamai, também foi sua orientadora no Mestrado e no Doutorado, o que reforça as interdependências em relação a seus lugares sociais de produção. Por esse motivo também se utiliza a dissertação *O Caráter Educativo do Museu Histórico Nacional: o Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958)* e a tese *Educar no Museu: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958)*, de autoria de Faria (2013; 2017).

No que diz respeito a Possamai, destaca-se seu Pós-Doutoramento na Universidade de Paris com o projeto de pesquisa intitulado *Museu e Fotografia: estudo sobre museus de educação na França, séculos XIX e XX*, além de várias outras pesquisas na área de museus e patrimônio, assim como atuação como membro do consultivo do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM).

Sobre o texto *A Presença de Estudantes: o encontro de museus e escolas no Brasil a partir da década de 50 do século XX*, de autoria de Knauss (2011), identifica-se um importante mapeamento bibliográfico que destaca a História da Museologia no Brasil, com ênfase na Educação e nos museus. O autor possui Doutorado na área de História e, no período referente à produção do texto, atuou na direção e na administração do Arquivo Público do Rio de Janeiro e do Museu Histórico Nacional. Portanto, sua reflexão sobre museu e Educação parte de um lugar social de produção que indica interdependências entre a teoria e a prática por ele vivenciadas.

Sobre a função pedagógica dos museus e a intersecção dos textos citados, recorre-se à História dos Museus. No contexto da Revolução Francesa, os bens do clero e da Coroa foram transferidos para a nação, a fim de serem ressignificados de acordo com as novas demandas da sociedade. Um dos objetivos era instruir a nação a partir de museus que disseminavam mensagens sobre a importância do civismo e

da História. Tal perspectiva consolida-se no século XIX, quando importantes instituições museológicas foram criadas, tendo em vista a ambição pedagógica de formar os indivíduos por meio do conhecimento do passado, legitimando, assim, a formação de Estados Nacionais emergentes (Julião, 2006a).

Entretanto, a função pedagógica dos museus não é estática, pois transformou-se ao longo do tempo, com o contexto e os paradigmas vigentes. Para Julião (2006a), no Brasil, no final do século XIX, a ambição pedagógica visava contribuir para a construção da nação por meio da celebração da fauna e da flora tropicais. A criação do Museu Histórico Nacional, em 1922, constituiu-se como um marco que objetivava consagrar a História da Pátria por meio da cultura material, a fim de incentivar o culto à tradição e à elite.

Nesse período, entre o final do século XIX e início do século XX, a musealização da cultura material escolar enfatizou a disseminação de conhecimento sobre as inovações pedagógicas e a criação de um mercado internacional voltado à produção de materiais de ensino, ao mesmo tempo que se preocupou com a formação de professores sobre o uso da cultura material em Museus Escolares (Felgueiras, 2011) ou sobre o manuseio desses objetos como instrumentos científicos (Braghini, 2017), a partir do que ficou conhecido como método intuitivo (Schelbauer, 2011).

No âmbito dos museus, principalmente os escolares, destaca-se uma formação científica voltada às ideias positivistas que, em diálogo com a renovação pedagógica, trazia em si a preocupação com a formação de indivíduos republicanos (Schelbauer, 2011). Conforme abordado no capítulo anterior, as iniciativas governamentais republicanas, assim como iniciativas privadas – vinculadas a intelectuais e à maçonaria –, a disseminação de dicionários de lição de coisas e o Liceu de Artes e Ofícios, foram responsáveis pelo oferecimento e aumento de cursos e bibliografia de formação a professores, a partir de discussões importantes ao método intuitivo – como Pestalozzi e Froebel (Schelbauer, 2011).

Quanto à formação de professores, as ações do *Pedagogium* também se destinavam à formação com a intenção de fomentar a organização de Museus Escolares com o método intuitivo, com ênfase nas Ciências Naturais (Possamai, 2015). Esse raciocínio reforça a interdependência entre duas configurações: Museus Pedagógicos e Museus Escolares. A partir dos primeiros, a atenção é voltada à formação dos professores para que os segundos possam existir e passarem a fazer parte do cotidiano escolar dos alunos e da sua formação a partir do método intuitivo.

Em outras palavras, pode-se dizer que, nesse contexto, as escolas encontraram, nos Museus de Ciências especialmente, coleções e conhecimentos que correspondiam com os saberes curriculares (Faria; Possamai, 2019). Conforme visto no capítulo anterior desta tese de Doutorado, museus brasileiros, como o Museu Histórico Nacional, passaram a produzir os materiais destinados aos Museus Escolares e ao método intuitivo. Posteriormente, os museus passaram a dialogar com as reformulações escolanovistas, de forma que os estudantes ganharam maior protagonismo no processo de ensino e aprendizagem, fator que aumentou as relações entre Museus e Educação na década de 1950 (Knauss, 2011).

As transformações museológicas e educacionais, no que diz respeito às funções educativas dos museus, dialogam com o conceito de paradigma discutido por Kuhn (2006). Segundo o autor, os paradigmas são crenças partilhadas por membros de uma comunidade específica, que fornecem analogias que ajudam a determinar o que será aceito como uma explicação. Todavia, os paradigmas podem ser adaptados ou superados. Por isso é necessário conhecer as características essenciais das comunidades que os criaram. Este entendimento ajuda a perceber as mudanças de paradigmas que ocorreram nas funções dos museus ao longo do tempo, pois as representações do passado não são criações arbitrárias da realidade, mas sistemas capazes de oferecer um novo sentido ao real (Santos, 2006).

Ao longo da segunda metade do século XX, a partir de um processo de reformulações museológicas e educacionais, os museus de maiores referências passaram a ser requisitados na formação de professores, tendo em vista os Museus Escolares. Nesse sentido, é relevante abordar o curso de Organização dos Museus Escolares do Museu Histórico Nacional (Faria; Possamai, 2019). Esse vínculo entre a educação escolar e o MHN ocorreu em 1958 e a proposta era “qualificar as professoras no que tange à atuação de conservadores de museus – atualmente profissão designada como museólogo(a) – aplicada à realidade dos Museus Escolares da época” (Faria; Possamai, 2019, p. 6).

As três professoras que atuaram nesse curso de curta duração – 6 meses – eram bolsistas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), e produziram trabalhos finais referentes à temática, assim como participaram de aulas sobre museus e do Seminário Regional Latino-Americano de Museus, promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e visitaram diferentes instituições museológicas (Faria; Possamai, 2019). A década de

1950 foi um período importante para o diálogo entre a Educação e os Museus, incluindo o aumento do número de publicações sobre o assunto que passaram a circular não só na comunidade acadêmica, mas também escolar (Faria; Possamai, 2019).

O objetivo do curso era capacitar as docentes para que elas pudessem organizar, em seus estados de origem, Museus Escolares. Trata-se do primeiro curso de organização de Museus Escolares do Brasil, com o intuito de disseminar museus dessa tipologia em lugares para além de grandes centros. Uma das principais intenções era, além de ampliar o número de museus, contribuir para com a formação extracurricular dos estudantes e potencializar o aprendizado a partir de museus (Camargo, 1958 apud Faria; Possamai, 2019). A programação contemplou “[...] a organização, arrumação, catalogação e classificação aplicada a museus que pudesse ser posteriormente posta em prática em Museus Escolares estaduais” (Faria; Possamai, 2019, p. 10). Mesmo com dificuldades em oferecer formação relacionada a Museus Escolares, segundo documentos e relatórios enviados pelos membros do MHN ao Inep, os ministrantes organizaram uma estrutura de conteúdo programático.

[...] por ser um curso de curta-duração, com público-alvo e temática específica, sua concepção perpassava pelo conteúdo do Curso de Museus de forma incipiente, até porque a formação especializada tinha duração de três anos. Ainda assim, percebe-se que as noções ensinadas se concentravam na disciplina Técnica de Museus. É possível agrupar os pontos desenvolvidos em três abordagens: conceituações, arrumação de exposições e classificação do acervo escolar. (Faria; Possamai, 2019, p. 11)

Essas abordagens se relacionavam, inicialmente, com o universo escolar, como museus pedagógicos, museus didáticos, bem como Museus Escolares e Museus das Escolas. Posteriormente, o curso enfatiza a finalidade dos museus e da sua organização. Por conseguinte, a formação se concentra na arrumação de museus, tendo em vista a montagem de exposições com temáticas específicas e a adaptação para as experiências de museus do universo escolar. Identifica-se o esforço das professoras bolsistas em se aproximarem dos estudos científicos relacionados aos museus, assim como o empenho dos ministrantes do curso em adaptá-lo para a realidade do universo escolar das professoras (Faria; Possamai, 2019).

Ressalta-se que existe uma interdependência entre esse curso de curta duração oferecido pelo MHN às professoras e o Curso de Museus, que visava a formação de museólogos, com duração de 3 anos, nas dependências do Museu Histórico Nacional. A configuração do Curso de Museus foi adaptada a uma imersão de 6 meses direcionada principalmente ao universo escolar (Faria; Possamai, 2019).

Sobre o trabalho final das três professoras que participaram do curso, trata-se de monografias, as quais foram avaliadas da seguinte forma pelas ministrantes do curso:

Em documento encaminhado à coordenadora do Curso de Museus é mencionado que as alunas ampliaram seus conhecimentos e experiências; tiveram interesse na temática central do curso; esforçaram-se para aprender e corresponder ao desafio de entrar em contato com as habilidades e competências propostas; compreenderam a relevância do museu escolar; aprenderam a realizar os procedimentos práticos de documentação museológica; tiveram bom aproveitamento do estágio; demonstraram interesse nos trabalhos letivos; foram assíduas; compareceram pontualmente às visitas indicadas; demonstraram compreensão do assunto e apresentaram sugestões aplicadas, entre outros aspectos mencionados. (Corrêa; Portugal; Carvalho, 1958, p. 1-2 apud Faria; Possamai, 2019, p. 15).

As três monografias contaram com estrutura semelhante, a qual contemplou o conteúdo programático do curso. As professoras seguiram o padrão de abordar, respectivamente “Introdução; Museu – histórico, conceito e definição; Museu escolar – criação, finalidades e organização; Técnica de Museus; Conclusões” (Faria; Possamai, 2019, p. 15). Ao longo de suas pesquisas, as professoras esclarecem os objetivos do curso de formação em relação à ampliação do número de Museus Escolares para além dos grandes centros, assim como a importância da função educativa dos museus para o aprendizado, sendo os Museus Escolares lugares de legitimação da educação em museus.

De outro modo, o curso, em diálogo com uma perspectiva museológica mais democrática, destacou que as instituições museológicas não se reduzem apenas a “salvaguardar seus objetos, mas também potencializar seu papel educativo”, pois importa “[...] a função social que os museus prestam à sociedade moderna, bem como a qualidade dos museus dinâmicos de serem fontes de pesquisa e conhecimento” (Faria; Possamai, 2019, p. 18).

Em suma, notam-se diversas interdependências e configurações que demonstram que as funções dos indivíduos envolvidos nesse processo contribuíram para reformulações nos campos da Educação e da Museologia. Tal perspectiva dialoga com as ideias de Elias (1994a) quanto às funções interdependentes dos indivíduos, as quais apontam que cada sujeito é uma espécie de elo em uma rede de funções que dão origem à sociedade. Essas funções formam configurações, como se pode ver nas relações entre os ministrantes do Curso de Curta Duração, os quais também eram responsáveis pelo Curso de Museus (Especialização) do MHN, e as professoras participantes. Ainda, percebem-se as interdependências relacionadas aos estudos acadêmicos sobre as funções e transformações dos museus, assim como a aproximação dos museus em relação ao currículo escolar e à aprendizagem dos estudantes, ou seja, sua função social e educativa.

Faria indaga que a educação em museus exigiu, dos profissionais, “[...] estudos, recomendações e proposições que impulsionassem o aprendizado pelo patrimônio” (Faria, 2017, p. 167). Mediar uma educação visual a partir de museus demandou o desenvolvimento de conhecimentos teóricos e empíricos os quais potencializaram a relação entre as instituições e os visitantes. Tal questão mostra que os profissionais de museus estavam em sintonia com as mudanças da Educação e da cultura no contexto do século XX (Faria, 2017).

Nesse sentido, em sua dissertação, Faria (2013) destaca o livro *Museu e Educação*, de autoria de Trigueiros (1958), o qual aborda a temática dos Museus Escolares na década de 1950 e ressalta a importância dos museus no processo educativo e na vida da comunidade em diálogo com discussões da UNESCO sobre potencializar uma política educacional nos museus. Além disso, Trigueiros “[...] aponta a necessidade de mais atenção para o tema [museu escolar], tanto por parte de educadores como legisladores, uma vez que os museus possam contribuir de forma significativa na aprendizagem escolar através de elementos visuais” (Faria, 2013, p. 158). Ele enfatiza que o público dos Museus Escolares da década de 1950 eram crianças e o enfoque era direcionado ao acervo que presta assistência às disciplinas, de forma a possibilitar abordagens de ensino. Trigueiros também afirma que um museu escolar não deveria ser destinado à visitação pública, mas ao manuseio dos objetos pelos estudantes, visando estimular questionamentos: “Como? Onde? Por quê?” (Faria, 2013).

Ao longo do século XX, as figurações relacionadas aos Museus Escolares passaram por processos dinâmicos e transformações. Os Museus Escolares – que antes se pautavam no método intuitivo e nas ciências naturais – e os museus de outras tipologias – como os históricos –, que até meados do século XX se concentravam na cultura material da elite em detrimento de outros grupos sociais – passaram por reformulações relacionadas a novas correntes educativas, museológicas, sociológicas, históricas etc. Essas transformações geraram novas configurações que divulgaram e circularam a ampliação da preservação do patrimônio musealizado, como: o Conselho Internacional de Museus (ICOM) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), criados em 1946, e o Seminário Regional Latino-Americano de Museus da UNESCO, de 1958, sobre o papel educativo dos museus.

A década de 1950 foi marcada por diversas mudanças e ações relacionadas aos museus. Esse contexto impulsionou a relação entre os museus e a escola. Knauss (2011) aborda a História da Museologia no Brasil, entre 1950 e 1980, tendo em vista a relação Museu e Educação e a renovação e a introdução de conceitos como museu integral e educação patrimonial. O autor aponta que a década de 1940 afirmou a Museologia dentro do campo intelectual brasileiro, com obras de referências fundamentais, em diálogo com o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional.

Em 1947, a conservadora e coordenadora do curso, Nair Moraes de Carvalho, publicou um artigo sobre o sentido educativo do Museu Histórico Nacional pontuando a relação entre os museus e a juventude. Na década de 1950, o Curso de Museus passou por reformas, de modo que manteve seu olhar para a formação de profissionais de museus, mas com um debate maior acerca da relação entre Museus e Educação (Knauss, 2011).

Durante o século XX, as instituições museológicas passaram de antigos museus científicos, restritos às pesquisas especializadas e profissionais, para museus abertos ao público e direcionados, de forma mais ampla, à Educação (Knauss, 2011). Na década de 1950, a juventude passa a ser vista como um dos públicos-alvo dos Museus, considerando as relações entre o campo museológico e a educação escolar, fato que destaca a intrínseca relação entre museus e escolas (Knauss, 2011). Tais fatores foram reforçados a partir de publicações dos Anais do Museu Histórico Nacional:

Em passagem da mesma publicação dos Anais do Museu Histórico Nacional, Nair Moraes de Carvalho cita Germaine Cart, que classificara diferentes tipos de visitas educativas e faz referência, ainda, a questionários para serem respondidos por alunos durante ou após a visita. Além disso, pontuava tipos de visitas escolares. Primeiramente, as visitas escolares dirigidas eram caracterizadas como as que se realizam durante o horário de aula, com programa preestabelecido de antemão e com preleção dos conservadores do museu. Por sua vez, as visitas escolares livres eram as que se realizadas por grupos de estudantes indicados, fora do horário de aula e sem serem necessariamente acompanhados, propondo-se um tema para estudo ou inquérito. As visitas escolares combinadas, porém, compunham-se de uma parte dirigida e outra parte livre, combinado assim os outros dois tipos. (Knauss, 2011, p. 586)

A fim de valorizar as ações do Museu Histórico Nacional, Carvalho aborda as visitas educativas como assunto central em publicações e discussões que dizem respeito à função educativa dos Museus. Além das visitas, constata-se o interesse na apropriação dos estudantes durante e após as visitas, detalhe que mostra que os alunos passaram a ser vistos como sujeitos ativos no processo de visita a acervos musealizados. Em linhas gerais, observa-se o interesse em visitas educativas classificadas como escolares no ambiente do Museu Histórico Nacional. Tratava-se de visitas escolares dirigidas, livres ou combinadas (Knauss, 2011).

Knauss (2011) também aponta outras discussões que valorizam as funções educativas dos museus em relação ao público escolar. Segundo o autor, existiam debates que consideravam a relação museu e escola como algo latente em décadas anteriores, assim como estudos que indicavam que essa era uma nova tendência dos museus. Ele sublinha estudos que enfatizam a relação Museu e Educação a partir da escola e do ensino escolar, os quais destacam, por exemplo, que na década de 1950, o público escolar se conectava aos museus ainda de forma tímida, pois os currículos deixavam à margem as atividades extraclasse.

A educação passou a ser a questão central dos museus a partir da década de 1950. Isso foi impulsionado pelas ações da UNESCO, as quais incentivaram ações como reuniões de educadores e técnicos de Museus e seminários sobre o papel dos Museus em relação à Educação, com ênfase no seminário que ocorreu no Rio de Janeiro, em 1958, sobre a função educadora dos Museus (Knauss, 2011).

Somadas ao Curso de Curta Duração oferecido a professoras pelo MHN (Faria; Possamai, 2019), verifica-se que a relação entre “[...] museus e escola nos anos de 1950 contribuiu para renovar o debate conceitual sobre os museus e renovar o perfil

dos profissionais de museus, levando adiante, em novas bases, a interação dos museus com a sociedade” (Knauss, 2011, p. 594).

Com base em um desenvolvimento humano, as ações, pesquisas e discussões que circularam a partir da década de 1950, reverberaram em transformações de figurações museológicas nas décadas seguintes. Por exemplo, em 1972, a Museologia da América Latina passa a dialogar com o conceito de Museu Integral, sinalizado na Declaração de Santiago do Chile e no Seminário do ICOM, realizado na mesma cidade. A partir dessa ação, circula a ideia de que os Museus são instituições a serviço da sociedade em que está inserido, pois este contribui para a formação da consciência das comunidades que os cercam (Knauss, 2011).

No Brasil, essa transformação passou a ser vista de forma mais concreta a partir do Seminário do Museu Imperial sobre o uso educacional dos museus e monumentos, momento que foi fixado o conceito de Educação Patrimonial. Em linhas gerais, o conceito se pauta na ideia de que a educação para o patrimônio “[...] se confunde com um trabalho de alfabetização cultural que procura deixar claro que a vida social é dominada por códigos” (Knauss, 2011, p. 595).

3.4 OS MUSEUS COMO LABORATÓRIOS DE PESQUISA E ESPAÇO DE FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Intenciona-se, neste tópico, enfatizar a importância dos Museus como espaços de produção de conhecimento e de formação. Para isso, busca-se relacionar autores e autoras que, de alguma forma, a partir de suas experiências profissionais e acadêmicas, elaboraram textos que permitem enxergar interdependências entre práticas de preservação, pesquisa, comunicação e formação em museus, as quais ocorrem no contexto de projetos de pesquisas, de estágios, de Pós-Graduação etc. Destaca-se que este tópico é uma conexão para o próximo capítulo, quando serão analisadas as entrevistas e interdependências de estudantes de Graduação e Pós-Graduação que atuam ou atuaram na configuração do Museu Escolar de Londrina. Em outras palavras, os estudos apresentados neste tópico permitem compreender que a problemática dos Museus ultrapassa a exposição da cultura material, pois eles possuem funções científico-documentais (Meneses, 2003) e formativas.

Desde a antiguidade, a exposição de coleções de grupos proeminentes servia como paradigmas responsáveis pela recriação simbólica da ordem do mundo, ou

como um teatro de memórias que mereciam ser lembradas de acordo com o exercício de poder de cada época (Meneses, 1994). A matriz sensorial de coleções e acervos em exposições facilitava a lembrança e, por conseguinte, geravam um impacto pedagógico. Dentro dessa perspectiva, a memória se tornou uma forma de enculturação de paradigmas (Meneses, 1994). Atualmente, sabe-se que esse tipo de abordagem é problemático, pois pode transformar a História em um espetáculo, ao mesmo tempo que promove a marginalização da produção de conhecimento em Museus (Meneses, 1994).

Para Meneses (2003), os Museus têm a função social de criar condições para que as comunidades compreendam como e por quais motivos as identidades se organizam, se compartmentam e se confrontam com a cultura material. Para impedir que a memória seja reduzida a um instrumento de enculturação do passado é necessário valorizar a produção de conhecimento, pois os seres humanos promovem um complexo fenômeno de apropriação social da natureza física por meio de seus sentidos materiais e imateriais. De outro modo, a produção de conhecimento é importante aos Museus, pois o interesse nos objetos materiais parte da produção de sentidos que eles podem mediar (Meneses, 1994).

Em um Museu, a cultura material pode ser interpretada de maneira diferente das prateleiras de um supermercado, pois os objetos estão fora do contexto cotidiano. Isso demonstra a importância da função documental dos Museus. Os indivíduos que atuam em instituições museológicas organizam suas fontes em acervos que podem ser contempladas em bancos de dados e, por conseguinte, garantir o acesso a experiências e conhecimentos humanos do passado (Meneses, 1994).

O raciocínio de Meneses se concentra nos Museus Históricos; porém, as funções museológicas apontadas pelo autor vão ao encontro das transformações da missão da escola e dos Museus Escolares. Para Felgueiras (2011), o alargamento e a preservação de fontes para a História da Educação, tanto no Brasil como em Portugal, resultaram em inventários, em registros e na construção de bases de dados museológicas. Para além do ofício inicial do historiador – que se preocupava com um delimitado conjunto de fontes –, cresce a necessidade de organizar um vasto conjunto de documentos do passado, bem como os meios de sua preservação (Felgueiras, 2011). Logo,

Da atividade de investigadores deslizamos, imperceptivelmente e muitas vezes com caráter de urgência, para o exercício de cidadania. É não só uma necessidade da investigação, uma vez que ao criarmos um objeto de estudo recortamos um conjunto de testemunhos que constituímos/validamos como 'as fontes', como também uma responsabilidade de cidadania em preservar os elementos, capazes de permitir a elaboração de uma memória coletiva. O conservar e tornar acessíveis as fontes é indispensável à verificação dos trabalhos e interpretações efetuadas, à continuidade de outras análises assim como à manutenção do registro desses testemunhos, como alicerces da memória. (Felgueiras, 2011, p. 76)

Investigar e possibilitar a inteligibilidade de fontes e acervos, a fim de comunicá-los para uma comunidade em bases de dados, por exemplo, transforma o exercício de investigação em um *exercício de cidadania*. Garantir o acesso a esses acervos permite que diferentes grupos tenham acesso aos alicerces de formação, manutenção ou transformação de suas memórias coletivas. Compreende-se que os indivíduos que atuam em Museus possuem funções interdependentes para com a comunidade ao seu redor – sendo ela acadêmica ou não –, pois provê a preservação, a pesquisa e a comunicação de acervos que circulam.

A missão dos Museus como lugares de preservação, pesquisa e comunicação demonstra essas instituições como figurações sociais que, por meio das interdependências das funções dos indivíduos que lá atuam, produzem conhecimento e pesquisas a partir de seus acervos. A respeito do período da Revolução Francesa, os Museus da França instigaram a produção de inventários patrióticos das riquezas do país, assim como a democratização de saberes sobre as coleções, a fim de ressignificar os bens do Antigo Regime, segundo as demandas da Revolução, e desestimular práticas de vandalismo (Poulot, 2013).

No século XIX, as pesquisas se pautavam em uma tradição de descrição de objetos que resultaram na realização de catálogos. A produção de catálogos tinha, também, o intuito de constituir a unificação nacional, tendo em vista a memória de grupos proeminentes, com destaque no cenário político e econômico (Poulot, 2013), assim como a valorização da fauna e da flora (Julião, 2006a). Além disso, no Brasil, conforme já abordado, a pesquisa em Museus, no século XIX, também se pautava em estudos científicos voltados às Ciências Naturais e à Etnografia, visando a investigação de espécimes do mundo animal e geológico e pesquisas que tinham como base o evolucionismo e o darwinismo sociais (Schwarcz, 1993). O incentivo à pesquisa em instituições museológicas constitui-se como uma prática em busca de

mediar mensagens em consonância com as ações preservacionistas de cada contexto.

De acordo com Julião (2006b), a pesquisa é indispensável às instituições museológicas, pois o funcionamento adequado dos Museus depende da preservação – prolongamento da vida útil do bem cultural –, da investigação – produção de conhecimento – e a ampliação de possibilidades de comunicação que instiga a relação entre os indivíduos e o bem cultural. As pesquisas sobre os acervos, as coleções e as exposições de Museus são fundamentais para gerar a interação entre o usuário e o bem cultural (Julião, 2006b) e possibilitam um olhar mais apurado sobre os documentos. Nesse sentido, observa-se, atualmente, o crescimento de pesquisas no cerne de Museus, as quais possuem relação autêntica com a pesquisa universitária (Poulot, 2013).

A pesquisa e a produção de conhecimento a partir de acervos de Museus, além da relação com instituições universitárias, também é contemplada na Legislação Museológica. Por exemplo, a Lei nº 11.906/2009, que criou o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), indica em seu artigo 4º que a instituição deve:

- IV – promover o fortalecimento das instituições museológicas como espaços de produção e disseminação de conhecimento e de comunicação; [...]
- VIII – promover o inventário sistemático dos bens culturais musealizados, visando a sua difusão, proteção e preservação, por meio de mecanismos de cooperação com entidades públicas e privadas; [...]
- X – Promover e apoiar atividades e projetos de pesquisa sobre o patrimônio cultural musealizado, em articulação com universidades e centros de investigação científica, com vistas na sua preservação e difusão; [...]. (Brasil, 2009)

A História dos Museus no Brasil, junto ao alargamento das noções de fontes, temáticas e objetos de estudo, patrimônios culturais e históricos, entre outros, alimentam interdependências e estratégias legislativas que buscam a produção e a disseminação de conhecimento a partir de Museus, bem como o crescimento de inventários de bens culturais elaborados e difundidos com a ajuda de entidades. Além disso, a Legislação também tem em vista a articulação com universidades e outras instituições científicas, a fim de promover projetos de pesquisa que abordam o patrimônio cultural de Museus.

A Legislação do IBRAM indica as interdependências de sujeitos de diferentes configurações, como museus, entidades públicas e privadas, universidades e instituições científicas. Nesse sentido, é importante destacar os museus como espaço de formação, principalmente aqueles vinculados a universidades. Maurício André da Silva (2020) destaca que muitos profissionais que atualmente se dedicam à área do patrimônio iniciaram sua trajetória profissional em museus vinculados a universidades públicas, visto que os museus universitários são indissociáveis do ensino, pesquisa e extensão.

Silva (2020) pontua sua própria trajetória profissional e acadêmica no que diz respeito à formação em um museu universitário. Enquanto graduando em História, atuou como estagiário no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) no contexto do *Programa de Formação do Educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo*. Essa atuação contribuiu para com seu interesse em Museus, promovendo interdependências com educadores, corpo técnico e docentes da Instituição. Silva se aproximou das áreas de Arqueologia e Etnologia e se tornou arqueólogo a partir do Mestrado em Arqueologia da USP, no qual estudou o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia e, posteriormente, desenvolveu sua tese de Doutorado com ênfase em Abordagens Educacionais e Arqueologia Amazônica. Referente à sua atuação profissional, o autor é coordenador do Educativo do MAE, o mesmo Museu em que atuou como estagiário durante sua formação.

Nota-se que, a partir de suas inter-relações, Silva (2020) elaborou uma pesquisa sobre como museus universitários tornaram-se lugares de formação de estudantes que atuam nesses espaços por meio de bolsas de projetos de ensino, pesquisa e extensão. O autor também destaca a importância desses museus para os estágios de observação de licenciatura e a formação continuada de professores que utilizam a Arqueologia e a Etnologia em sala de aula.

Sobre a formação de profissionais de Museus, segundo Silva (2020), existe o oferecimento de cursos de Museologia, assim como políticas públicas incentivadoras. Porém, existem poucas instâncias acadêmicas voltadas para a formação universitária na área da Educação Museal, de forma que os estudantes que atuam como bolsistas em Museus de universidades – e, por conseguinte, fazem a mediação de visitas ou a aplicação de oficinas educativas – são formados por meio da prática que ocorre durante a troca de conhecimento, como a observação de mediações de visitas e

acolhimentos de grupos visitantes, assim como reuniões semanais que possibilitam intercâmbios entre graduandos, técnicos, docentes e pós-graduandos (Silva, 2020).

Outro tipo de formação de bolsistas, citado por Silva (2020) com base nas experiências do MAE, refere-se à exposição *Resistência Já! Fortalecimento e união das culturas indígenas: Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena*, de 2019, a qual tinha o compromisso com a descolonização do Museu e o intuito de deixar marcas na equipe da curadoria por meio da promoção da autonarrativa indígena.

Em relação à formação de bolsistas para atuar na mediação dessa mostra, especificamente, implementou-se uma reflexão sobre as histórias de vida da equipe e como elas dialogam com as histórias indígenas. Essa estratégia viabiliza uma melhor compreensão sobre as diferenças que constituem as identidades e como podem ser mobilizadas no processo de mediação, respeitando o lugar de enunciação da fala indígena. Para respeitar o outro, é preciso entender o local que cada sujeito ocupa no mundo, lugar do grupo social ao qual pertence, além de entender como se tornar aliado da luta de outras populações minoritárias. Esse processo enriquecedor foi adotado como prática permanente no processo de formação. Foi humanizado o lócus social das bolsas, assim como o de cada membro, o que possibilitou que o trabalho de formação atente a algumas demandas trazidas pelos(as) estudantes. (Silva, 2020, p. 309)

A formação dos estudantes mediadores da mostra se pautou nas inter-relações entre as histórias de vida dos indivíduos e a forma como elas se relacionam com as histórias dos povos indígenas. Essa prática formativa baseou-se em questionamento sobre as diferenças que constituem as identidades, a fim de que essa questão pudesse ser retomada durante a mediação das visitas, tendo em vista os diferentes lugares que os sujeitos e os grupos ocupam no mundo e a importância da luta das populações minoritárias. Trata-se de uma formação que humaniza o lugar social em que os estudantes atuam.

Além da formação de estudantes universitários bolsistas, voltada para a mediação de visitas e outras ações educativas, o MAE também oferece um programa de formação de professores, o qual ocorre ao longo das últimas quatro décadas. Em linhas gerais, trata-se de uma qualificação mais apurada sobre Arqueologia e Etnologia, de forma que essas temáticas possam ser aplicadas em sala de aula. Esse tipo de ação formativa está relacionado com a aplicação da Lei nº 11.645 sobre a obrigatoriedade da abordagem da História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena nas escolas.

Após o curso, os professores e professoras têm acesso a recursos pedagógicos do MAE, os quais podem ser levados ao ambiente escolar promovendo um diálogo entre o museu e a escola. Geralmente, esses recursos se pautam em coleções didáticas que visam instigar o olhar crítico e investigativo dos estudantes, sendo elas: “Kit Educativo de Arqueologia e Etnologia, o Kit Educativo de Arqueologia do Mediterrâneo, o Kit de Objetos Infantis Indígenas e as Maquetes Táteis de Arqueologia Brasileira” (Silva, 2020, p. 315).

Por mais que não se trate de um museu escolar, os indivíduos que atuam na configuração do MAE promovem interdependências formativas entre o Museu e a Escola. Ações semelhantes foram abordadas no tópico anterior, com o texto de Faria e Possamai (2019), sobre o Curso de Organização de Museus Escolares do Museu Histórico Nacional, o qual ocorreu em 1958. Percebe-se a continuidade de inter-relações entre práticas museais e escolares, as quais se concentram na formação de professores, por exemplo.

Observa-se que, entre as poucas bibliografias encontradas sobre o assunto, o texto de Silva (2020) aborda a formação de estudantes universitários em Museus, principalmente em relação às práticas formativas destinadas à mediação de exposições, portanto, sua ênfase se pauta nos educadores de Museus por conta de sua própria experiência como estagiário durante a Graduação e, atualmente, como coordenador da seção Técnica de Educação do MAE.

Já sobre os Museus universitários, o Museu Histórico de Londrina (MHL) e o Museu Escolar de Londrina (MEL), que são vinculados à Universidade Estadual de Londrina (UEL), oferecem exemplos de pesquisas acadêmicas e atuações de graduandos e pós-graduandos que indicam a interdependência entre indivíduos, instituições museológicas, universidades e cidade¹⁶. Acerca do MHL, Leme (2013), à época historiador do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL, analisou, em sua tese de Doutorado, a trajetória daquela instituição e as narrativas da história local presentes em seu acervo e política museológica, mostrando que a exposição de longa duração do MHL evidenciava a exclusão de diversos grupos sociais. Os resultados da análise de Leme possibilitam a reflexão crítica sobre a prática preservacionista daquela Instituição.

¹⁶ Ressalta-se que as práticas museais e pesquisas produzidas no contexto do Museu Escolar de Londrina serão analisadas de forma aprofundada no próximo capítulo.

Para alcançar os objetivos de sua pesquisa, Leme (2013) analisou diversas fontes históricas, como o memorial descritivo da exposição, fotografias, documentos institucionais e depoimentos de funcionários. Tais escolhas apontam a pesquisa como um resultado de interações sociais, pois, ao procurar e ao produzir vestígios históricos, o autor estabeleceu relações com outros indivíduos vinculados ao MHL e à História de Londrina. Ainda sobre o MHL, outros graduandos e pós-graduandos elaboraram pesquisas relacionadas ao seu acervo ou as suas exposições, os quais atuaram durante estágios da Graduação como mediadores de visitas em exposições, ministrantes de Oficinas em escolas e assistentes de preservação e pesquisas de acervos nos setores técnicos. Serão citados, na sequência, alguns exemplos de pesquisas que se encaixam nesse perfil.

Em 2014, Aryane Kovacs Fernandes elaborou o Trabalho de Conclusão de Curso em História, na UEL, intitulado *Narrativas de Quem Ensina: utilização de fotografias da exposição permanente do Museu Histórico de Londrina por monitores e professores*. A autora gravou e analisou entrevistas de mediadores de visitas e professores referentes à forma como eles se apropriaram das fotografias da exposição de longa duração do MHL. Além de atuar como mediadora de visitas no Museu, Kovacs também ministrava oficinas em escolas – a partir de projetos de extensão do MHL – sobre utilização de fotografias da cidade de Londrina no ensino de História. A autora atuou como assistente de preservação e pesquisa no setor de imagem e som da mesma Instituição, fato que mostra suas interdependências em diferentes figurações – Museu, Universidade, Escola – as quais alimentaram seu Trabalho de Conclusão de Curso em História.

Outro exemplo relacionado ao Museu Histórico de Londrina é a dissertação de Juliana Souza Belasqui, elaborada a partir do Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL, publicada em 2019. Durante a Graduação em História, assim como Kovacs, Belasqui atuou como mediadora de visitas e assistente de preservação e pesquisa no Museu, assim como ministrante de oficina em escolas. Sua dissertação intitulada *Entre Lobisomens e Fantasmas: análise de causos circulantes de Londrina (2015-2018)* utiliza como fontes históricas causos – compreendidos como narrativas curtas contadas no cotidiano sobre episódios sobrenaturais e fantásticos – oriundos do acervo do MHL, os quais foram coletados a partir de projetos de extensão que envolveram o Museu, a Universidade, as escolas e a comunidade.

Belasqui (2019) conclui que os causos circulantes da cidade estão imersos em representações do sobrenatural, as quais se constituem como práticas culturais londrinenses. Sua experiência no Museu Histórico de Londrina influenciou sua pesquisa de Mestrado pelo uso do acervo do Museu, assim como a temática voltada à História da cidade de Londrina. Ao mesmo tempo, por meio dessa inter-relação, a autora contribuiu para preservação, pesquisa e comunicação do acervo de causos do MHL, fator que potencializa o acesso dos indivíduos aos bens culturais musealizados.

Com relação às interdependências entre Museus Escolares e a produção de práticas formativas de estudantes universitários destaca-se o texto *A Aventura de Inventariar: uma experiência no Museu da Escola Catarinense*, de autoria de Vera Lucia Gaspar da Silva e Marília Gabriela Petry (2011). Silva é doutora em Educação, com ênfase em História da Educação, e atua, entre outros, com temas de cultura material escolar e museus pedagógicos. Silva é coordenadora do Museu da Escola Catarinense. Petry, na época da escrita do texto, era mestranda em Educação pela UDESC e orientanda de Silva, com pesquisas relacionadas a Museus Escolares.

Além disso, durante a Graduação em Pedagogia, Petry participou de atividades de extensão relacionadas ao projeto *Objetos da Escola: registro e inventário dos móveis do Museu da Escola Catarinense*. Antes mesmo de apresentar o texto produzido pelas duas, percebem-se interdependências entre a formação e a produção acadêmica das autoras, as quais, durante suas trajetórias profissionais, atuaram no Museu da Escola Catarinense. Logo, nota-se pelo próprio título do texto – *A Aventura de Inventariar: uma experiência no Museu da Escola Catarinense* – que este é resultado das atividades que Silva e Petry exerceram naquele espaço museológico.

Essa ação de preservação, pesquisa e comunicação, que é a produção de um inventário de Museu, contribuíram para a organização da Instituição, ao passo que influenciaram as temáticas estudadas pelas autoras. O texto de Silva e Petry (2011) apresenta resultados da experiência de inventário do Museu da Escola Catarinense, de modo que as autoras abordam a trajetória histórica do Museu até o momento da confecção do inventário do acervo e da criação do banco de dados. Elas pretendem socializar suas experiências na comunicação de material subsidiário para pesquisas sobre acervos escolares.

Outro estudo que aborda a produção de conhecimento em museus aparece no texto *História dos Museus e da Museologia através dos seus Agentes*, de Faria, junto a suas orientandas de Graduação e Pós-Graduação – em Museologia – Bittencourt e

Barbosa (2023), apresentado no 31º Simpósio Anual ICOFOM LAC e 46º Simpósio Anual ICOFOM – Fórum Internacional de Debate Museológico. As autoras buscam compreender como os processos de produção, circulação e apropriação de discursos científicos, educativos e culturais se constituem ao ponto de legitimarem o conhecimento produzido no campo dos museus e museológico. Esse estudo defende que, sem as ações individuais e coletivas dos agentes, os Museus ainda estariam restritos às funções limitadas de guardiões do passado. As autoras questionam, então, se é possível identificar agentes ou organizações que atuam ou contribuem para o campo dos museus/museal/museológico.

Os estudos analisados neste tópico demonstram as interdependências dos autores e autoras a partir das configurações de museus e universidades. Os museus se constituem como espaços de produção de conhecimento, seja por meio da produção de catálogos descritivos dos acervos ou a partir de pesquisas que comunicam acervos e potencializam o acesso dos indivíduos aos bens culturais musealizados. Além disso, os museus também se constituem como espaço de formação, principalmente quando se trata de museus universitários, onde estudantes de Graduação e Pós-Graduação atuam como estagiários, bolsistas, educadores e pesquisadores.

Destaca-se que existem lacunas quanto a estudos que abordam especificamente a formação de estudantes universitários em Museus – principalmente Museus Escolares – tendo em vista que os Museus não se resumem apenas às exposições e à mediação didática dos acervos expostos. As instituições museológicas também necessitam de preservação, pesquisa e comunicação de acervos, para que estes possam contribuir com a memória de diferentes grupos e tipologias de fontes cada vez mais diversas.

4 MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA, HISTÓRIA E PROJETOS

4.1 O MEL E AS HISTÓRIAS DOS MUSEUS

Os documentos que constituem o acervo do Museu Escolar de Londrina – MEL são provenientes da Secretaria Municipal de Educação (SME). Segundo Lopes (2023), em sua dissertação de Mestrado, esse conjunto de documentos institucionais é resultado do acúmulo de registros administrativos relacionados à Educação Municipal de Londrina. Os documentos advindos da SME referem-se a várias décadas do século XX e início do século XXI, pois os mais antigos remontam à década de 1940 (Lopes, 2023). A preservação desse acervo possibilita o vislumbre de quais documentos eram recebidos pela SME e a forma como foram organizados.

Já a investigação deles pode revelar sua relação com a História da Educação de Londrina e a História do próprio Município. Os documentos não são apenas comprovações científicas do passado; eles também são uma seleção feita a partir das funções interdependentes dos sujeitos, uma vez que a SME recebe documentos advindos das escolas e dos sujeitos que lá atuam. Nota-se que os documentos que compõem o acervo do MEL são documentos-monumentos, pois trata-se de heranças e vestígios do passado que passaram por critérios de escolhas, armazenamento, preservação etc.

Além disso, observa-se que existe um intenso trabalho direcionado a esse acervo, no que diz respeito a transporte, salvaguarda e preservação. Inicialmente, a SME guardava, em seu edifício, documentos mais recentes. Porém, em 2017, pesquisadoras e professoras em busca de fontes e preocupadas com a recuperação desse acervo, ajudaram a promover uma parceria entre a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a SME para preservar o restante e mais antigos documentos que estavam no edifício que abrigou o Instituto Brasileiro do Café (IBC) e constituíam a maior parte do conjunto.

O volume coletado atingiu aproximadamente 1.300 caixas box, contendo documentos em papel, fotografias, disquetes e recursos audiovisuais. Essa coleta foi realizada em três etapas: a primeira em 14 de março de 2020, a segunda em 28 de maio de 2021 e a terceira em 20 de outubro de 2021. A primeira coleta ocorreu antes de um período conturbado de isolamento devido à covid-19, e as coletas subsequentes foram realizadas durante o isolamento social, seguindo

as diretrizes estabelecidas pelas autoridades de saúde. (Lopes, 2023, p. 85).

A preocupação com a salvaguarda desses documentos indica a busca pela preservação de uma memória coletiva. Considerando discussões sobre memória local, História da Educação e mudanças sociais, assim como a formação da consciência histórica crítica. O fato de o acervo contar com documentos que datam desde a década de 1940 indica interconexões entre a História da Educação e a História do Município de Londrina.

De modo geral, a (re)ocupação do Norte do Paraná, segundo Antonio Paulo Benatti (1996), está relacionada à interiorização do Brasil a partir da expansão do capitalismo, em meados do século XIX. Mas é no decorrer e após a década de 1930 que a (re)ocupação desse território foi acelerada, através do capital colonizador. No caso de Londrina, localizada no “Norte Novo” do Paraná, o capital colonizador origina-se do empreendimento imobiliário – financiado pela Inglaterra e subsidiário da *Paraná Plantations Syndicate* – da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).

No chamado ‘norte novo’, área a oeste do Rio Tibagi, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) - ou, simplesmente, ‘a Companhia’ -, de capital inglês e com sede em Londres, foi o principal agente à frente desse processo. Adquirindo do governo do Paraná, por preços módicos, uma extensa gleba de mais de meio milhão de alqueires, a CTNP pôs em execução um projeto que, num verdadeiro ‘pacote’, combinava a construção e exploração de uma rede ferroviária, a venda de lotes urbanos e rurais, e, ainda que indiretamente, o plantio de café. (Benatti, 1996, p.13).

O fato da (re)ocupação do “Norte Novo” ter acontecido em um contexto de crises econômicas, fez com que a CTNP priorizasse um regime de pequenas propriedades, racionalmente planejado, uma vez que a Companhia tinha em mente, segundo Benatti (1996, p.16), “[...] uma clientela de pequenos poupadores: imigrantes e ex-colonos migrantes que poderiam tornar-se pequenos proprietários de sua mercadoria, os lotes urbanos e rurais, e consumidores de seus serviços”. Entretanto, esse plano não descartou a venda e o cultivo de grandes propriedades, “[...] inclusive com uma concentração crescente da terra a partir da superação da crise do café em fins da década de quarenta” (Benatti, 1996, p. 16).

No que diz respeito à História da Educação de Londrina, o trabalho docente esteve presente desde as “[...] primeiras escolas étnicas, comunitárias e privadas

criadas no início da década de 1930 por iniciativa de imigrantes e migrantes” (Honorato; Yamashita, 2022, p. 2). Antes mesmo de 1934, quando Londrina se emancipou como município, professores já exerciam o magistério por aqui. Assim, enquanto ente político e administrativo municipal, passou a assumir “[...] demandas da escolarização pública local, que estava em conexão com as políticas nacionais de educação” (Honorato; Yamashita, 2022, p. 2).

Tendo em vista o contexto mencionado, entende-se que os documentos cedidos pela SME, e que formam o acervo do MEL, podem ajudar na compreensão da História da Educação Municipal, em concomitância com as transformações políticas, econômicas e culturais do município, visto que as primeiras documentações fazem referência à década de 1940.

Lopes indaga se a pesquisa da educação local permite “valorizar as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da educação na região, como os fundadores de escolas e os professores que dedicaram suas vidas ao ensino” (Lopes, 2023, p. 86). Em diálogo com a História da Educação de Londrina, os documentos presentes no acervo do MEL, por exemplo, versam sobre as ações dos sujeitos que atuaram no Departamento de Educação Pública e Assistência Social (DEPAS), na Secretaria de Municipal de Educação e Cultura (SMEC) e na SME. Também é possível encontrar documentos que indicam a presença e o cotidiano de escolas rurais. Outros documentos são livros de chamada, atas de reuniões e relatos sobre o espaço físico e funcionamento das escolas. Existem fotografias¹⁷ que retratam o cotidiano escolar, as práticas culturais, as ações direcionadas à plantação e à manutenção de hortas, assim como mudanças do espaço físico etc.

A ação de preservação de documentos do Museu Escolar de Londrina se distancia das práticas relacionadas aos primeiros Museus Escolares, relacionados ao método intuitivo, os quais se preocupavam com a Educação a partir dos sentidos, promovendo museus armários e gabinetes que destacavam a História Natural. Então, pode-se dizer que as ações do MEL dialogam com as reformulações dos Museus e da História da Educação do século XX, sobretudo na sua segunda metade.

Como abordado em outros capítulos, a partir da década de 1940, os Museus constituíram bases mais democráticas por conta de encontros promovidos pela

¹⁷ Cf. OLIVEIRA; DINIZ (2023). Disponível em: <https://sites.google.com/edu.londrina.pr.gov.br/mel-museuescolardelondrina/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0>; e OLIVEIRA; OLIVEIRA (2024). <https://drive.google.com/file/d/1JAhZ6168Gt5ccwwFE4EOmFyfwBJPAkCz/view>.

UNESCO e o ICOM. Por conseguinte, na década de 1950, o *Seminário Regional Latino-Americano de Museus*, visando ampliar o conceito de Museu como espaço de educação e extensão da escola. Assim como pode ser observado nas ações do MEL, o papel político dos sujeitos que atuam em museus passou a ser reconhecido, pois potencializa valorização, preservação e interpretação do acervo. O mesmo encontro também promoveu discussões sobre Museus Escolares, as quais criticavam o seu abandono como depósito e a falta de critérios para a coleta e o recebimento de acervos. Destaca-se que o MEL atende às expectativas desses primeiros encontros sobre Museus, pois os sujeitos que lá atuam impediram a deterioração e promoveram a salvaguarda do acervo da SME.

No contexto das reformulações museológicas do século XX, em concomitância com os aportes teóricos escolanovistas, gradualmente os estudantes deixaram de ser vistos como espectadores e passaram a ser protagonistas em processos educativos que ocorriam em Museus Escolares e em Museus das Escolas. Por conta de o MEL ser um Museu em processo de construção, suas prioridades iniciais são a salvaguarda e a preservação por conta das condições emergenciais do acervo. Dessa forma, não existem tantas ações educativas direcionadas aos estudantes de escolas. Porém, o MEL constrói-se a partir das ações de preservação e pesquisa de estudantes universitários que lá atuam. A partir de projetos, esses estudantes bolsistas ou colaboradores desenvolvem pesquisas que transitam entre a Graduação e a Pós-Graduação.

Essa característica do Museu Escolar de Londrina também dialoga com as percepções de Museu e Educação da década de 1970, principalmente após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1970), a qual seria gerida por Paulo Freire, mas não foi, pela época do autoritarismo do regime cívico-militar. Mesmo assim, a teoria de Freire constituiu-se como alicerce de uma Nova Museologia direcionada à Educação como base para libertação, sendo o homem-sujeito aquele que se apropria e transforma o mundo, enquanto o homem-objeto não teria a mesma autonomia (Freire, 1969; IBRAM, 2018).

Principalmente a partir da década de 1970, os Museus Escolares acompanharam esse movimento voltando seus olhos para a preservação da Memória e Educação Escolar, tendo em vista um alargamento do conceito de patrimônio educativo (Felgueiras; Soares, 2004). A organização do MEL está situada nessa perspectiva, pois valoriza os sujeitos que lá atuam, assim como possibilita a

preservação e a pesquisa de um patrimônio educativo que possui diversas tipologias de fontes.

Tendo em vista a trajetória dos Museus Escolares e Históricos discutida nos capítulos anteriores, infere-se que o Museu Escolar de Londrina dialoga com os aportes teóricos da Nova Museologia e com os objetos e problemáticas da História da Educação intensificados a partir da década de 1970. Já na década de 1990, pesquisas direcionadas às memórias escolares e ao acervo de professores passaram a compor cada vez mais a Historiografia do Brasil. Ao mesmo tempo, cresceram as intervenções na salvaguarda desses arquivos. Tais ações promoveram a comunicação desses acervos, assim como pesquisas, catalogações, bases de dados e exposições (Felgueiras, 2011). No que se refere ao MEL e à comunicação de suas fontes

[...] trata-se do processo pelo qual documentos ou informações são representados por termos, palavras-chave ou descritores, propiciando a recuperação da informação. A criação de um sistema de catalogação e indexação permite aos usuários encontrar documentos relevantes de maneira eficaz, assim o uso de padrões e vocabulários controlados garante a consistência. (Lopes, 2023, p. 152)

As ações advindas do MEL já proporcionam, por exemplo, catalogação e indexação de documentos, assim como pesquisas – conforme será visto no próximo capítulo. Além disso, é importante reforçar que as iniciativas dos indivíduos que atuam no MEL ou em parceria com este dialogam com as histórias dos Museus e da Educação, principalmente a partir das mudanças que ocorreram nas décadas de 1970 e seguintes. O alargamento do conceito de patrimônio educativo possibilitou a preservação e a pesquisa de novas fontes, as quais valorizam as memórias de diversos sujeitos da Educação, assim como temáticas educativas que antes não eram abordadas.

Quanto à História da Educação, houve crescimento da escrita acadêmica sob o viés marxista e a Nova História Cultural. Isso ocorreu a partir da segunda metade do século XX e justifica o alargamento do estudo de fontes e objetos sobre sujeitos até então não representados, como mulheres e crianças (Burke, 2008; Possamai, 2015; Vidal; Faria Filho, 2005). Além disso, nesse momento da História da Educação houve a criação de programas de Pós-Graduação que alargaram possibilidades de temáticas de pesquisa.

É importante ressaltar que o MEL é constituído dentro de uma universidade com ações de estudantes de Graduação e Pós-Graduação, assim como professores e outros sujeitos. Portanto, a aproximação do MEL com a História da Educação demonstra que este Museu é formado por meio dos sujeitos que lá atuam, os quais desenvolvem a preservação e pesquisas.

A teoria sociológica de Elias ajuda a compreender as interconexões dos sujeitos citados neste tópico. Para o autor, não podemos desumanizar as estruturas sociais como se a sociedade fosse extra-humana. Existem interdependências entre os indivíduos, as quais formam configurações, e vice-versa. Podemos traduzir que o Museu Escolar de Londrina é uma configuração formativa constituída pelas funções interdependentes dos sujeitos que lá atuam. O Museu não pode ser desumanizado, pois é formado pelos indivíduos. Essas interconexões podem ser mutáveis, a exemplo das transformações citadas em relação à História dos Museus e à História da Educação, que influenciaram os Museus Escolares da atualidade, como o Museu Escolar de Londrina.

Em linhas gerais, a articulação entre as interconexões formadas pelos indivíduos permite a construção de configurações que não possuem regras predeterminadas. É necessário considerar a desordem e as disputas de poder geradas pelas configurações que os indivíduos formam uns com os outros, as quais também podem ser explicadas sociologicamente (Elias, 1980).

Sob essa perspectiva, nota-se que a formação do MEL ocorreu com as interdependências de sujeitos que, em um primeiro momento, reconheceram a necessidade de salvaguardar um acervo relacionado à educação municipal de Londrina. Em um segundo momento, houve a construção da parceria entre sujeitos da UEL e da Secretaria de Educação de Londrina. Em seguida, aconteceu a transferência do acervo para o prédio do PDE/UEL. Nos últimos 4 anos, existem ações de preservação e pesquisa direcionadas ao acervo, as quais ocorrem com significativa participação de estudantes da Graduação e Pós-Graduação, tendo como base projetos de pesquisa, extensão e ensino.

Notam-se inter-relações mutáveis, as quais deram origem a diferentes configurações que hoje contribuem para a formação do MEL. Entretanto, para humanizar o MEL, junto às funções dos estudantes que lá atuam, é necessário compreender os objetivos dos projetos aos quais esses sujeitos estão vinculados.

4.2 INTERDEPENDÊNCIA ENTRE O MEL E PROJETOS DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

O projeto de pesquisa intitulado *Ação Municipal e Educação no Brasil: processo de escolarização em Londrina (1949-1992)*, orientado pelo professor Tony Honorato, do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, tem como objetivo “[...] caracterizar e analisar as ações municipais na escolarização em Londrina/PR (1949-1992), dando ênfase à estruturação, organização e expansão de instituições educativas e destacando as práticas e representações de culturas escolares” (Honorato, 2020). Ressalta-se que o projeto considera a escolarização como um mecanismo civilizatório que possui interdependência com o processo de modernização dos municípios. A escolarização torna-se uma preocupação municipal que demanda ações do poder público para diminuir a fragilidade educativa (Honorato, 2020). Para compreender a escolarização como um processo civilizatório e cultural, o projeto se pauta em autores como Norbert Elias e Roger Chartier.

As interdependências desse projeto com o Museu Escolar de Londrina acontecem de várias formas. Inicialmente, a escolha das fontes parte do acervo da Secretaria Municipal de Educação, as quais estão no MEL. A busca pelas ações municipais se pauta nos documentos e, conseqüentemente, na preservação e pesquisa deles. O projeto existe por conta dos sujeitos que desenvolvem as pesquisas. Assim, entende-se que a seleção das fontes é subjetiva, pois depende da formação e dos objetivos de cada indivíduo.

Ao longo de 2020 e 2023, o projeto contou com diversos estudantes da Graduação e Pós-Graduação, principalmente oriundos dos cursos de Pedagogia e de História, e também com alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação. Esses estudantes atuaram e/ou atuam como colaboradores e pesquisadores de Iniciação Científica, de Mestrado e de Doutorado. E a partir de suas funções interdependentes, junto às orientações do docente coordenador, desenvolveram atividades ou pesquisas que contribuíram para o mapeamento e a comunicação de diferentes tipologias de fontes presentes no acervo do MEL, as quais dizem respeito às ações municipais de Londrina.

As interconexões entre os estudantes e o coordenador indicam o MEL como uma configuração social que liga uns aos outros. Em outras palavras, a ação dos estudantes direcionada ao acervo contribuem para que este seja preservado e comunicado, por exemplo, em eventos acadêmicos. Ao mesmo tempo, o contato com

o acervo do Museu estimula a formação dos estudantes em relação à preservação e à pesquisa de acervos históricos tanto quanto à seleção de fontes, objetos e temáticas de pesquisa.

Como resultado dessas interdependências, a partir do projeto e do acervo do Museu Escolar de Londrina, foram desenvolvidas pesquisas que versam, por exemplo, sobre as ações municipais para o combate da pobreza, assim como o levantamento e inventário de fontes voltadas para as ações de instituição pública de Educação.

Outro projeto que se direcionou ao MEL, concluído em 2021, intitulado *Museu Escolar Londrinense: modos de construir, ensinar e viver culturas na Escola Municipal “Urandy Andrade de Oliveira”*, o qual teve como finalidade a preservação do prédio casa-escola Urandy Andrade Correia com o intuito de instalá-lo na Universidade Estadual de Londrina como um Museu Escolar e lugar de memória da Educação de Londrina. A partir de 2018¹⁸, a professora Sandra Regina Ferreira de Oliveira (coordenadora) e o professor Tony Honorato (colaborador) passaram a orientar as atividades e pesquisas de estudantes de Graduação e Pós-Graduação no que se refere à preservação da memória do prédio da casa-escola.

Nesse período, alguns estudantes produziram entrevistas com ex-professoras e estudantes da escola rural Urandy Andrade Correia, a fim de acessar as memórias dos sujeitos que vivenciaram experiências naquele lugar. Além disso, os participantes do projeto também publicaram textos relacionados à História da Educação. Assim, o projeto deu ênfase à intersecção entre o patrimônio material (prédio da escola) e imaterial (memórias dos sujeitos) do Município de Londrina.

[...] podemos dizer que tomamos patrimônio como conceito que expressa as ações humanas que identificam um grupo social e o diferencia de outra coletividade. Importante ressaltar que esse conceito ultrapassa o espaço institucional: é percebido e valorizado por esses grupos sociais e entendidos como tal, ou seja, como algo que os identifica. (Meneses, 2009, p. 21)

Infere-se que o projeto *Museu Escolar Londrinense* trabalhou com a hipótese de que existe uma identificação de grupos sociais para com a materialidade e

¹⁸ Ressalta-se que os projetos citados e que ainda serão abordados contam com a colaboração de vários professores do PPEdu. Além de Honorato e Oliveira, também podemos citar Simoni Burioli, Marlene Rosa Cainelli, Celso Luiz Junior, entre outros que contribuem com consultorias, orientações, preservação e pesquisa dos documentos do MEL.

imaterialidade de escolas rurais de Londrina. A busca por constituir um museu escolar na casa-escola, no campus da Universidade Estadual de Londrina, possibilita que grupos que não tiveram vivências em escolas rurais possam ter contato com representações desses lugares.

No decorrer da vigência do projeto, integrantes localizaram o acervo da Secretaria Municipal de Educação de Londrina e parte deste foi transferida para a sala nº 164, no Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), e preservados a partir das atividades de Rosemeire Lopes – historiadora e funcionária da SME – e de estudantes de Iniciação Científica e de Pós-Graduação vinculados aos projetos abordados neste tópico.

Após a realização de acordos entre SME e UEL, os documentos passaram a ser transportados aos poucos para a sala 164, ficando definido que, nessa etapa, seriam digitalizados os Livros-Ata da Diretoria Administrativa e Planejamento (SME). A digitalização dos livros apresentou-se como forma de prestação de serviços para preservar esses documentos e facilitar o manuseio e a localização das informações para a equipe administrativa. Esse trabalho contou com a colaboração dos quatro estagiários de IC, que cumpriam duas tardes semanais, presencialmente. (Lopes, 2023, p. 153)

Os indivíduos que participaram do projeto em questão contribuíram para a formação de uma rede de interdependências em prol da valorização do patrimônio educativo de Londrina. A casa-escola ainda não foi reconstruída na UEL devido a questões financeiras; porém, os indivíduos do projeto promoveram iniciativas de preservação e coleta de fontes, as quais fortalecem o reconhecimento das escolas rurais como patrimônio cultural.

Em linha gerais, esse projeto proporcionou o desmonte e, por conseguinte, a transferência da estrutura da escola rural Urandy Andrade Correia, de forma que a realocação das peças se encontra no Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Londrina. Além disso, durante a vigência do projeto, ocorreu a transferência de 1.500 caixas do arquivo da SME para a UEL, mais especificamente para o antigo prédio do PDE. Essas caixas compõem, hoje, o arquivo do Projeto MEL, também intitulado de Centro de Pesquisa em História e Memória da Educação Escolar Londrinense (CPHMEEL) (Oliveira, 2022).

A partir deste projeto inicia-se, em 2022, a fase II, com o desenvolvimento do *Projeto MEL: Museu Escolar de Londrina*. As iniciativas visam criar condições para

concretizar a edificação do Museu Escolar de Londrina. O projeto intenciona potencializar o trabalho de preservação da documentação pedagógica, bem como ações de visita da comunidade em geral ao Museu Escolar de Londrina, além de disponibilizar documentação para a pesquisa da História e Memória da Educação Escolar de Londrina (Oliveira, 2022).

Essas ações dialogam com os dois projetos citados, pois prioriza as condições para implementar a casa-escola na UEL, considerando a elaboração de uma exposição museológica, assim como enfatiza a importância de um arquivo de pesquisas direcionadas à História e Memória da Educação em Londrina.

É importante ressaltar que os projetos em si existem por conta das funções exercidas pelos sujeitos envolvidos. A parceria entre a SME e a UEL conta com estudantes de Pós-Graduação, professores e funcionários que priorizam a salvaguarda do acervo, fato que proporcionou futuras práticas de preservação e pesquisas sobre ações municipais, Iniciações Científicas, dissertações, teses etc. Além dessa interdependência, os sujeitos envolvidos, conforme já abordado, produziram entrevistas que potencializam a valorização de um Museu Escolar em Londrina e a reconstrução da casa-escola.

Em suma, as funções interdependentes dos sujeitos envolvidos nos projetos formam configurações sociais como o MEL e o CPHMEEL. Mas, antes, existem outras configurações interligadas entre os próprios estudantes, orientadores e coordenadores dos projetos. Por exemplo, a coleta de entrevistas sobre a casa-escola Urandy Andrade Correia foi feita por professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL junto com estudantes da Graduação em História e Pedagogia (Alberguine, 2023). Logo, percebe-se uma interdependência entre ambas as partes, pois foi a partir das orientações dos professores – com bibliografia e observação – que os estudantes passaram a conduzir as entrevistas com os antigos professores e estudantes da casa-escola, formando uma nova configuração.

As interconexões entre os estudantes que atuaram na salvaguarda e preservação dos documentos levados para a sala nº 164 e sala do antigo PDE – intitulado CPHMEEL – também constituem configurações. Conforme abordado, na sala 164 os estudantes, sob a orientação de Rosemeire Lopes, promoveram práticas de preservação, como higienização de documentos e digitalização, as quais dependeram de orientações e formação. O mesmo ocorre no CPHMEEL que, a partir dos objetivos do projeto sobre ações municipais de Londrina e projeto MEL,

impulsionam práticas de preservação, pesquisa e comunicação do acervo. Os estudantes que lá atuam recebem orientações e formações e desenvolvem diferentes pesquisas de Iniciação Científica, TCC, dissertação e tese relacionadas ao acervo e, ao desenvolvê-las, formam configurações uns com os outros, seja pela convivência diária, seja pela troca de experiências e pelas orientações acadêmicas.

4.3 PERFIL GERAL DOS ESTUDANTES QUE ATUAM NO MEL

A seleção dos estudantes que foram entrevistados pautou-se na elaboração de pesquisas que estes desenvolveram a partir dos projetos citados. Essas pesquisas ocorreram a partir do contato com o acervo da sala 164 e, posteriormente, com o acervo da sala do antigo prédio do PDE, onde está o arquivo do Projeto MEL, atualmente. Além disso, existem estudantes de Pós-Graduação que acessaram esse acervo quando ele ainda não fazia parte do Projeto MEL, mas contribuíram para que fosse preservado por meio da relação entre a SME e a UEL.

Em relação aos estudantes que tiveram contato com o acervo da SME e do Projeto MEL antes da transferência para a Universidade Estadual de Londrina, registra-se Bruna Ester Gomes Yamashita, a qual, segundo seu Currículo Lattes, possui Graduação em Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação pela UEL. Além disso, Yamashita atua como professora da rede municipal de ensino básico de Londrina. Durante o Mestrado foi orientada pelo professor Tony Honorato e, no Doutorado, pela professora Sandra Regina Ferreira de Oliveira, ambos professores coordenadores e/ou colaboradores dos projetos citados no tópico anterior.

Sua dissertação versa sobre as ações municipais que regularam a Educação de Londrina entre 1934 e 1960. Já na tese de Doutorado desenvolveu os encontros entre a Educação e a Cultura no que diz respeito à Educação Escolar de Londrina. Yamashita concentra suas pesquisas na História da Educação de Londrina.

Outra estudante de Pós-Graduação que teve contato com o acervo da SME antes da transferência para a UEL é Eliane Aparecida Candoti, que possui Graduação em História, Mestrado em Educação e, atualmente, é doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Além disso, atua na formação continuada de professores da rede municipal de ensino com ênfase nos componentes curriculares de História e Ensino Religioso. Candoti também participa de projetos relacionados ao MEL sob a coordenação e orientação da professora Sandra de Oliveira.

Há vários anos, Candoti estuda temas relacionados à História local, com ênfase em Londrina. Por exemplo, no *Aperfeiçoamento em Programa de Desenvolvimento Social* elaborou pesquisa sobre Educação Patrimonial Local. Em seu Mestrado, focou nas possibilidades educativas do *Projeto Conhecer Londrina* para o ensino de História. Atualmente em seu doutorado, Candoti concentra a pesquisa na formação de professores em Londrina.

Sobre a gestão das ações de preservação que ocorreram na sala 164 e na sala do PDE, destaca-se Rosemeire Lopes, a qual foi designada pela SME para atuar no Projeto MEL, visto a parceria entre a Universidade Estadual de Londrina e a Secretaria Municipal de Educação. Lopes é graduada em História e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Londrina, orientada por Honorato. Como funcionária da SME, Lopes atuou como apoio pedagógico nas áreas de História e Ensino Religioso em escolas municipais. Sua dissertação é um dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre a constituição do arquivo do Projeto MEL, dando ênfase aos arquivos escolares.

Lopes atua em duas frentes relacionadas ao Projeto MEL. A primeira trata da gestão do arquivo e do desenvolvimento de práticas de preservação. Já a segunda frente é a pesquisa, por conta de sua dissertação de Mestrado (2023), que versa sobre a forma como o arquivo foi organizado de acordo com as leis e políticas arquivísticas.

Além de Lopes, outros estudantes também desenvolveram e desenvolvem pesquisas que dialogam com o acervo do Projeto MEL. Essas pesquisas versam sobre fotografias, imprensa e documentos escritos, e possuem diversas temáticas orientadas pelos projetos citados. A seguir será elencado, respectivamente, o perfil de outros estudantes de Pós-Graduação e Graduação que possuem contato ou pesquisas relacionadas ao acervo do Projeto MEL.

Gabriel Renan Alberguine atuou nos projetos como colaborador e bolsista de 2018 até 2023, e acompanhou o processo de transferência do acervo para a sala 164 e a sala do PDE. Possui Graduação em Educação Física e História, além de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação de Honorato. Sua dissertação de Mestrado, de 2023, versa sobre o cinema educativo no Município de Londrina tendo como fonte histórica documentos disponíveis no acervo do Projeto MEL. Seu contato com o acervo começou ainda na sala 164, onde atuou na higienização e digitalização dos primeiros documentos que foram transferidos para aquele lugar. Além disso, é importante ressaltar que, durante sua atuação nos

projetos, Alberguine colaborou com a coleta de entrevistas de ex-professores e alunos da escola rural Urandy Andrade Correia.

As pesquisas de Pós-Graduação são desenvolvidas também pelo doutorando Matheus Chiconato Borges e por Gabriela da Silva Sacchelli, que defendeu tese em 2024. Sacchelli possui graduação em Pedagogia e Sociologia, além de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Durante o Mestrado, desenvolveu uma pesquisa sobre Educação Rural no Município de Apucarana-PR. Em seu Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Londrina, defendido em março de 2024, Sacchelli desenvolve sua tese com documentos do acervo do Projeto MEL com ênfase na escolarização rural do Município de Londrina, com a orientação de Honorato.

Sobre a trajetória acadêmica de Matheus Chiconato Borges, possui Graduação em Educação Física e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Em sua dissertação, abordou a trajetória histórica dos cursos de Educação Física da UEL. Com a orientação de Honorato, sua pesquisa de Doutorado em Educação, também desenvolvida na UEL, tem como temática a Educação Física e a municipalização local, tendo como base o acervo do Projeto MEL. Ressalta-se que Borges possui contato com o acervo desde a sala 164, quando atuava como colaborador na higienização e digitalização de documentos. Além disso, assim como Alberguine e Lopes, Borges acompanhou o processo de transferência de todo o acervo para a sala do prédio do PDE.

Em relação aos alunos e alunas da Graduação que utilizam o acervo do Projeto MEL, pode-se citar o Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) de Tainã Aparecida Teixeira da Silva, que atuou como bolsista e colaboradora nos projetos citados. Silva possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina e, durante a elaboração de sua pesquisa, sob a orientação do professor Tony Honorato, disponibilizou parte do seu tempo para a preservação dos documentos do Projeto MEL na sala do antigo PDE. Ao mesmo tempo, buscou vestígios relacionados ao Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) na Educação Popular do Município de Londrina, a fim de analisar esse movimento como um instrumento de controle social.

Sobre os trabalhos elaborados na Graduação a partir de Iniciação Científica, podem-se citar colaboradoras e bolsistas que desenvolveram e desenvolvem pesquisas a partir do acervo do Projeto MEL. Jessica Pimenta é graduanda em

Pedagogia e, sob a orientação do professor Tony Honorato e de Gabriella Sacchelli, buscou e pesquisou documentos que versam sobre ações municipais de Londrina direcionadas para atender estudantes em situação de pobreza.

Anna Carolina Sloma Mussa deu continuidade ao trabalho de Pimenta. Mussa é Graduada em História pela UEL e também participa dos projetos, vinculados ao Departamento de Educação. Por meio de sua participação na Iniciação Científica, orientada pelo professor Tony Honorato, ela investiga a documentação do acervo e, em sua primeira pesquisa, concluiu que a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Londrina promoveu ações para atender alunos em situação de pobreza, porém não atendeu a toda a demanda de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

A estudante de Graduação em Pedagogia (UEL), Maria Clara Bagatim do Amaral Gomes, também desenvolveu pesquisa de Iniciação Científica sob a orientação de Honorato. Ela atua como bolsista nos projetos e, ao longo de 2023, a partir do acervo do Projeto MEL, fez o levantamento de fontes históricas para identificar e descrever a tipologia e o conteúdo dos documentos do Departamento de Educação Pública e Assistência Social. Seu trabalho visa comunicar o acervo utilizado para novas pesquisas, assim como fomentar a História da Educação do Município de Londrina.

Marcela Silva da Cunha é graduanda em Pedagogia pela UEL, faz parte do Projeto MEL e atua como bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa *Mapeamento da Educação da Imprensa Paranaense (1920-1980)*, sob a orientação de Simone Burioli – professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. O objetivo geral do projeto foi localizar, catalogar e mapear artigos sobre educação que estão presentes na imprensa paranaense. Esse projeto possui interconexões com o acervo do Projeto MEL. Além disso, participa do projeto de pesquisa Centro de Pesquisa em Histórias e Memórias da Educação Escolar de Londrina (CPHMEEL), com o objetivo de constituir um arquivo com a documentação das escolas municipais de Londrina junto ao Museu Escolar de Londrina, além de possibilitar pesquisas sobre o assunto. Por conta dos projetos que participa, Cunha faz o levantamento de jornais e revistas nos arquivos do Projeto MEL. Além do levantamento de fontes, também colabora com a preservação do acervo do Projeto MEL, por meio da higienização, organização e divulgação em redes sociais.

Camilly Aparecida de Souza também é graduanda em Pedagogia pela UEL e participa dos mesmos projetos que Marcela Silva da Cunha. Além disso, sob a orientação de Simone Burioli, Souza também participa do projeto de extensão *Arquivos Escolares de Londrina e Região: o LEPHE como espaço de guarda e disponibilização*, que tem como objetivo a digitalização e a disponibilização de arquivos escolares locais e regionais, além de organizar um acervo digital no Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da Educação. Souza faz o mapeamento da Educação das Mulheres no Jornal *O Mulherio*, assim como pesquisas sobre a preservação de acervos escolares. No Projeto MEL, colabora na preservação do acervo por meio da higienização e organização dos documentos.

Cabe destacar que há outros estudantes e projetos envolvidos com o MEL. Contudo, como essa figuração está em movimento, ao passo que esta pesquisa de doutoramento se pretende fechar, foram necessárias fazer delimitações e, entre elas, a opção pelos estudantes aqui apresentados incidiu considerando-se suas trajetórias de engajamento com o MEL.

4.4 MÉTODO DE COLETA E DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS

As reformulações historiográficas, ocorridas ao longo do século XX, trouxeram mudanças significativas para a prática do historiador, entre elas a diversificação de objetos, fontes, abordagens teóricas e metodológicas. É importante observar que, durante o século XIX e parte do século XX, períodos em que a disciplina de História é consolidada e o ofício dos historiadores é submetido à profissionalização, existia o predomínio de documentos escritos, tidos como “oficiais” e objetivos. Segundo Marieta de Moraes Ferreira (2012), fontes daquela natureza asseguraram a soberania de estudos de temporalidades longínquas, com ênfase na análise dos aspectos políticos das sociedades. Desta forma, o estudo da contemporaneidade e outras espécies de documentos históricos – vistos como subjetivos – eram desvalorizados como, por exemplo, a tradição oral, devido ao prestígio dos “fatos” em detrimento da memória.

De acordo com Alberti (2008), a partir da década de 1980, temas referentes ao período contemporâneo conquistaram espaço no campo da história, constituindo o que seria chamado de História do tempo presente. Neste momento “[...] o relato pessoal deixou de ser visto como exclusivo de seu autor, tornando-se capaz de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em

determinada configuração histórica e social” (Alberti, 2008, p. 163). Sob este entendimento, as fontes que não são escritas passam a ter sua subjetividade como objeto da História.

Em outras palavras, as mudanças e renovações no campo da História, principalmente no que se refere à diversificação de fontes, trouxe legitimidade para o uso de entrevistas produzidas pela História Oral. A “História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX após a invenção do gravador a fita” (Alberti, 2008, p. 156). Ela se constitui na realização de entrevistas com depoentes que testemunharam ou participaram de acontecimentos vinculados ao passado ou ao presente. Por conseguinte, segundo a autora, esta metodologia possibilita o registro de múltiplas histórias, memórias e identidades de uma sociedade, superando perspectivas históricas tradicionais, que buscavam por uma história universal e uma identidade nacional.

Conforme Alberti (2008), a História Oral está ligada à técnica da coleta e do tratamento de entrevistas produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam a quantidade e quem serão os entrevistados, as perguntas, as condutas e o destino do material produzido. Além disso, a escolha dos entrevistados deve enxergá-los como unidades qualitativas, além de possuir um conhecimento prévio sobre eles e sobre o universo estudado. Assim, é necessário conhecer a função daqueles que participam do tema investigado, para que sejam selecionados aqueles que possam representar o grupo (Alberti, 2008).

Quanto ao número de entrevistados, é no decorrer do trabalho que este começa a aparecer com mais clareza, uma vez que, ao produzir as fontes, o pesquisador passa a ter maior conhecimento sobre o quão adequado é o material para os objetivos da pesquisa. Em outras palavras, “[...] a decisão sobre quando encerrar a realização de entrevistas só se configura à medida que a investigação avança” (Alberti, 2008, p. 174). Para esta pesquisa de Doutorado, foram selecionados 12 estudantes universitários, sendo 6 vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação, e outros 6 vinculados à Graduação em História ou Pedagogia, todos da Universidade Estadual de Londrina.

Para a elaboração do roteiro (Anexo I), optou-se por entrevistas semiestruturadas que têm como base as características de entrevistas temáticas, pois “[...] versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido

[...] Nesses casos, o tema pode ser de alguma forma ‘extraído’ da trajetória de vida mais ampla e transformar-se centro e objeto das entrevistas” (Alberti, 2008, p. 175).

Já a análise das entrevistas se pautou no conceito de configuração, pois buscou-se mapear e analisar as ações interdependentes dos estudantes que formam o Museu Escolar de Londrina. Entende-se o MEL como um padrão mutável, visto que as relações dos indivíduos não são estáticas. Esse raciocínio pode ser interpretado considerando o seguinte trecho.

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes. Neste caso, ainda é possível curvarmo-nos perante a tradição e falarmos do jogo como se este tivesse uma existência própria. É possível dizer: ‘O jogo hoje à noite está muito lento!’. Porém, apesar de todas as expressões que tendem a objetivá-lo, neste caso o decurso tomado pelo jogo será obviamente o resultado das ações de um grupo e indivíduos interdependentes. Mostrámos que o decurso do jogo é relativamente autónomo de cada um dos jogadores individuais, dado que todos os jogadores têm aproximadamente a mesma força. Mas este decurso não tem substância, não tem ser, não tem uma existência independente dos jogadores, como poderia ser sugerido pelo termo ‘jogo’. Nem o jogo é uma idéia ou um ‘tipo ideal’, construído por um observador sociológico através da consideração do comportamento individual de cada um dos jogadores, da abstracção das características particulares que os vários jogadores têm em comum e da dedução que destas se faz de um padrão regular de comportamento individual. (Elias, 1980, p.141-142)

A mesma lógica se aplica ao Museu Escolar de Londrina. Assim como um jogo, o MEL não possui uma existência própria, pois seu decurso é resultado das interdependências de grupos e sujeitos. Essa defluência do Museu depende de cada função autônoma dos indivíduos, mas sua substância maior se concentra das inter-relações das funções dos sujeitos. O Museu Escolar de Londrina não foi idealizado de forma estática, visto que não foi construído por um observador sociológico, mas por sujeitos que possuem interdependências mutáveis. Ou seja, o MEL é uma configuração em construção que passa por mudanças em seu decurso.

Desse modo, as entrevistas foram produzidas individualmente, tendo em vista a função dos estudantes em relação ao MEL. A análise visou compreender as inter-relações das funções dos sujeitos, tendo em vista o modo como elas contribuem para a formação do MEL e para a formação dos próprios estudantes.

Considera-se o conceito de memórias coletivas e individuais, pois, nos depoimentos, existem memórias compartilhadas entre os estudantes. Para Pollak

(1989), essas memórias são objetos de disputa de poder entre grupos. Escolher o que deve ser lembrado ou esquecido constitui-se como um mecanismo de controle. Assim, ao serem entrevistados, os estudantes buscaram por um enquadramento da memória do MEL e de sua atuação naquele espaço. A memória é seletiva e, portanto, não é capaz de gravar tudo, pois é dependente do momento em que foi articulada (Pollak, 1992). A memória individual pode gravar ou recalcar acontecimentos, de modo consciente ou não, por conta de um trabalho de organização (Pollak, 1992).

Esse raciocínio foi importante, pois ajudou a identificar a seleção de memória dos indivíduos de acordo com suas funções no MEL, com a trajetória do Museu e com o momento em que suas memórias foram articuladas. Como será visto no próximo tópico, os depoimentos reforçam a constituição da configuração do MEL em diferentes períodos, priorizando diferentes atividades, sujeitos, acervos, projetos etc. Destaca-se, também, a utilização do conceito de documento-monumento, de forma que os depoimentos foram analisados como produtos da sociedade que o fabricou, tendo em vista as relações de forças vigentes (Le Goff, 1984).

5 FORMAÇÃO E PESQUISA: O MEL E SEUS INDIVÍDUOS

5.1 CONFIGURAÇÃO INICIAL: A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO E DA PESQUISA

Em 2017, Bruna Ester Gomes Yamashita, durante sua pesquisa de Mestrado sobre as ações municipais que regularam a Educação de Londrina, buscou por documentos da Secretaria Municipal de Educação. Entretanto, em um primeiro contato, percebeu que os documentos disponibilizados faziam referência a períodos mais recentes. Yamashita questionou sobre os documentos mais antigos e, assim, tomou conhecimento que eles estavam no edifício do antigo Instituto Brasileiro do Café (IBC), localizado em Londrina. A partir dessa informação, ela teve acesso ao acervo da Secretaria e percebeu que eles possuíam diversas informações sobre a Educação do Município e necessitavam urgentemente de práticas de conservação e preservação.

A necessidade dessas práticas resultou em inter-relações de indivíduos da Universidade Estadual de Londrina e da Secretaria Municipal de Educação que, desde 2017, refletem em ações de pesquisa, preservação, gerência, ação educativa, entre outras destinadas ao acervo, conforme pode ser vista na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Rizoma de Interdependências do MEL

Rizoma de interdependências do MEL



Legenda: Amarelo: Museu Escolar de Londrina (MEL) (nó central). Azul: projetos. Verde: indivíduos relacionados à Secretaria de Educação e ao MEL (professores da rede municipal, apoio pedagógico, gerência da Secretaria). Rosa: indivíduos relacionados à UEL e ao MEL (estudantes de graduação, estudantes de pós-graduação e professores universitários). Laranja: ações exercidas pelos indivíduos (transferência de acervo, gerência de acervo, práticas de preservação, investigação, comunicação do acervo, ações educativas, preservação da edificação). Linhas azuis: interconexões entre todos os indivíduos e suas ações.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em sua entrevista, Yamashita faz referência a Eliane Aparecida Candoti, à época também mestranda em Educação com a pesquisa voltada ao Patrimônio Histórico e Ensino de História de Londrina. Candoti atua na SME com a formação continuada de professores. A relação entre as duas estudantes se concentrou na preocupação com o acervo da SME. Durante a entrevista, quando questionada sobre o contato com o acervo da SME, Yamashita responde:

[...] quando eu saí de lá [do IBC], eu já conhecia a Eliane por conta de trabalharmos na Secretaria, eu como professora, ela como gerência. Eu já entrei em contato com ela e falei 'Eliane, o que é aquele IBC?'. Aí ela falou que nunca tinha ido até lá. E eu falei 'você precisa ir lá, nós precisamos tirar aquele acervo de lá, porque tem muitas coisas importantes'. Falei com o Tony [professor do PPEdu], falei com a secretária [Secretária de Educação Maria Tereza]. A secretária demonstrou-se aberta a isso. Então foi preciso fazer a seção [do acervo para a Universidade Estadual de Londrina]. (Yamashita, 2024)

A fala de Yamashita pode ser associada ao que Elias designa como aumento de interdependência, quando “[...] há uma transformação de pensamento sobre a sociedade e a formação de programas relativamente impessoais para a melhoria das condições sociais” (Elias, 1980, p. 71). A fala da entrevistada está imersa em um contexto sensibilizado pela preservação do patrimônio educativo. Isso possibilita a movimentação de sujeitos em prol das melhorias das condições do arquivo em questão.

Ressalta-se que as funções dos sujeitos citados por Yamashita indicam relações de poder, assim como gradientes de poder. Ao se referir a Eliane Candoti como, além de professora, uma das gerências da Secretaria Municipal de Educação, há uma intencionalidade em procurá-la em relação às condições do arquivo da SME. Também, comunicar o professor Tony Honorato, à época seu orientador de Mestrado, sobre os documentos, assim como a Secretária de Educação, Maria Tereza, demonstram gradientes de poder.

Sozinha, Yamashita não conseguiria mudar a condição do arquivo armazenado no IBC. A urgência em preservá-lo movimentou relações de poder. A entrevistada, naquele período estudante de Pós-Graduação e professora do Município de Londrina, estabeleceu interconexões com indivíduos que possuíam gradientes de poder maiores que os seus e, a partir dessas interdependências, as funções de todos passaram a contribuir para um mesmo fim: a preservação dos documentos da Secretaria Municipal de Londrina.

De outro modo, os indivíduos vinculados às configurações da UEL e da Secretaria de Educação estabeleceram inter-relações a fim de conservar o acervo em questão. No trecho a seguir, é possível perceber a conexão entre as falas de Yamashita e Candoti. Quando questionada sobre como tomou conhecimento do acervo armazenado no IBC, Candoti responde:

[...] começou pela necessidade de ajudar pessoas que vinham pesquisar. A Bruna foi uma delas, que vinham pedir autorização para pesquisar no acervo. Até então eu sabia da existência dele, mas não tinha acesso porque quem ia até ele eram apenas as pessoas ligadas ao RH, que iam buscar informações para aqueles que estavam fazendo contagem de tempo de serviço para aposentaria. E aí eu comecei nesse tempo a ajudar pesquisas. [...] então a demanda, a gente pode pensar que foi a pesquisa. Essas pessoas, como por exemplo a Bruna, que chegam e querem pesquisar determinado assunto. (Candoti, 2023)

A fala de Candoti demonstra interdependências com Yamashita a respeito da necessidade de preservar os documentos da SME para pesquisas. Candoti ressalta a demanda de pesquisadores pelos documentos da SME e coloca a pesquisa como a principal justificativa deflagradora da preservação deste acervo. Nota-se a influência dos documentos na formação de pesquisadores.

Ao mesmo tempo que colabora para a preservação do acervo da SME, Yamashita utiliza os documentos para sua pesquisa de Mestrado, ou seja, para sua formação, conforme o trecho a seguir.

Documentos que usei na minha pesquisa compartilhei aqui com o MEL. [...] Eram fotos maravilhosas e até mostrei para a Sandra [professora do PPEdu], numa disciplina que a gente fazia na época. E ela falou 'meu Deus, que coisa linda'. Ela até foi identificando pessoas. Então, nas fotografias eu também identifiquei gente da minha família, meu pai, meus tios, quando passaram no concurso, lá na década de 70, e sim estavam nessas fotografias. Então, foi assim. (Yamashita, 2023)

A busca de estudantes por documentos que representam o passado da Educação do Município de Londrina justifica a preservação deles. Conforme abordado em capítulos anteriores, os acervos escolares permitem a valorização de fontes e sujeitos diversos, os quais não possuíam visibilidade no passado. De acordo com Escolano Benito (2017), a cultura da escola é parte da memória de cada um, seja como sujeitos que se formam em instituições educativas ou de professores que desempenharam sua profissão. A cultura escolar constitui-se em um patrimônio que influencia a construção da identidade dos indivíduos.

Até há pouco tempo, os bens da escola foram excluídos dos arquivos de memória oficial, uma memória marcadamente seletiva, interessada principalmente em fatos e obras notáveis. Agora esses bens são buscados, conservados e difundidos, porque nos pertencem e nos

definem como sujeitos histórico-culturais. Eles fazem parte do nosso relato, sobretudo desde que a experiência escolar passou a fazer parte das formas universais de sociabilidade. Justamente por isso, estamos cada vez mais decididos a salvuardá-los, uma vez que eles são essenciais no processo de constituição de uma identidade compartilhada. (Escolano Benito, 2017, p. 274).

O raciocínio de Escolano Benito reforça a importância de salvar acervos relacionados à Educação, o qual vai ao encontro das ações de Yamashita e Candoti, junto a Secretária de Educação e a professores da UEL. Percebe-se um decurso que, a partir do acervo da SME, resulta na idealização de um Museu Escolar para Londrina. Em linhas gerais, as inter-relações entre os indivíduos citados e outros contribuíram para construção de uma nova configuração, o Museu Escolar de Londrina.

A formação dessa configuração se pauta em práticas de preservação e pesquisa, pois foi a partir dessas demandas que os indivíduos tomaram iniciativas concretas, como a cessão do acervo à UEL, o remanejamento do acervo para o CLCH e, posteriormente, para o prédio do PDE e projetos de extensão e ensino voltados à preservação dos documentos e edificação para o MEL.

Após esse primeiro momento de localização e iniciativas de preservação dos documentos, podemos citar a atuação de Rosimeire Lopes que, assim como Candoti, exercia o cargo de apoio pedagógico na SME. Ela relata a seguinte experiência, após ser questionada sobre seu contato com os documentos.

Não sabia que existiam os documentos. Fiquei sabendo quando eu fui convidada [para trabalhar no MEL]. [...] Junto a Eliane, nós já começamos a fazer o transporte de alguns documentos que nós percebemos que estavam se perdendo por conta da chuva, mas no final do ano. (Lopes, 2023)

Lopes foi convidada pela SME, em 2017, para atuar na gerência dos documentos que foram cedidos para a Universidade Estadual de Londrina. A partir desse momento, ela passa a auxiliar no transporte dos documentos e percebe a demanda pela preservação. Conforme citado, por serem documentos cedidos à UEL, os indivíduos da Secretaria Municipal de Educação continuam exercendo poderes sobre eles. O fato de enviarem Lopes para a gerência do arquivo demonstra gradientes de poder entre a SME e a UEL, os quais diminuem de acordo com as práticas museais exercitadas. Se, a princípio, os documentos ficavam em sua totalidade sob a gerência da SME, em momentos posteriores este arquivo passa a

ser, também, de interesse dos indivíduos da Universidade, principalmente, professores e estudantes.

Em relação a essa redução de poderes, Elias diz que “[...] a tendência global das transformações tem sido reduzir todos os poderes potenciais entre os diferentes grupos, mesmo entre homens e mulheres, pais e filhos. Geralmente, designamos esta tendência pelo conceito de “democratização funcional” (1980, p. 72-73). Esse crescimento de equilíbrio de poderes está historicamente relacionado à diminuição de diferenças das relações entre governantes e governados, assim como entre os estratos sociais (Elias, 1980).

Voltando ao depoimento de Lopes, é possível observar suas percepções em relação ao armazenamento dos documentos no IBC.

Então foi uma experiência, assim, marcante [...]. Muito sujo para entrar lá. Foi difícil. Muito mato para entrar na casinha do IBC [onde estavam os documentos]. Eu via bastante sujeira e escuridão, porque são as janelas fechadas. Não tinha energia, não tinha lâmpada. [...] Foi aos poucos, e nós, eu e a Eliane, transportamos caixas no nosso carro por alguns meses. (Lopes, 2023)

Nesse sentido, é possível reforçar que o decurso da configuração do MEL começa pela necessidade de preservação – e de pesquisa. No que diz respeito à preservação, são medidas essenciais para proteger um bem cultural em risco. Em outras palavras, preservar é antecipar o olhar para o risco de destruição de documentos. A preservação também possui uma característica seletiva “[...] e, no caso de museus, arquivos e bibliotecas, ela é claramente um ato de vontade” (Nascimento, 2006, p. 153).

Logo, tanto na fala de Lopes como nas de Yamashita e Candoti, observa-se um olhar antecipado para o perigo da destruição dos documentos. Isso fica ainda mais claro quando começam as ações de transporte dos documentos, demonstrando um ato de vontade e uma ação seletiva, pois trata-se de um acervo específico relacionado à Educação do Município de Londrina.

Apesar de Lopes iniciar seu contato com o acervo e formação da configuração do MEL em 2017, por meio da preservação dos documentos, essa experiência também influenciou sua dissertação de Mestrado sobre o processo e métodos de organização do arquivo no MEL – que será aprofundada no tópico 5.2. Mais uma vez,

a preservação e a pesquisa aparecem como motores das interdependências e, por conseguinte, da formação do MEL.

Conforme a dissertação de Lopes (2023), a transferência dos documentos da SME para a UEL foi uma prática bem avaliada pela administração municipal, “[...] pois adotando-se medidas para salvar os documentos salva-se também parte da história da educação” (Lopes, 2023, p. 94). Ao mesmo tempo, sob a coordenação dos professores Tony Honorato e Sandra Regina Ferreira de Oliveira, constitui-se o primeiro projeto voltado à criação de um Museu Escolar para Londrina. Em 2019, *MEL – Museu Escolar Londrinense: modos de construir, ensinar e viver culturas na Escola Municipal “Urandy Andrade Correia”*, o qual se concentra na restauração do edifício da antiga escola rural citada no título do projeto, visando a criação e a instalação de um Museu Escolar na Universidade Estadual de Londrina.

O objetivo desse projeto também demonstra novas interdependências, agora voltadas para a edificação e a criação de um museu escolar. Quando questionada sobre sua atuação e participação neste contexto, Yamashita responde:

Nós começamos a busca pelas escolas. E aí a Eliane fazendo contato, eu fazendo contato, porque existe uma escola com o nome do meu pai, que fica perto do Apucarantina. E quando ele morreu deram o nome dele para uma escola rural. Aí nós fomos lá, mas o dono não quis nem saber de doar. [...] Tinha uma estrada que vai para o Apucarantina, que era uma outra escola, Amador Bueno, que é de uma amiga do meu pai, conhecida da minha infância, e uma professora que mora ao lado. Lá a gente ganhou as carteiras, o quadro e muitos livros. [...] Foi em 2018, eu a Eliane, o marido dela, meu marido, nossos filhos, e fomos lá nessa escola negociar com o proprietário da terra. Ele deixou a gente levar o mobiliário. É uma escola que ficava na beira da estrada com todos os vidros quebrados, então a poeira entrava, essas carteiras estavam grossas de terra, mas ele doou o mobiliário que já foi muito bom. [...] E aí a gente continuou e encontrou a escola da saúde, que era Urandy. A professora da Urandy era amiga do meu pai. Eu a conheci como Lúcia, mas é Lucélia, junto com o filho dela. Passei o contato dela para Eliane e aí deu certo. (Yamashita, 2023)

Yamashita revela inter-relações entre vários sujeitos. Ela cita, por exemplo, Eliane Candoti, que também contribuiu para as ações de preservação dos documentos da SME. Além disso, há interdependências com donos de terrenos em que as escolas estavam localizadas, assim como a professora Lucélia. As funções exercidas por cada um desses indivíduos possibilitaram a doação de mobiliários escolares, assim como o edifício da Escola Urandy Andrade Correia.

A narrativa de Yamashita reforça as contribuições de seu pai para a História da Educação do Município, visto que ele era professor. Nota-se que suas intenções, no mapeamento dessas escolas, não eram apenas acadêmicas ou profissionais, mas também pessoais e carregadas de sentimentos. Assim, conforme Bourdieu (2006), em uma narrativa importa a forma como o indivíduo busca “tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência” (Bourdieu, 2006, p. 184-185).

Parte do processo de mapeamento de escolas rurais e coleta de acervos materiais presentes na entrevista de Yamashita também pode ser visto no relato de Candoti.

[...] o MEL acaba tendo as duas vertentes [edificação e acervo], eu acabei de alguma forma, estando presente em ambas. Na negociação do acervo, na localização, na busca do acervo junto com a Bruna, com a Meire. Acho que eu, a Bruna e a Meire, junto com a professora Sandra e o professor Tony fomos os primeiros a estar nesse movimento. E também na busca, pensando em material de construção, no madeiramento, para constituir um espaço físico com cara de escola rural para trazer essa memória de como eram, até mesmo as carteiras, o mobiliário. E aí veio esse acervo de cultura material. Vamos dizer assim, que foram as carteiras, mesa, armário. A gente está sempre tentando negociar alguma peça, mas acho que agora a gente tem um acervo consistente [...] eu consegui fazer contato com a escola da Vila da Saúde com a professora Lucélia, que cuidava desse espaço físico. E trabalha até hoje em Guaravera. Então, aí eu consegui fazer a mediação com a família, envolvia Meire, o professor Tony, professora Sandra nessa negociação [...] (Candoti, 2023).

Além da interdependência com Yamashita, Candoti acrescenta os professores Tony Honorato e Sandra Oliveira, assim como Meire – Rosimeire Lopes, também professora e funcionária da SME e que, posteriormente, assume a organização do acervo do MEL – como os primeiros a tomar iniciativas quanto ao acervo e à edificação do MEL. Através das teorias de Portelli (2010) sobre História Oral, percebe-se que Candoti expressa duas camadas de experiência: a coletiva, que usa a primeira pessoa do plural, e a pessoal, caracterizada pelo uso do “eu” e de lembranças afetivas.

O uso do “eu” e do “nós” demonstra que os sujeitos possuem suas funções individuais, mas que elas se articulam de forma coletiva em relação à configuração em que estão inseridos. Por exemplo, essa conexão quando Candoti, que está

presente nas duas vertentes (edificação da escola rural e preservação do acervo da SME) do MEL, e utiliza do pronome “eu”. Em seguida, ela articula sua atuação com a de outros sujeitos que também atuam nas vertentes citadas.

Yamashita e Candoti citam a coleta de acervos materiais e a busca pelo madeiramento de uma escola rural para ser edificada na UEL e se tornar o espaço de exposição do MEL. Nota-se, inicialmente, que as inter-relações dos indivíduos se concentraram na preservação e pesquisa dos documentos da SME e contribuíram para a formação da configuração do MEL. Em seguida, tem-se que as ações dos mesmos sujeitos e de outros se direcionam para a reconstrução do edifício da escola Urandy Andrade Correia como sede do MEL.

As inter-relações possibilitam a formação do Museu, ao mesmo tempo que essa configuração influencia a formação das estudantes envolvidas. Conforme abordado no tópico anterior, Yamashita utilizou parte do acervo da SME em sua pesquisa de Mestrado. Já Candoti atua e estuda o *Projeto Conhecer Londrina*, o qual prioriza a educação patrimonial a partir da materialidade do Município e também fez uso da documentação encontrada para desenvolver o seu Mestrado¹⁹. Logo, o contato de Yamashita e de Candoti com o acervo e a edificação vai ao encontro de suas pesquisas e formação acadêmica.

5.2 O DECURSO DE UMA CONFIGURAÇÃO: PRÁTICAS DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA NA SALA 164

Conforme abordado no tópico anterior, houve um aumento de interdependências à medida que os indivíduos estabeleceram laços entre suas funções e seus gradientes de poder. Essas interconexões promoveram uma maior distribuição de poder, visto que estudantes, professores e gerências da Secretaria Municipal de Educação e da Universidade Estadual de Londrina passaram a atuar na preservação do arquivo da SME.

Nesse sentido, sobre o decurso da configuração do MEL e de suas interdependências, entram em cena, neste tópico, os depoimentos sobre o

¹⁹ A autora também propôs averiguar, a partir de sua dissertação, a carência de informações sobre a trajetória do projeto em questão. Para tanto, foram utilizados diversos tipos de fontes de investigação, entre elas acervos municipais das Secretarias de Educação e de Cultura. Através dessa pesquisa, ela conclui que o *Projeto Conhecer Londrina* estimula que adultos e crianças experienciem e investiguem a cidade, possibilitando relações com outros saberes e espaços (Candoti, 2019).

remanejamento dos documentos da SME para o Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da UEL, mais especificamente para a sala 164. As interdependências sobre essa experiência se concentram nos relatos de Lopes, Borges e Alberguine.

Lopes, quando questionada sobre o destino dos documentos no período inicial do remanejamento, responde:

[...] elas [as caixas] vinham para a sala 164, lá no CLCH, foi ali que foi o primeiro Q.G. [...] A primeira sala em que nós trabalhávamos com as com as caixas, com os documentos do MEL, né? E eu cheguei. Eu conheci primeiro ali antes de ir no IBC, né? E já pensei na organização da sala, como que nós faríamos. O professor Tony que me recebeu. Ele falou que nós começaríamos com a digitalização de alguns documentos, então foi assim, primeiro na organização da salinha e logo nós já começamos a trazer os documentos. (Lopes, 2023)

A fala de Lopes indica funções interdependentes em relação ao remanejamento dos documentos, organização da nova sala e atividades que seriam exercidas. Ela utiliza o pronome “nós” em relação ao que seria feito com os documentos, principalmente a digitalização, fato que indica a existência de outros indivíduos nesse processo. Além disso, Lopes relata as orientações do professor Tony Honorato em relação ao tratamento do acervo. É importante ressaltar que, após suas experiências no IBC, sala 164 e, em seguida, no prédio do PDE, Lopes faz a seleção de Mestrado em Educação com tema voltado aos arquivos do MEL, sob a orientação de Honorato, fato que mostra como as inter-relações avançam e formam os sujeitos e, ao mesmo tempo, contribuem para a formação do MEL.

A partir do momento que a engrenagem da sala 164 começa a girar na preservação dos documentos da SME, surgem algumas demandas iniciais.

Havia uma demanda ainda anterior à higienização das caixas do IBC, que era uma demanda de digitalização de livros do administrativo da SME. Então, livros assim, que estavam em estado precário, que nós precisávamos salvar, porque eles são e, se eu não me engano, ainda são manipulados pelas ‘meninas’ do administrativo. E então precisavam ser digitalizados para que elas conseguissem trabalhar sem ficar manuseando. [...] a primeira ação que nós fizemos foi essa de digitalizar esses livros. (Lopes, 2023)

Essa primeira demanda é responsável por um trabalho em equipe para que documentos em risco de se deteriorar pudessem ser preservados a partir de um

suporte digital. Essas funções e os sujeitos envolvidos nos processos – todos estudantes – começam a aparecer no seguinte trecho do depoimento de Lopes, após a pergunta sobre quem estava contribuindo com a digitalização.

[...] eu comecei na digitalização dos livros, comecei sozinha e o professor, quando já havia me avisado que alguns estagiários iriam começar a frequentar a sala 164. Aí os primeiros que eu conheci foi a Daiane e Patrícia [...]. Logo depois, o Tony pediu para acolher o Matheus, né? O Chico, que vinha da Educação Física para fazer algumas pesquisas e se ele poderia ficar lá, na sala, trabalhando junto com a gente. E aí o os estagiários da História. Os estagiários, alguns de História e alguns da Pedagogia. A Sara e a Daiane eram da Pedagogia. Lavinia e o Gabriel eram alunos da História, eram bastantes histórias. Só que eles vinham uma vez, duas vezes por semana para ajudar na digitalização. (Lopes, 2023)

A construção da figuração da sala 164 como lugar de armazenamento de documentos demonstra as interdependências de sujeitos que até então não estavam em cena. Os estagiários dos cursos de Pedagogia, História e Educação Física passaram a auxiliar na digitalização dos documentos de maior demanda. Lopes cita, por exemplo, Matheus Chiconato Borges e Gabriel Alberguine. O decurso da configuração do MEL, neste momento, passa pela figuração da sala 164, visto que higienização e digitação dos documentos são as primeiras ações de preservação do acervo que irá compor o Museu Escolar de Londrina.

Neste sentido, à época graduando do curso de Educação Física da UEL, quando questionado sobre o primeiro contato com o acervo do MEL, Borges responde:

Eu iniciei no MEL indiretamente, através do professor Tony, que é um dos coordenadores do projeto e que no começo ele me disponibilizou o espaço do MEL, que era na sala 164, para estudar, para eu fazer minhas pesquisas lá, já que eu era orientado por ele. Mas não eram pesquisas sobre aquele acervo. Eram pesquisas particulares fora desse acervo. Aí, mais com o tempo, eu fui interagindo. Eu tinha uma participação meio que indireta. Pois ajudava na logística dos documentos, ajudava na questão prática mesmo, juntamente com os outros pesquisadores lá do projeto, aí dessa forma eu fui me inserindo e fui me aproximando dos documentos. (Borges, 2023)

As falas de Borges e de Lopes sobre a figuração da sala 164 indicam que prevaleceram práticas de preservação e um pouco de pesquisa nos documentos, até mesmo porque as pesquisas em curso estavam circunscritas à memória, por meio da oralidade, de ex-professores e alunos da Escola “Urandy”. Borges ressalta, porém,

que utilizou aquele espaço como ambiente para elaborar sua pesquisa da Graduação, a qual não possuía relação com os documentos presentes na sala. Sua participação, nesse momento, foi na organização dos documentos em questões com práticas como “[...] *trabalhar com os documentos, higienização, catalogação. Eu fui me aproximando, fui gostando, e a Meire também me ajudou muito a entender o que era aquilo, no primeiro momento*” (Borges, 2023). Essa aproximação com Lopes se deve ao fato que ela era responsável pelos documentos da SME, portanto, as primeiras orientações sobre como tratar o acervo também partiam de suas funções.

Além disso, ressalta que seu contato inicial com o acervo foi de forma voluntária, sem bolsa vinculada a projetos e indica que se tratava de um “[...] *grupo bem pequeno, pois erámos eu, Meire e mais três pesquisadores*” (Borges, 2023). Entre esses três pesquisadores estava Alberguine que, naquele momento, era graduando do curso de História e participava do projeto de pesquisa do professor Honorato sobre ações municipais de Londrina, e bolsista. Em seu depoimento, Alberguine cita sua experiência na sala 164, quando questionado sobre a seleção de Mestrado que fez, posteriormente, no Programa de Pós-graduação em Educação da UEL.

A seleção do mestrado, ela já foi um pouquinho mais direcionada, por conta da Iniciação Científica que eu tinha. Eu já estava trabalhando com documentação do DEPAS [Departamento de Educação e Assistência Social], ali na 164. Eu já estava mais imerso na realidade, assim, da documentação que a gente começou a trabalhar. Porque uma coisa foi meio que levando à outra, a gente fez da Urandy e aí, automaticamente, a gente precisava de uma base documental para contribuir e construir um pouquinho dessa realidade da época. Então a gente começou a trabalhar em cima das documentações [...]. (Alberguine, 2023)

Com a fala de Alberguine, nota-se que sua experiência na sala 164 possibilitou o contato com documentos que instigaram seu interesse, como é o caso dos vestígios do DEPAS. Além disso, Alberguine ressalta que estava imerso na realidade dos documentos. Fica claro que, posteriormente, seu projeto de Mestrado foi mais tematicamente direcionado devido à Iniciação Científica voltada ao tratamento do acervo do MEL. Quando questionado se seu tema de Mestrado se concentrou no DEPAS, respondeu: “[...] *na época eu fui para o cinema educativo, né? [...] A questão do cinema educativo, do audiovisual, era uma coisa que estava presente nas documentações do DEPAS. Mas não tinha muita coisa sobre.*” (Alberguine, 2023).

Assim, Aberguine demonstra que seu contato com os documentos da sala 164 influenciaram seu interesse pela pesquisa em Educação e que a base disso se concentrou nos vestígios que reportavam às ações do DEPAS, com ênfase em Cinema Educativo. Mais uma ação para além da sala um 164, citada por ele, diz respeito ao levantamento de informações sobre a escola municipal “Urandy Andrade Correia” por meio de depoimentos orais.

Quando a gente chegou lá [na sala 164] e a ideia inicial era fazer as entrevistas com os professores da Urandy, né? Na verdade, as Iniciações Científicas eram voltadas para os professores e para os alunos da escola e para o setor administrativo. A ideia era saber como é que como funcionava a Urandy, porque era a escola que ia vir aqui para Londrina [UEL]. (Aberguine, 2023)

Outra função dos estagiários que passaram a atuar na sala 164, no contexto dos projetos dos professores Honorato e Oliveira, foi a coleta de entrevistas com professoras, alunos e funcionários da escola rural Urandy Andrade Correia. Após a pergunta sobre como foi produzir as entrevistas, ele disse:

Eu fiquei responsável por fazer as entrevistas, né? A parte dos professores. Não que eu necessariamente fosse entrevistar apenas os professores, mas acho que eu entrevistei todos, se eu não me engano. E aí foi legal, porque, como tinha toda essa história do MEL que vai ser a escola rural Urandy e tal, a gente começou a ir lá na Colônia da Saúde [...]. E aí a gente chegou lá e estava a ‘casinha’ da professora e acho que continua morando lá até hoje. E do lado era o terreno da escola. E a primeira vez que a gente foi, [...] foi muito legal, parece que você volta no tempo [...]. E você começa a imaginar toda a realidade. [...] Eu lembro que a gente fez esse reconhecimento ali, a gente conversou com a professora, com a Lucélia, e depois disso a gente começou a tentar mapear quem foram os professores. Então ela começou a falar [...]. E a gente conseguiu os nomes e não lembro como foi conseguindo o contato dessas pessoas, que trabalharam especificamente naquela escola, na Urandy [...]. Então a gente mapeou os professores, daí conseguiu mapear alguns alunos. E aí teve meio que essa visão completa, entre aspas, né? (Aberguine, 2023)

A busca por memórias relacionadas à escola Urandy não ocorreu de forma descontextualizada, pois os envolvidos foram até a localidade em que ela estava e buscaram pelos indivíduos que possuíam contato com a história daquela Instituição. Essa preocupação com a memória demonstra a valorização dos relatos orais como fontes históricas, os quais, até meados do século XX, eram marginalizados por conta

do predomínio de documentos escritos, tidos como objetivos (Ferreira, 2012). Além disso, a busca por relatos de sujeitos do cotidiano escolar dialoga com os objetivos da História Oral, pois, a partir da década de 1980, houve o crescimento de estudos de modos de vida de diferentes grupos sociais, como ações cotidianas e gestos de trabalho (Alberti, 2008).

Além disso, a fala de Alberguine sobre a procura de entrevistados demonstra a interdependência entre diversos sujeitos. Inicialmente, o objetivo das entrevistas se pauta na idealização do projeto MEL coordenado pela professora Oliveira e pelo professor Honorato. Em seguida, estudantes que atuaram na sala 164 também fizeram parte da iniciativa de coleta e busca por entrevistados. Por último, percebe-se as interdependências entre entrevistadores e entrevistados, visto que, a partir do contato com a professora Lucélia, outros indivíduos do mesmo contexto foram localizados e entrevistados. Além disso, é possível identificar, no depoimento de Alberguine, a utilização da locução pronominal “a gente”, fato que indica que outros sujeitos estavam envolvidos no mapeamento de entrevistados e na coleta de entrevistas.

Após as perguntas sobre as orientações que recebeu para produzir entrevistas e se já havia coletado relatos antes, Alberguine ressalta que as entrevistas não foram produzidas de qualquer forma.

Teve que fazer todo estudo, né? De como que funcionava a história oral. É a metodologia. Porque não é só você chegar e jogar coisas aleatórias para a pessoa. [...] O Tony trouxe um livro para a gente ler. [...] eu tenho esse livro, depois, qualquer coisa eu te passo. Mas aí a gente leu. Nesse período, a gente estava na 164 preparando para fazer o roteiro, então a gente leu, todo mundo. O livro começou a discutir e começou tirar alguns temas para fazer essas perguntas. Porque, assim, tinham algumas coisas que a gente precisava saber. [...] Ninguém nunca tinha trabalhado [com História Oral], então assim, dá um medo, né, a primeira entrevista que você vai coletar, porque querendo ou não pode intimidar. (Alberguine, 2023)

Ele indica que as práticas de coleta não foram feitas sem embasamento teórico. Os estudantes foram orientados e passaram a ter conhecimento sobre a História Oral, área na qual, até então, não tinham experiência acadêmica. Assim, as práticas do MEL, sejam elas tanto de preservação dos documentos ou do edifício, quanto as pesquisas oriundas do acervo, contribuem para a formação dos estudantes.

Antes de abordar outras práticas de formação e interdependências, é importante ressaltar que as funções exercidas pelos indivíduos citados até aqui demonstram gradientes de poder. Lopes é citada por Alberguine como detentora de saberes diferenciados em relação aos documentos da Secretaria Municipal de Educação. Isso ocorre devido ao seu vínculo de gerência e cargo designado pela SME e, conseqüentemente, maior contato com a natureza e o conteúdo dos documentos. Além disso, Borges e Alberguine indicam inter-relações com projetos de pesquisas oriundos de suas Graduações e/ou Mestrado. Ambos indicam a importância da orientação de Honorato que, como professor, possui relações de poder com seus orientandos dentro de outras figurações, que ultrapassam o MEL, como é o caso de projetos da Iniciação Científica.

A relação dos estudantes com a História Oral também indica gradientes de poder e, até mesmo, poderes que se aproximam de um equilíbrio. Ao serem designados para coletar entrevistas de participantes vinculados às memórias da escola Urandy, existem as orientações dos professores Honorato e Oliveira, também detentores de conhecimentos que os qualificam perante os estudantes. Porém, não se pode esquecer, por mais que na relação entre estudantes e docentes existam momentos explicativos e narrativos, o essencial é que “[...] professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve” (Freire, 1996, p. 33). Tal percepção contribui para o entendimento que os indivíduos são interdependentes e que, do mesmo modo que existem gradientes diferentes de poder, há uma demanda pelo equilíbrio de forças.

No processo de coleta de fontes orais, esses gradientes também aparecem na relação de entrevistadores e entrevistados, pois, de acordo com Elias (1980), na relação entre duas pessoas determinado indivíduo pode exercer o controle das “jogadas” e exercer poder sobre o outro; entretanto, isso não é ilimitado. Na medida em que o entrevistador é titular dos questionamentos, os entrevistados detêm as memórias que serão a matéria-prima da pesquisa, e isso pode mudar o decurso e o resultado do “jogo”.

Outro ponto de formação de estudantes diz respeito ao curso oferecido pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da UEL, sobre a preservação de documentos históricos. Quando questionado sobre o suporte dado pelo NDPH, Alberguine responde:

O Tony acho que chegou a falar com Tatau (Marco Antônio Soares, coordenador do NDPH) na época. O Tatau foi meio que articulando para a gente fazer essa oficina de higienização, porque a gente não sabia lidar com a documentação da forma correta. E também muitos documentos vieram [...] bem precárias. Então a gente tinha que ter um treinamento para fazer isso. E aí foi nesse momento que o 'Limão' fez o curso. Eu esqueci o nome dele. [...] E aí eles fizeram essa oficina com a gente, e basicamente todos os dias a gente descia para o NDPH, tinha umas luvas que acho que eles emprestavam pra gente, máscara [...] E aí a gente ficava higienizando com o pincelzinho e mantendo a organização dos documentos conforme a gente abria. Então a gente não mexeu nisso, a gente só higienizou e guardou. (Alberguine, 2023)

O mesmo discurso pode ser visto nos depoimentos de Lopes e Borges, quando questionados sobre o tipo de formação que receberam pelo NDPH:

[...] nós fizemos formações, oficinas, é. Formação para conhecer os processos de cuidado com os documentos, de higienização e a catalogação para nós conhecermos essas questões, principalmente a higienização. Nós fizemos uma parceria com o NDPH. E aí, o professor na época era o professor Marco Soares, né? Aí ele nos levou para fazer as oficinas lá, disponibilizou os estagiários dele e esses estagiários nos acompanhavam. Daí com esse processo de higienização da nossa documentação, sim, então eles forneciam materiais para nós higienizarmos os nossos documentos. (Lopes, 2023)

[...] durante a 164 nós participamos, nossa equipe participou junto ao NDPH de cursos de manuseio dos materiais, higienização, então foram muitas experiências ali, que eu consegui adquirir mesmo estando indiretamente vinculado ao projeto. (Borges, 2023)

A figuração do NDPH contribui para o decurso da figuração do MEL a partir do momento em que os indivíduos da primeira instituição estabelecem inter-relações com os sujeitos do Museu. Em outras palavras, por meio das ações do coordenador e dos estagiários do NDPH ao oferecer formação sobre preservação de documentos, os indivíduos que atuavam na sala 164 receberam instruções que contribuíram para a formação do MEL e para sua própria formação. Esses laços de interdependências estruturam o caminho para que o Museu tenha um acervo preservado e, posteriormente, disponibilizado para pesquisa.

5.3 A FORMAÇÃO DO MUSEU ESCOLAR DE LONDRINA E A FORMAÇÃO DE PÓS-GRADUANDOS

Após a primeira fase na sala 164, de acordo com a dissertação de Lopes (2023), em março de 2020, houve o

[...] recolhimento do primeiro grande volume de documentos, organizou-se uma força-tarefa, a fim de transportar parte do acervo localizado nas dependências do antigo IBC. O carregamento ocorreu com a colaboração de aproximadamente vinte e cinco pessoas, dentre as quais havia pesquisadores, professores, voluntários e funcionários da SME. Os trabalhos atribuídos foram a organização prévia da sala do PDE, a organização prévia e a inscrição de códigos nos documentos das salas do antigo IBC, o carregamento e a acomodação no caminhão, o deslocamento, descarregamento e a organização dos volumes na sala do PDE. (Lopes, 2023, p. 115).

A sala 164 foi um espaço inicial e provisório, uma vez que não havia recinto suficiente para armazenar o primeiro grande volume de documentos remanejados do IBC para a sala do PDE, na UEL. A organização das pastas recolhidas manteve os códigos anteriores, a fim de manter a disposição inicial do acervo e as categorias das fontes. O deslocamento do acervo não teria acontecido sem a colaboração de diversos indivíduos citados por Lopes.

Assim, o decurso da configuração do MEL é formado pela ação de diversos sujeitos e parte desses indivíduos (estudantes), que atuaram na sala 164, irão contribuir no processo de preservação e pesquisa do novo montante de documentos que chega do IBC. Do mesmo modo, esses estudantes irão contribuir para a formação de outros ao repassar as técnicas de preservação de fontes que aprenderam no NDPH, conforme será visto no próximo tópico.

No mesmo período do remanejamento dos documentos para a UEL, iniciou-se a Pandemia de Covid-19, de forma que os trabalhos foram desacelerados, pelas medidas de proteção. Por conseguinte, as pesquisas de estudantes foram prejudicadas, as quais necessitavam de documentações do acervo, pois apenas em 2021 foi liberada a permanência de poucas pessoas na sala do PDE.

Ao longo e após esse contexto, desenvolveram-se pesquisas de Pós-Graduação que utilizaram e utilizam o acervo do MEL no prédio do PDE. Este tópico se concentra em compreender como essas pesquisas contribuem para a formação do MEL e, na mesma medida, como o acervo do Museu colabora para a formação acadêmica dos estudantes, tendo em vista as interdependências dos indivíduos.

Uma das primeiras pesquisas desenvolvida com base do acervo do MEL foi a dissertação de Mestrado de Gabrieli de Assis Marcolino, intitulada *A Fotografia como Documentação Escolar na Construção do Acervo do MEL – Museu Escolar de Londrina*, orientada pela professora Sandra de Oliveira. Sua pesquisa foi elaborada no contexto do projeto *MEL – Museu Escolar Londrinense: modos de construir, ensinar e viver culturas na Escola Municipal “Urandy Andrade Correia”*, em 2021. Infere-se que a pesquisa de Marcolino possui interconexões com a trajetória da configuração do MEL. A partir do momento que Yamashita, Candoti e outros sujeitos tomaram iniciativas de preservação e salvaguarda do acervo tendo em vista sua importância para a pesquisa da História da Educação de Londrina, estudantes como Marcolino tiveram a oportunidade de lidar com esses documentos.

A autora priorizou as fotografias e analisou em torno de 11 coleções com 737 fotografias registradas entre 1950 e 1985. A partir de sua análise, Marcolino concluiu que as imagens possuem 4 tipologias, sendo elas: ações do cotidiano escolar, ações políticas, ações direcionadas às datas comemorativas e ações de gestão municipal. Além da pesquisa das fotografias, Marcolino também atuou no processo de preservação e catalogação das fontes.

A coleção 5, intitulada ‘Diversos’, apresenta as mesmas características da Coleção 4. Trata-se de um álbum montado em uma pasta organizadora, seguindo o padrão das fotografias coladas em folhas sulfite com legendas abaixo. A coleção conta com 51 fotos e 51 legendas, distribuídas em 57 folhas. Algumas folhas trazem subtítulos que apresentam imagens em seguida. A coleção registra atividades que datam as décadas de 1960 e 1970, mas registramos que nem todas as fotografias contêm referências sobre a data. Em alguns momentos, seguindo a lógica das folhas de apresentação, algumas fotos parecem estar no local errado, então não sabemos se, em algum momento, foram trocadas ou se foram inseridas outras fotografias posteriormente à montagem. No momento em que a digitalização foi realizada, tomou-se o cuidado de respeitar a organização encontrada. (Marcolino, 2021, p. 95)

O excerto acima demonstra que a autora pesquisou o acervo de fotografias em categorias, conforme descrito no parágrafo anterior. Essa pesquisa possibilita um vislumbre da forma como as coleções eram organizadas e o quanto essa organização possuía lacunas. Marcolino indica que foi realizada a digitalização das fotografias, fato que comprova seu envolvimento na preservação e catalogação das fotografias. Em linhas gerais, pode-se dizer que a pesquisa e a participação de Marcolino na

preservação do acervo do MEL contribuíram mutuamente para sua própria formação enquanto mestra em Educação, e para a formação do MEL no que diz respeito à constituição de um acervo fotográfico.

O acervo fotográfico digitalizado por Marcolino também resultou no artigo *A Fotografia como Porta de Entrada para a Cultura Escolar: imagens de escolas da cidade de Londrina, Paraná (1950-1985)*, elaborado pela autora e Oliveira (2024). Neste artigo, percebem-se as interdependências já citadas e, também, a interconexão entre orientanda e orientadora, visto que Oliveira orientou Marcolino no processo de Mestrado.

O interesse, a pesquisa e a preservação do acervo de fotografias do MEL também são visíveis no catálogo *Fotografias da Educação Escolar Londrinense*, produzido por Oliveira e Diniz (2023). Diniz foi estudante do curso de História da UEL e atuou no MEL sob a orientação de Oliveira. O catálogo coloca em circulação “[...] uma vasta documentação escolar e está em processo de organização por meio de uma parceria entre a Universidade Estadual de Londrina – UEL e a Secretaria Municipal de Educação de Londrina” (Oliveira; Diniz, 2023, p. 4). As interdependências relacionadas à preservação do acervo de fotografias permitiram o desenvolvimento de pesquisas que contribuíram para a elaboração de uma dissertação e de um catálogo, dentro do contexto da Pós-Graduação e da Iniciação Científica. Mutuamente, essas ações colaboraram para a formação do MEL enquanto lugar de salvaguarda e pesquisa de fotografias relacionadas à História da Educação de Londrina²⁰.

Claudia Maria de Sousa de Lima também elaborou sua pesquisa de Mestrado a partir de documentos do Museu Escolar de Londrina. Sua dissertação, intitulada *As Datas Comemorativas sobre as Mulheres na Escola: um estudo nos documentos da TV CEM (1994-2009)*, foi finalizada em 2023, sob a orientação de Oliveira. Com ênfase na forma como as datas comemorativas eram abordadas nas escolas do Município, a autora buscou interpretar como as mulheres eram representadas na abordagem dessas comemorações, ou seja, se eram silenciadas ou não. Para tanto, ela utilizou textos e atividades de datas comemorativas – apostilas e revistas – da TV CEM (Canal Educativo Municipal).

²⁰ Ver link na nota de rodapé nº 17.

Por meio da análise do projeto da TV CEM, Lima indica que o objetivo dos organizadores era mostrar que escola não se restringe à transmissão de conhecimentos e que a tecnologia deveria estar presente como ferramenta direcionada ao progresso da sociedade e da Ciência. Assim, o projeto aponta alunos e professores da educação básica e rede pública como o principal público-alvo (LIMA, 2023).

Em relação aos objetivos principais de sua pesquisa, Lima conclui que, na documentação da TV CEM, “[...] as concepções de mulheres ativas e questionadoras eram esquecidas e algumas vezes invisibilizadas nas formas de se trabalhar as datas comemorativas” (Lima, 2023, p. 152), pois permanece uma forma estereotipada de abordagem dessas datas. A dissertação da autora demonstra a possibilidade de abordar, a partir de documentos do MEL, temáticas relacionadas à discussão de gênero e às estratégias pedagógicas utilizadas nas ou para as escolas. É importante ressaltar que Lima atuou no projeto MEL por meio de práticas de preservação de documentos e que este contato influenciou a elaboração de sua dissertação de Mestrado. Consequentemente, sua pesquisa colabora para a valorização e comunicação de documentos antes inviabilizados por conta da falta de mapeamento e catalogação.

Outra pesquisa com foco em fontes do MEL é a dissertação de Mestrado de Alberguine. Conforme visto no tópico anterior, sua experiência com os documentos na sala 164 influenciou a escolha do tema de sua pesquisa de Mestrado. O levantamento dos documentos foi feito já quando o acervo estava realocado no prédio do PDE, em 2021. Sobre o fluxo de estudantes no MEL, no período em que iniciou sua pesquisa de Mestrado em Educação, sobre cinema educativo:

Acho que não tinha um fluxo tão grande de pessoas, mas sempre tinha tipo duas, três pessoas das iniciações científicas que estavam higienizando. Então eu já deixava avisado assim ‘ó, se você encontrar alguma coisa relacionado ou o que você acha que pode ser, me avisa, né?’ Mas então, nessas vezes apareceu uma coisa ou outra ali, mas o bruto mesmo foi eu que encontrei, que fui pesquisando. [...] A descrição das caixas era muito genérica, completamente. Então eu comecei a mirar em algumas e buscar para tentar ser um pouco mais assertivo, porque assim, a taxa de encontrar caixas que tinha documentação era muito complicado. Muito difícil, né? Então, se eu tentasse, por exemplo ‘vou mirar nessa documentação de 1960 e alguma coisa talvez eu ache’. Então eu comecei a fazer isso também. (Alberguine, 2023).

A partir das práticas de higienização, Alberguine, então mestrando, estabeleceu inter-relações com estudantes de Iniciação Científica, pois estes possuem contato com documentos diversos durante o processo de preservação. Alberguine deixa claro o quão difícil era mapear fontes para sua pesquisa, visto que as caixas possuíam descrições genéricas. Sua busca por documentos relacionados ao Cinema Educativo em Londrina demonstra que os acervos são suportes de informação, entendendo “[...] a preservação não como um fim, mas como um meio de se instaurar o processo de comunicação” (Cândido, 2006, p. 32). Além da preservação, a investigação da documentação também amplia a comunicação do bem cultural, instigando uma visão crítica sobre o acervo (Chagas, 1996).

Então, a prática de pesquisa de Alberguine indica sua contribuição para a preservação, a investigação e a comunicação do acervo. Por mais que seu tema seja restrito ao Cinema Educativo, ao mapear documentos, separá-los e investigá-los, Alberguine potencializa a comunicabilidade daquela tipologia de acervo e permite que outros estudantes, que investigam o mesmo tema, possam utilizar sua dissertação como referência e os documentos estudados.

Quando questionado sobre a forma como sua pesquisa pode contribuir para outros pesquisadores e para a figuração do MEL, sua resposta foi:

[...] a minha pesquisa consegue mostrar que se você mergulhar na documentação, que se você pesquisar, se você fizer as coisas, você consegue tirar um trabalho daquilo. Então, assim, se você tem uma pesquisa, uma pessoa que já fez isso, é sinal que tem como fazer. Imagino que minha pesquisa, em termos documentais, ela serviu para isso, né? Contribuiu nesse sentido [...] A minha pesquisa acaba trazendo uma relevância para o MEL também, porque a partir do momento que eu estou fazendo uma pesquisa, eu estou mostrando que aquilo lá [o acervo] tem muito valor. (Alberguine, 2023)

Essa ação de pesquisa serve como base para outros estudos sobre a mesma temática, ao mesmo tempo que contribui para a formação do MEL. Conforme parte dos entrevistados, o acervo da SME armazenado no IBC, depois transferido para a sala 164 e, por último, para o prédio do PDE, não possuía informações específicas, sendo necessário abrir caixa por caixa para identificar seus conteúdos. Ao desenvolver uma pesquisa sobre Cinema Educativo em Londrina, Alberguine contribui para que o MEL tenha parte do seu acervo comunicado. Logo, sua dissertação demonstra as experiências do Cinema Educativo em Londrina e seus

desdobramentos audiovisuais entre 1949 e final da década de 1990, como pode ser visto no seguinte trecho:

A Concha Acústica e as atribuições relacionadas à Biblioteca Circulante, que promoveram distintas atividades de cunho cultural e educacional através da exibição de filmes, shows e espetáculos artísticos, atingindo não somente indivíduos inseridos dentro do ambiente escolar, mas extrapolando também os limites e os muros da aprendizagem escolar. No processo de formação docente anotado nos registros documentais de Londrina, tomando como base um registro fotográfico de 1954, notou-se a configuração acerca da disposição dos docentes durante uma projeção fílmica, permitindo indícios sobre como estes possivelmente se comportariam diante de seus próprios alunos em relação à organização espacial. (Alberguine, 2023, p. 122)

Nos documentos do MEL, Alberguine identificou ações educativas e culturais do Departamento de Educação e Assistência Social (DEPAS) direcionadas para a exibição fílmica e audiovisuais dentro e fora dos ambientes escolares. Além disso, o autor também identificou produções audiovisuais de temáticas históricas, assim como aqueles voltados à conduta moral e cívica. Ainda, identificou filmes sobre saúde, higiene, trânsito etc. e concluiu que estes documentos demonstram as normas e conhecimentos a serem ensinados, ou seja, a cultura escolar em um sentido proposto por Dominique Julia (Alberguine, 2023).

Outra prática de pesquisa semelhante à de Alberguine foi a tese de Doutorado de Gabriela Sacchelli, a qual inicia, em 2020, como doutoranda no PPEdu, sob a orientação de Honorato. Em seu mestrado, Sacchelli concentrou sua temática na educação rural de Apucarana-PR. Já em sua pesquisa de Doutorado, a temática continuou sendo educação rural, mas com ênfase em ações municipais de Londrina. Por esse motivo, em sua entrevista da seleção de Doutorado, estabeleceu-se que suas fontes seriam mapeadas no acervo do MEL.

[...] ingressei em 2020. Com a mudança dos arquivos, a gente foi até o IBC. Fizemos toda a mudança, carregamos o caminhão, trouxemos até aqui, aí aqui a gente organizou tudo. E foi todo aquele trabalho mesmo, toda aquela dificuldade do início, e aí veio a pandemia. A gente ficou um tempinho longe do MEL. Conversei com o professor Tony que eu estava ansiosa, porque eu queria muito visualizar as fontes e aí acabou que eu comecei a vir sozinha para o MEL. [...] Eu ficava o dia todo sozinha, dois dias na semana, e ali eu higienizava o que eu conseguia e ia fotografando. Eu tenho muitas fotos. Tenho fotos que eu conseguia analisar. Eu tenho fotos, até hoje, de arquivos que eu não consegui olhar [...]. (Sacchelli, 2023)

Assim como Alberguine, Sacchelli desenvolveu parte de sua pesquisa durante a pandemia. Em sua fala, ela também indica a dificuldade em lidar com a documentação por conta do processo de remanejamento e do período em que o acervo do Museu ficou fechado. Sacchelli demonstra que, mesmo com os imprevistos, manteve contato com a documentação para selecionar fontes importantes para sua pesquisa. Ela iniciou práticas de preservação, como a higienização. Em seguida, fotografou diversos documentos que, de alguma forma, possuíam relação com seu tema. Quando questionada sobre a criação de uma base de dados, relatou:

Criei uma base de dados, mas a organização desse desses arquivos no computador, para mim, foi bem difícil. Porque como hoje, eu vejo que o MEL, ele melhorou muito, né? Com a colaboração dos alunos. Mas quando eu comecei, a gente não tinha toda essa organização, a gente estava trocando as caixas ainda. Aí teve uma situação de 'inundação' [...]. Então, a gente fez muito trabalho [...] colocar as caixas nas estantes, depois trocar as caixas [...]. A minha pesquisa atrasou muito por conta de ter que organizar tudo isso e aí vindo com a pandemia, a gente não podia ter muitas pessoas trabalhando juntas no MEL. (Sacchelli, 2023)

Sacchelli reforça a dificuldade em encontrar e organizar os documentos do acervo em questão. Entretanto, o fato de ter sistematizado uma base de dados, com documentos referentes à educação rural e ações municipais de Londrina, demonstra que a pesquisa de Sacchelli contribui para a formação do MEL, pois ajuda a preservar e comunicar uma temática específica do acervo.

Ela também ressalta o quão importante é a atuação de estudantes na preservação dos documentos do Museu, pois, no período em que fez o levantamento de fontes para sua pesquisa, no prédio do PDE, ainda não existia bem delimitada uma frente voltada à higienização que pudesse auxiliá-la na busca por documentos. Essa fala mostra uma mudança em relação ao relato de Alberguine, pois, posteriormente, quando ele inicia o mapeamento de suas fontes, já existiam estudantes de Iniciação Científica que faziam a higienização de documentos e contribuía para a localização deles.

Nesse processo de remanejamento do acervo para o prédio do PDE, Lopes continua como responsável pela organização dos documentos e auxilia no transporte, troca de caixas antigas por novas, higienização e sistematização das caixas em estantes. No mesmo ano, em 2020, ela passa na seleção de Mestrado em Educação

do PPEdu, assim como Alberguine, e o objetivo de sua pesquisa demonstra a influência de sua trajetória no MEL,

[...] eu tive um pouco de dificuldade porque eu não consegui separar a pesquisa da vivência. Entende, né? E eu não pesquisei nenhum documento, não foi minha base de pesquisa. Eu pesquisei a construção, a forma de construir o arquivo de documentos. (Lopes, 2023)

Lopes ressalta o quão intensa é sua vivência no Museu por conta das funções que exerce naquele ambiente. Além disso, sua pesquisa, diferente das que foram citadas até aqui, não têm como base uma documentação específica, mas sim a forma como aquele acervo foi constituído dentro de parâmetros arquivísticos e considerando o registro das memórias do processo. A pesquisa de Lopes é influenciada por sua experiência, mas também influencia a organização do acervo. Após a pergunta sobre como sua pesquisa interferiu na sistematização do acervo, diz:

O que eu consegui compreender nos textos, eu fui trazendo. Por exemplo, formar o espelho [informações gerais das caixas de documentos]. A questão da constituição da documentação física, da documentação digital [...]. Nós fizemos as oficinas, mas alguns detalhes vão ficando para trás. O cuidado com as fotografias mesmo, nós não conseguimos fazer oficina, então alguns eu busquei nas literaturas, né? Formar os espelhos [...] eu vi bastante também questões relacionadas à documentação escolar, né? Que é diferente, de que se tem uma outra característica dos outros tipos documentação. (Lopes, 2023)

Nesse trecho, Lopes demonstra a importância do seu processo de formação no Mestrado para a formação do MEL. Seus estudos sobre a parte técnica de organização dos documentos possibilitaram a organização deles. Ao mesmo tempo, sua experiência diária com a sistematização do acervo mostraram as necessidades de preservação e inspiraram sua pesquisa. Ressalta-se que colocar essas técnicas em prática depende também da atuação de estudantes, principalmente daqueles que atuam em Iniciação Científica ou que são voluntários. Quando questionada sobre a descrição dos espelhos da caixa, Lopes reforça o trabalho dos alunos.

Os nossos alunos estão mais envolvidos na higienização. Mas, nós temos os dos grupos de pesquisa, principalmente professor o professor Tony, são os alunos que desenvolvem as pesquisas de iniciação científica aqui, e eles começam pela busca de dados. Então

eles abrem caixa por caixa, buscando de acordo com o tema [da iniciação científica] [...] buscando o tema que eles têm, que eles estão trabalhando. (Lopes, 2023)

A formação de Lopes durante o Mestrado, direcionada para a formação técnica do Museu, possui inter-relações com a atuação dos estudantes, principalmente os de Iniciação Científica. O trabalho destes alunos se dirige principalmente à higienização de documentos, mas também existem pesquisas que ajudam a formar uma base de dados do acervo segundo o tema estudado por cada um. Conforme a pesquisa de Lopes contribui para a sistematização do acervo e de aparatos arquivísticos de preservação, ela vivencia isso simultaneamente, junto a outros estudantes.

Outra pesquisa de Pós-Graduação que também está vinculada ao acervo do MEL é a tese de Doutorado de Borges – que está no MEL desde 2017, quando ainda era estudante de Graduação – a qual está em processo de escrita. Assim como Lopes e Alberguine, Borges também experenciou o processo de digitalização e higienização dos documentos da SME na sala 164. A partir das inter-relações estabelecidas naquele espaço, Borges continuou a atuar no processo de preservação e higienização dos documentos no prédio do PDE e, também, auxiliou o remanejamento dos documentos que estavam no IBC. Além disso, ele também continuou como membro dos projetos coordenados por Oliveira e Honorato, relacionados ao MEL.

Seu TCC e sua dissertação de Mestrado foram orientados pelo professor Honorato; porém, nestes trabalhos, Borges não utilizou os documentos do MEL. O acervo do MEL como fonte de pesquisa ocorreu apenas no Doutorado. No entanto, esse contato com os documentos do Museu influenciou a formação de Borges durante a pesquisa de Mestrado sobre a trajetória histórica do curso de Educação Física da UEL. Quando questionado sobre os documentos que utilizou no Mestrado, responde:

Nós utilizamos documentos desde 1968, que foi quando criou o curso de Educação Física na UEL, então a relação com o MEL me ajudou no trabalho com os documentos do mestrado. E também trabalhar com os documentos lá dentro, de Educação Física, ampliou meu olhar para trabalhar com os documentos do MEL. (Borges, 2023)

Borges também utiliza o pronome “nós” e trata no coletivo a ação de pesquisa que exerceu em seu Mestrado. Além disso, ele enxerga a própria inter-relação do que aprendeu no MEL e do que foi aprendido no manuseio dos documentos de Educação Física. Seu contato com o acervo do Museu e sua formação em Educação Física

influenciaram em sua decisão de fazer Doutorado em Educação no PPEdu, visto que sua temática se concentra nas práticas corporais desenvolvidas em escolas municipais com documentos históricos disponíveis no MEL. Quando questionado sobre a temática e as fontes para a tese de Doutorado, afirma:

Vejo como se fosse uma história que ainda está muito encoberta na história da educação da cidade de Londrina. E também dos municípios aos arredores e dos distritos. E é muito difícil achar produções que trabalham com esses documentos e que contam essa história na educação em Londrina. Então, desde 2018, trabalhamos com esses documentos. Eu já conseguia perceber indícios de que poderia ser um objeto de pesquisa futuramente. É o que me fez trabalhar no doutorado, foi a questão do tempo, porque para um mestrado seria praticamente impossível lidar com mais de 1300 caixas, sendo que em cada caixa pode ter mais de 1000 folhas. E essa escolha então pelo objeto, pelas fontes. (Borges, 2023)

A fala de Borges justifica a escolha dos documentos por conta de novas abordagens para a História da Educação do Município. Essa percepção ocorreu a partir de seu contato com o acervo do MEL, desde 2018. Nesse percurso, ele chega ao Doutorado e problematiza como o processo de municipalização de Londrina esteve atrelado às práticas corporais de Educação Física entre 1950 e 2000. Portanto, a partir de documentos que serão mapeados no MEL, Borges tem como objetivo analisar as práticas corporais de Educação Física visíveis na escolarização do município de Londrina no período citado.

Vale ressaltar que sua função não ocorre de forma individual, pois outros estudantes auxiliam nesse processo de reconhecimento de temáticas e fontes. Nesse quesito, quando questionada sobre a existência de uma rede de apoio entre os estudantes, Lopes responde:

Eu tenho percebido isso. [...] Eles se apoiam porque um ajuda o outro. Nós temos o quadro ali e ele é bem funcional, porque eles colocam as suas pesquisas [temáticas] ali e enquanto eles estão higienizando quando localizam algum tema que está no quadro, eles já vão procurar o dono do tema e já mandam o número da caixa onde está e discutem sobre isso, perguntam sobre informações de documentos que eles encontram. Então tem sido uma troca, que é o que mais tem me motivado dentro do MEL. Não é só limpar e higienizar e deixar ali, né? Essa troca é algo que tem me chamando a atenção. E cada dia aumenta o número de estagiários. (Lopes, 2023)

A fala de Lopes sobre a rede de apoio entre os estudantes complementa a de Borges sobre a observação das fontes e a percepção das temáticas nelas presentes, mostrando que o trabalho com o acervo não se concentra apenas na preservação.

Além disso, Lopes demonstra mais um estágio do decurso da configuração do MEL. Essa rede de apoio fortalece a formação do MEL e dos estudantes. Ao abrirem e organizarem caixas, assim como mapear documentos e temáticas de acordo com as demandas escritas em um quadro funcional, os estudantes aprendem práticas arquivísticas, as quais são orientadas por Lopes e estão em sua dissertação de Mestrado.

Este subcapítulo demonstra que as ações de preservação e pesquisas da Pós-Graduação constituem-se em práticas educativas que favorecem a formação dos estudantes na figuração social. Ao abrir caixas, mapear documentos, catalogar acervos, tudo em consonância com as temáticas de suas pesquisas, os estudantes de Pós-Graduação organizam bases de dados fundamentais e, ao mesmo tempo, primordiais para a formação de um Museu voltado para a temática escolar.

Quanto aos gradientes de poder, é perceptível que as funções iniciais de Yamashita, Candotti, Lopes, Honorato e Oliveira na busca pelo acordo com a Secretaria Municipal de Educação, representada pela secretária Maria Tereza Paschoal de Moraes, possibilitaram as ações de pesquisa dos estudantes que se debruçaram pelo arquivo. Conforme as pesquisas foram se desenvolvendo, nota-se a o crescimento do equilíbrio de poder entre os envolvidos. Para ser mais claro, à medida que passam a participar do Projeto MEL, potencializam-se as práticas museais que formam o Museu. Eles passam a abrir caixas, preservar e investigar as documentações e, por conseguinte, passam a ser detentores de conhecimentos e autores de pesquisas.

Se, a princípio, o poder sobre o acervo estava concentrado nas mãos dos indivíduos da Secretaria Municipal de Educação, a partir do acordo com a Universidade novos sujeitos entram em cena, de modo que novas teias de interdependências se formam e o decurso do Museu se torna menos previsível.

Passado algum tempo, torna-se mais fácil compreender que, à medida que diminuem as diferenças de poder entre os indivíduos e grupos interdependentes, se torna descrente a possibilidade de quaisquer participantes, por si próprios ou enquanto grupo, estarem aptos a influenciar o decurso global do jogo. (Elias, 1999, 104).

Os documentos encontrados passam a constituir-se como fontes de pesquisas que dependem da interpretação, do referencial teórico e metodológico, assim como da relação entre orientador e orientando. Os resultados e as ramificações que essas investigações geram podem dar origem a outras pesquisas, uma vez que passam a comunicar o acervo para a comunidade acadêmica, escolar e, enfim, ao Município.

5.4 A ATUAÇÃO DE GRADUANDOS NA PRESERVAÇÃO E PESQUISA DO ACERVO

Em relação aos alunos de Graduação, Lopes relata o quanto eles contribuem para a construção de uma base de dados geral, a partir de subtemas.

Eles fazem essa catalogação, que é uma base que vai compor a nossa base em geral. Nós chamamos de subfundo. Agora nós estamos montando o fundo dessa sala de Secretaria Municipal de Educação. Cada aluno que faz a sua pesquisa, a sua base de dados da pesquisa, do seu tema e eles contribuem colocando a sua pesquisa como um subtema. E aí a caixa e o documento são descritos. Por exemplo, a Maria Clara, que estuda o DEPAS, nesse subfundo ela descreve a caixa e o documento. O documento que ela encontrou na caixa, ela dá a localização. Nós ainda não disponibilizamos [...] mas já temos essa base de dados que os alunos têm desenvolvido. (Lopes, 2023)

Assim como as pesquisas de Pós-Graduação, Lopes indica que graduandos também desenvolvem trabalhos para além da preservação, com ênfase em pesquisas que contribuem para a formação de subfundos. Ela cita como exemplo o trabalho de Maria Clara Bagatim do Amaral Gomes, orientanda de IC do professor Tony Honorato, que priorizou os documentos do DEPAS de acordo com o projeto de Iniciação Científica que participa, objetivando inventariar documentos e analisar o *habitus* de ser professor nos anos de 1950 e 1960. Quando questionada sobre como o MEL contribui para sua pesquisa, diz:

O MEL, ele contribui em fontes. Contribui para o meu aprimoramento no sentido de que eu também estou aprendendo sobre os documentos, sobre a pesquisa em história, o olhar que eu tenho que ter para a história. Para aqueles documentos, questão de analisar, de descrever. (Gomes, 2023)

A fala de Gomes se concentra no mapeamento de fontes e na pesquisa a partir delas. Ela enxerga o Museu como um lugar de preservação das fontes e, ao mesmo

tempo, de pesquisa. Sua busca por documentos do DEPAS contribui para a formação de um subfundo para o MEL, pois auxilia na catalogação, localização de caixa e documentos importantes para próximos pesquisadores. Isso fica ainda mais claro no resumo apresentado por Gomes no Encontro Anual de Iniciação Científica de 2023.

Como resultado, no total foram encontradas e abertas 120 caixas arquivos com registros ligados ao DEPAS e a quantidade de documentos identificados foi de 4.844, então eles foram agrupados em 30 tipologias. Entre as tipologias as mais recorrentes são: atas, biografias de homenageados, dados dos docentes (contratos, currículos, formação), fotografias, justificativas de faltas de docentes, plantas dos edifícios escolares, ofícios, quadros estatísticos, relatórios, termos de visita dos inspetores. Com esta pesquisa, foi possível levantar mais registros sobre o DEPAS, que foi um importante órgão de gestão pública da educação municipal de Londrina, revelando fontes que trazem mais informações para uma melhor compreensão sobre a função desse órgão para a comunidade londrinense e de pesquisadores de história das ações municipais na educação. Como consideração final, com o minucioso levantamento será possível formular novos questionamentos acerca desse órgão de gestão municipal, publicar um catálogo de fontes históricas sobre o DEPAS, viabilizar recursos para o começo de novas pesquisas e fomentar a história da educação do município de Londrina. (Gomes; Honorato, 2023, p. 1).

É possível compreender o quanto o trabalho destes estudantes no mapeamento de fontes contribui para a formação e os subfundos citados por Lopes (2023). Gomes e Honorato (2023) descrevem a quantidade de tipologias de documentos catalogados em relação ao DEPAS e o quanto isso potencializa possíveis estudos sobre a atuação desse Departamento em Londrina. Assim, a formação de Gomes é influenciada pelo contato com estes documentos, pois, a partir deles, ela elabora pesquisas que contribuem para a formação do MEL de forma mútua.

Sobre as interdependências estabelecidas com as pessoas que atuam no MEL, observa:

Se não tivesse pessoas ali para trabalhar, acho que o MEL ia ser um amontoado de documentos, né? Sim, então todos ali contribuem para meu desenvolvimento quanto pesquisadora e como ser humano. Acredito porque cada um chega ali com a sua construção, com as suas experiências. De diferentes áreas, né? Tem gente da Educação Física, tem gente da área de História, tem gente da área de Pedagogia. Então, cada um chega com seus conhecimentos. E aí é contribuir para uma visão que talvez eu não tivesse assim, sabe? Às vezes, dentro da minha pesquisa ou diferentes situações assim. (Gomes, 2023)

Gomes valoriza as conexões dos indivíduos em sua formação como pesquisadora, pois os estudantes trazem conhecimentos de diversas áreas e isso contribui para a construção de visões diferentes sobre os documentos que muitas vezes não teriam sido pensadas em outro contexto.

O mapeamento de documentos a partir de pesquisas de Iniciação Científica também podem ser vistos nas ações de Jéssica Pimenta Silva e Anna Carolina Sloma Mussa, as quais possuem vínculo com o projeto de ações municipais, coordenado pelo professor Honorato. Quando questionada sobre suas experiências na IC e a pesquisa no acervo do MEL, Pimenta responde:

[...] eu me envolvi com uma iniciação científica na área de educação, também falei um pouquinho sobre a temática da pobreza no município de Londrina. Objetivo era olhar os documentos e procurar para saber quais eram os indícios [...] da pobreza em Londrina [...]. Tudo na documentação do MEL. A gente fez uma pesquisa em base de dados também. Pegamos alguns artigos, aí eu fiz algumas leituras deles e aí eu mexi na em alguns documentos. Enquanto isso, eu participava do projeto de extensão, que é ajudando a higienizar os documentos [...]. E aí eu digitalizava os documentos que eu precisava para conseguir ter uma visão melhor deles e poder trabalhar com eles. Mas eram só aqueles que eu vi que tinha algum indício sobre pobreza e aí depois disso, eu tive de sair porque eu precisei ir trabalhar. (Pimenta, 2023)

A estudante indica que, a partir da Iniciação Científica, iniciou o mapeamento de documentos relacionados à Educação e à temática da pobreza em Londrina. Percebe-se que a ação dos indivíduos para com o acervo contribui para a criação de subfundos que abordam diferentes temas e, por conseguinte, potencializam a comunicação dos documentos. Além do mais, sua atuação não se concentrou apenas no mapeamento de fontes, mas, também, na higienização e digitalização delas, mostrando a urgência da preservação.

Pimenta aborda a necessidade de sair do projeto para trabalhar; porém, essa demanda não anula suas interdependências com o MEL:

[...] então eu conversei com o meu orientador e pedi para ficar só com TCC. Então agora além de estar ajudando na higienização dos documentos, também estou dando uma olhada nesse documento, em termos de visita, e fazendo leituras por fora para fazer a construção do TCC. (Pimenta, 2023)

Mesmo sem o vínculo de Iniciação Científica, Pimenta continuou atuando no MEL, tendo em vista sua pesquisa de TCC, inicialmente sob a orientação do professor Honorato. Quando questionada sobre sua contribuição para a preservação da documentação e a procura de documentos para sua pesquisa, responde:

Sim. Normalmente, no mês eu busco fazer duas quintas-feiras, que são os dias de higienização. Então passo a tarde higienizando ou fazendo o que a Meire orienta a fazer [...]. A maior parte do tempo é a higienização de documentos. E nas outras duas quintas-feiras do mês eu permaneço ali fazendo alguma coisa relacionado à pesquisa do TCC, seja a abertura das caixas e fazer minha catalogação [...] ou seja, fazer alguma coisa relacionada à escrita mesmo do projeto ou qualquer coisa nesse sentido. (Pimenta, 2023)

A permanência de Pimenta nas ações do MEL continuou de forma voluntária, tendo em vista a assistência à preservação do acervo e o início de sua pesquisa de Conclusão de Curso. Assim, ela ressalta os períodos em que auxiliou na higienização e aqueles em que se dedicou à sua pesquisa. Nota-se que suas práticas museais contribuem para sua formação acadêmica, visto a utilização do acervo como fonte, assim como colabora para com a formação do MEL em relação à preservação de ser acervo e ao levantamento de documentos específicos. Ao ser questionada sobre o tema de seu TCC, diz:

[...] eu encontrei os termos de visita e são, assim, documentos muito ricos e eles estão em grande quantidade. Isso me diz uma coisa muito interessante que é essa necessidade de como fazer inspeção nas... avaliação das escolas [...]. Mas aí, eu olhei e falei 'olha, que legal, interessante, tinha de tudo'. Em termos de visita, eu tinha um termo vazio, só com uma data e tinha termo de visita que falava sobre a entre aspas, incompetência do professor, porque a turma toda reprovou. [...] Eu falei 'pronto, quero estudar termo de visita' e aí ele falou [Honorato] 'Ok. Então agora você vai tentar fazer uma catalogação desse documento para saber quais são os temas que tem'. (Pimenta, 2023)

O contato com o acervo em momentos anteriores estimulou o interesse por termos de visitas às escolas, os quais passaram a ser vistos como possíveis fontes de um Trabalho de Conclusão de Curso. Observa-se que ela faz a sondagem do conteúdo dos termos e, assim, vislumbra possibilidades de análises e é instigada por seu orientador a fazer uma catalogação daquela tipologia de documentos. Assim como Gomes (2023), vê-se que a partir do acervo do MEL, Pimenta aprimora sua formação em relação à pesquisa e contribui para a catalogação de uma tipologia e

temática específicas de documentos. Ressalta-se, mais uma vez, que a entrevista foi coletada em 2023. Naquele momento, a entrevistada tinha o plano de desenvolver uma pesquisa de TCC direcionada ao acervo do MEL. Entretanto, posteriormente, por motivos pessoais, isso não foi possível.

Acerca das interdependências dos sujeitos, no que diz respeito, ainda, à sua Iniciação Científica no MEL, Pimenta ressalta que contou com o apoio de Sacchelli, a qual foi designada por Honorato para acompanhá-la no mapeamento de documentos. Observa-se que a relação estabelecida com o acervo envolve a troca de experiência dos sujeitos, visto que, no mesmo período, Sacchelli atuava como doutoranda no MEL e possuía prática com o mapeamento de documentos, podendo, desse modo, contribuir com o trabalho de Pimenta.

Essa relação indica diferentes gradientes de poder em relação ao acervo. Por ser pós-graduanda e já conhecer parte dos documentos através de sua pesquisa de Doutorado, Sacchelli foi designada por Honorato para auxiliar Pimenta, que ainda não possuía conhecimentos da documentação que compõe o Museu Escolar de Londrina. Conforme Pimenta foi se familiarizando com os documentos, houve a catalogação de fontes que retratam a relação entre a Educação e a pobreza no Município de Londrina. Além disso, seus laços de interdependências levaram à preferência pelos termos de visitas às escolas como possíveis fontes para seu Trabalho de Conclusão de Curso, mostrando uma ramificação da sua pesquisa de Iniciação Científica.

Outra interdependência refere-se à continuação do tema de Iniciação Científica de Pimenta sobre Educação e pobreza em Londrina. Após sair do projeto para trabalhar em outro lugar, quem assumiu a pesquisa foi Anna Carolina Sloma Mussa, aluna do curso de Graduação em História. Quando questionada sobre os motivos que a levaram para a área de Educação, comenta:

[...] ano passado eu descobri o MEL, uma colega indicou que um professor estava com bolsa. É uma colega de curso e eu acabei fazendo entrevista só por fazer. Na hora estava pensando na bolsa, aí depois, é, eu conheci o MEL. [...] Mas eu não estava achando graça nenhuma nos primeiros meses, eu achava que era um monte de papel velho, assim. Aí eu comecei nas orientações, no grupo, [...] e eu comecei a me apaixonar pela pesquisa. E essa pesquisa nova que é de evasão escolar, eu pude escolher o tema, né? Porque a minha primeira eu não pude escolher o tema, eu peguei o tema da Jéssica, que a Jéssica fez por seis meses e teve que parar. [...] Para essa próxima pesquisa eu estou muito animada porque fui eu que escolhi [o tema]. Então eu estou bem animada. Eu estou muito feliz de estar

na História da Educação, porque eu acho que hoje em dia eu sou bem mais parte da História da Educação do que da História mesmo, sabe? Eu me engajei tanto aqui, que me encontrei. (Mussa, 2023)

Mussa indica algumas interdependências. No caso, a indicação da colega de turma para a seleção de bolsas para atuar no MEL, orientações, participação em grupo de pesquisa, apropriação de uma pesquisa de Iniciação Científica que já estava em andamento e a atuação no Museu. Enfim, essas interconexões somadas à sua mudança de perspectiva sobre o acervo, visto inicialmente como “papéis velhos” e depois como instrumentos de pesquisa, demonstram que a formação de Mussa passou por transformações.

Elias (1994b) aponta que existe uma interdependência contínua entre os seres humanos e cita a conversa na relação humana:

Um parceiro fala, o interlocutor retruca. O primeiro responde e o segundo volta a replicar. Se considerarmos não apenas as observações e contra observações isoladas, mas o rumo tomado pela conversa como um todo, a sequência de ideias entremeadas, carreando umas às outras numa interdependência contínua, estaremos lidando com um fenômeno que não pode ser satisfatoriamente representado nem pelo modelo físico da ação e reação das bolas nem pelo modelo fisiológico da relação entre estímulo e reação. As ideias de cada um dos parceiros podem mudar ao longo da conversa. (Elias, 1994b, p. 25)

O rumo das interdependências pode mudar ao longo das relações estabelecidas pelos sujeitos, da mesma forma que as ideias de um sujeito podem se transformar no decorrer de uma conversa. Nesse sentido se encaixa a fala de Mussa, no que diz respeito às mudanças de perspectiva sobre o acervo do MEL. Ao direcionar seus estudos à iniciação científica na área de Educação, Mussa passou a ter contato com documentos que, até então, não eram significativos em sua formação. A partir de orientações e participação em grupos de pesquisa, suas ideias quanto ao acervo mudaram, inclusive, percebe-se seu engajamento para uma nova iniciação científica.

Ressalta-se que Mussa deu continuidade à iniciação científica de Pimenta e, portanto, ficou responsável pela finalização da pesquisa. Pode-se dizer que Pimenta contribuiu para com o levantamento de documentos sobre a relação entre a educação escolar e a pobreza em Londrina, enquanto Mussa sistematizou o conteúdo desses documentos e focou nas ações assistencialistas voltadas para a educação.

Como resultado da pesquisa, percebemos que a abordagem das ações assistencialistas em Londrina, envolvia garantir o acesso à escola e fornecer elementos complementares para a permanência e eficácia do ensino, tais como: o programa de Alimentação Escolar mostra metas atingidas com 1 milhão de refeições por mês servidas em escolas municipais, que contavam com projetos de hortas escolares para melhorar as refeições e merenda de férias, serviam alimentos também para os irmãos de alguns alunos após o ano letivo. (Mussa; Honorato, 2023, p. 1)

Os resultados dessa pesquisa mostram que, ao mapear documentos no acervo do MEL, assim como preservá-los, os estudantes têm a oportunidade de compreender como funciona a seleção de fontes e a análise de documentos, vistos que eles são analisados para compor relatórios de pesquisa e artigos acadêmicos. Esse raciocínio justifica o relato de Mussa em relação ao seu entusiasmo para dar continuidade à pesquisa com ênfase na evasão escolar. Percebe-se, então, que ela permanece com a temática da Educação e pobreza, mas muda o objeto de pesquisa para evasão escolar.

No que se refere aos gradientes de poder, o fato de Mussa dar continuidade à pesquisa de Pimenta indica que Mussa teve sua interpretação direcionada pelo levantamento documental feito por Pimenta. Portanto, inicialmente, Pimenta exerceu um gradiente de poder maior sobre o acervo e sobre as coordenadas da Iniciação Científica. Entretanto, ao dar continuidade à pesquisa e ao relatório de IC, promovendo análises de fontes, textos e gráficos, assim como apresentação de trabalho em evento acadêmico, Mussa diminui esse gradiente e demonstra equilíbrio em suas interdependências com Pimenta, principalmente ao indicar a continuidade da pesquisa em um novo projeto de Iniciação Científica.

Pimenta e Mussa – assim como Borges e Alberguine, no tópico anterior – também indicam que o MEL se forma à medida que se formam os estudantes. Enquanto elas ressaltam a importância do acervo para sua formação acadêmica, suas contribuições em mapear, catalogar, preservar e pesquisar documentos contribuem para a formação do MEL – na organização de seus documentos e enquanto uma Instituição que permite a pesquisa sobre a Educação do Município.

Outra estudante que elaborou pesquisas durante a graduação, tendo em vista o acervo do MEL, foi Tainã Aparecida Teixeira da Silva, que iniciou sua Iniciação Científica na Graduação, sob a orientação de Honorato, tendo em vista a Educação do Corpo segundo os documentos do DEPAS. Sobre essa pesquisa, Silva enfatiza

que se tratava da continuidade do estudo de outra pessoa, ou seja, alguém já havia começado a Iniciação e precisou deixá-la. Quando questionada sobre a relação da pesquisa e o acervo do MEL, Silva destaca que alguns documentos foram usados, mas a maior parte do estudo foi bibliográfico, em razão do período pandêmico.

O contato de Silva com o acervo ocorreu anteriormente à Iniciação Científica. Após a pergunta sobre como teve conhecimento do acervo, comenta:

O primeiro contato é quando a gente vai resgatar os documentos [no IBC]. A primeira [impressão] eu fiquei impactada, porque eu não imaginava que documentos tão significativos, importantes, estavam da forma em que estavam. Porque a impressão, eu cheguei lá, parecia que estava descartando. (Silva, 2023)

Silva indica que já tinha conhecimento da existência do acervo e, por isso, participou da ação de transporte dos documentos do IBC para o prédio do PDE. Suas impressões iniciais demonstram preocupações tanto com a preservação dos documentos quanto com o significado que estes representam. Essas interdependências de Silva contribuíram para sua trajetória acadêmica, pois, após atuar no MEL na preservação do acervo, assim como na Iniciação Científica, ela estipula o tema de seu TCC e passa a desenvolvê-lo a partir dos documentos em questão. Quando questionada sobre a importância da transferência do acervo para sua pesquisa de Graduação, declara:

A minha pesquisa, ela não teria saído se eu não tivesse esse vínculo [com o MEL], não só inicialmente, mas o que eu criei depois com todo o pessoal do MEL que acabou entrando, acabou saindo, mas de todo o mundo, porque a gente é tipo uma rede de apoio. [...] Se eu não fosse do grupo, não teria saído também, porque eu dependia do pessoal da higienização. Se eles vissem documentos, se eles me passassem, então foi o que aconteceu. E aqui está minha dedicatória para Anna e a Maria, porque elas tiveram muito esse cuidado comigo, [...] elas me mandaram. Elas prestam muita atenção. (Silva, 2023)

A fala remete às interdependências dos sujeitos que atuam no MEL. Ela cita, por exemplo, as contribuições de Anna Mussa e Maria Clara Gomes que, a partir do processo de higienização, encontraram documentos importantes para Silva. Novamente aparece na fala de um dos entrevistados, a referência a uma rede de apoio entre os estudantes que lá atuam.

Essa rede de apoio também possui relações de poder. Ao citar Mussa e Gomes, Silva indica que as funções delas, como pesquisadoras de IC e agentes de preservação dos documentos, contribuiu para sua própria pesquisa, demonstrando o quanto importante foi a presença de ambas no MEL. Além disso, ao longo de sua entrevista Silva também cita suas interdependências com Borges e Lopes, indicando o quanto o conhecimento deles sobre os documentos ou suas experiências de pesquisa foram inspiradoras para o desenvolvimento de seu TCC e sua presença no Museu Escolar de Londrina.

Em outras palavras, percebe-se que Silva ressalta as funções de outros indivíduos e, portanto, as relações de poder que existem entre eles. Mesmo que Mussa e Gomes sejam estudantes de Graduação, e Borges e Lopes fossem, à época, estudantes de Pós-Graduação, Silva reconhece as diferentes contribuições para sua pesquisa e, ao mesmo tempo, um equilíbrio entre elas, independente da formação acadêmica de cada um.

A respeito do tema de pesquisa de Silva, é importante destacar que este possibilita a construção de um subfundo, pois aborda um recorte específico do acervo com ênfase no Movimento Brasileiro de Alfabetização no contexto londrinense. A partir do levantamento de documentos do MEL, Silva analisou em seu TCC como o Mobral foi organizado em Londrina (1968-1985), tendo em vista, também, a formação dos educadores.

A pesquisa de Silva (2023) é resultado de interconexões entre sujeitos preocupados com a preservação de documentos e uma rede de apoio que possibilitou a identificação de conteúdos relacionados ao Mobral em Londrina. Conforme traz Silva em suas falas, desde o primeiro contato houve o impacto em perceber a urgência em preservar documentos tão significativos. Ao mesmo tempo, ela reconhece que o trabalho de preservação é fundamental para a pesquisa, pois permite que as informações dos documentos sejam mapeadas e que as fontes da pesquisa sejam selecionadas.

Outra tipologia de documentos explorada no MEL diz respeito aos periódicos. Sobre essas fontes, podem-se citar as ações e pesquisas de Iniciação Científica de Camilly Aparecida de Souza e Marcela Silva da Cunha, sob a orientação da professora Simone Burioli. A partir do Projeto MEL, elas também atuam na higienização geral dos documentos e contribuem para o processo de preservação e mapeamento de fontes importantes para as pesquisas de seus colegas.

Segundo Cunha e Burioli (2023), em resumo publicado nos Anais do 32º Encontro Anual de Iniciação Científica da UEL, o acervo do Museu Escolar de Londrina permite pesquisas de temáticas administrativas e pedagógicas em relação às Escolas Municipais de Londrina. Por conta disso, concentraram-se no mapeamento de jornais e revistas ligados à Educação. A partir dessa iniciativa,

[...] foram encontrados cerca de trezentos e sessenta documentos entre jornais completos, revistas e recortes de jornais no período entre os anos de 1971 e 2022, sendo o primeiro o mais antigo encontrado até o ano mais recente, esses documentos foram organizados em tabelas que levavam informações sobre datas, cidade de publicação, ano em que foram publicados e a localização dentro do acervo, posteriormente as tabelas foram transformadas em gráficos para melhor visualização das informações, um ponto a ser destacado é o quanto o jornal 'A Folha de Londrina', periódico que ainda está muito presente na vida e rotina dos londrinenses, apareceu no levantamento. (Cunha; Burioli, 2023, p. 01).

Logo, o MEL conta com práticas de preservação de periódicos que resultaram em uma catalogação detalhada, a qual indica temporalidades e espacialidades de produção, assim como organização e comunicação do arquivo através de tabelas e gráficos. O mapeamento dos documentos permitiu até mesmo a percepção sobre o jornal de maior circulação no acervo escolar do MEL²¹.

Quanto a Souza, sua primeira experiência com a temática de imprensa e arquivos escolares está relacionada com a Iniciação Científica, quando, sob a orientação de Burioli, realizou o levantamento bibliográfico de trabalhos que versam sobre arquivos escolares em periódicos especializados em História da Educação. A pesquisa ressalta o quão importante são os arquivos para a construção da memória coletiva e educativa (Souza; Burioli, 2023, p. 1). Durante o desenvolvimento dessa pesquisa de IC, Souza também passou a colaborar com o projeto MEL, e quando questionada sobre sua participação, responde:

No MEL eu estou desde o começo do meu curso, então foi através do professor Tony que ele estava dando aula para a gente e daí ele vem apresentar. E não teve motivo, eu só me encantei mesmo vendo aquele monte de caixa e a vontade de ver, limpar, ajudar a organizar.

²¹ Além disso, em uma Iniciação Científica posterior, conforme pode ser visto em seu resumo do 33º Encontro Anual de Iniciação Científica (2024), Cunha deu continuidade à pesquisa e focou nas temáticas educacionais recorrentes no periódico *Novo Jornal*, o qual foi localizado no acervo do MEL. A partir do viés do mesmo periódico, ela também desenvolveu seu TCC sobre o impacto da criação da Universidade Estadual de Londrina.

E acho que foi mais isso mesmo, uma vontade de poder ver esses documentos limpos e hoje eu entendo o quão é importante, né?
(Souza, 2023)

A configuração da sala de aula é formada por interdependências entre estudantes e professores. A partir de aulas no curso de Pedagogia, Souza soube da existência da configuração do MEL e passou a colaborar para a preservação do acervo. Trata-se de uma prática que permitiu, à sua formação, o contato com arquivos escolares assim como aqueles estudados em sua Iniciação Científica. Em suma, os alunos e alunas de Graduação são motivados, em sala de aula, à preservação e à pesquisa de documentos. Isso ocorre principalmente a partir de práticas de higienização e organização do acervo, as quais contribuem para práticas de pesquisa de Iniciação Científica ou Trabalhos de Conclusão de Curso.

5.5 OUTRAS CONFIGURAÇÕES E SUAS INTERDEPENDÊNCIAS

Conforme abordado no Capítulo 4 desta tese, os estudantes estão vinculados a projetos orientados por professores da Graduação e Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Londrina. A partir destes, os alunos estabelecem vínculos com o MEL, mediados por atuações voluntárias ou como bolsistas.

Os primeiros projetos vetores de interdependências entre os estudantes são: 1) *MEL - Museu Escolar Londrinense: modos de construir, ensinar e viver a cultura na Escola Municipal “Urandy Andrade Correia”* (Projeto de Extensão), iniciado em 10 de setembro de 2018 e finalizado em 10 de dezembro de 2021; e 2) *Ação Municipal e Educação no Brasil: processo de escolarização em Londrina (1949-1992)* (Projeto de Pesquisa), iniciado em 18 de março de 2020, com previsão de término em maio de 2025. Ambos contam com a colaboração e/ou coordenação dos professores Honorato e Oliveira, além de outros docentes do PPEdu, como Simone Burioli, Celso Luiz Jr e Marlene Rosa Caineli.

O primeiro projeto visou a transferência e restauração da casa-escola rural “Urandy Andrade Correia”, além da preservação dos documentos cedidos pela Secretaria Municipal de Educação. Já o segundo projeto tem como objetivo a caracterização e análise de ações municipais na escolarização em Londrina, tendo como referência a expansão de instituições educativas e práticas culturais escolares. Os objetivos desses projetos por eles mesmos, porém, não garantem que eles sejam

alcançados, pois a potência está nas práticas dos indivíduos que conduzem o decurso do Museu Escolar de Londrina e dos grupos de pesquisa.

Essas práticas e seu resultados, como mencionado, são desenvolvidas a partir de vínculos. Por exemplo, o primeiro projeto contou com 19 publicações de colaboradores e bolsistas de Graduação e Pós-Graduação, sendo 8 trabalhos completos ou resumidos publicados em eventos acadêmicos, as dissertações de mestrado de Yamashita e Marcolino e uma categoria indicada como outros, publicadas por estuantes da Graduação (9 publicações), com cerca de 10 participantes, sendo 6 deles colaboradores (4 da Graduação e 2 da Pós-Graduação)²².

Sobre o segundo projeto, ainda não há a relação de publicações porque ainda não está concluído com relatório no sistema Web UEL, mas a relação de participantes indica mais de 20 indivíduos, entre eles colaboradores da Graduação e Pós-Graduação e estudantes de Iniciação Científica²³. Ressalta-se, porém, que nem todos os estudantes que atuam neste segundo projeto exercem funções no Museu Escolar de Londrina, mas a maioria contribui com práticas de preservação, educativas ou de investigação do acervo.

Esses dois primeiros projetos introduzem à formação do MEL e parte dos estudantes entrevistados para a presente pesquisa, como: Alberguine e Borges, durante a Graduação e a Pós-Graduação, com bolsas de IC e, posteriormente, de Mestrado e/ou Doutorado, sob a orientação de Honorato; Lopes, Yamashita, Candotti, estudantes colaboradoras da Pós-Graduação, vinculadas também como professoras e/ou apoio pedagógico da Prefeitura Municipal de Londrina, sob a orientação de Honorato e Oliveira; Sacchelli, no decorrer da Pós-Graduação, com bolsa de Doutorado, sob a orientação de Honorato; Pimenta, Mussa, Gomes e Silva, durante a Graduação, com bolsas de Iniciação Científica, sob a orientação de Honorato; e Cunha e Souza, sob a orientação de Burioli.

A descrição do vínculo desses alunos com os projetos indica o quanto são cruciais as bolsas para a presença deles no Museu e, portanto, há uma relação de poder no que tange ao financiamento e à permanência dos estudantes. Percebe-se que, quando na Graduação, o vínculo ocorre, principalmente, através de bolsas de Iniciação Científica. Já na Pós-Graduação, são bolsas financiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

²² Informações retiradas da Relação de Projetos de Extensão Cadastrados (UEL).

²³ Informações retiradas de Pesquisas Cadastradas (UEL).

Existem vários motivos que levam à possível evasão na educação superior, entre eles:

[...] descontentamento com horários das disciplinas, falta de cursos noturnos, impossibilidade de conciliar trabalho e estudo, mau relacionamento professor-aluno, pouca integração social à universidade, expectativas não correspondidas e falta de informações sobre curso e profissão, mau desempenho acadêmico e reprovações, problemas financeiros. (Imperatori, 2017, p. 289)

A questão financeira pode estar atrelada à impossibilidade de conciliar trabalho e estudo ou a problemas nas finanças. Então, a presença de estudantes que possuem bolsas contribui para a permanência destes na Graduação e na Pós-Graduação, na mesma medida que estes passam a exercer atividades presenciais no Museu Escolar de Londrina, como forma de prática extensionista ou de pesquisa.

Ressalta-se, porém, que nem todos os estudantes que lá atuam são bolsistas²⁴. Existem aqueles que foram estimulados por disciplinas e professores de seus cursos de Graduação e Pós-Graduação, assim como aqueles que foram influenciados por seus próprios colegas de curso. Geralmente, esses estudantes estão vinculados aos projetos citados – e outros – como colaboradores ou, então, a grupos de pesquisa. Eles exercem carga horária menor que os bolsistas, fato que não diminui a importância de sua participação, visto que também contribuem para com as práticas museais.

Outros dois projetos que abrangem as interdependências do MEL são: 3) Centro de Pesquisa em Histórias e Memórias da Educação Escolar de Londrina – CPHMEEL (Projeto de Pesquisa), iniciado em 17 de fevereiro de 2022, com término previsto para 16 de fevereiro de 2025; e 4) *Projeto MEL: Museu Escolar de Londrina* (Projeto de Extensão), com início em 08 de agosto de 2022 e término previsto para 08 de agosto de 2025. Destaca-se que eles são coordenados por Oliveira, com a colaboração dos professores Honorato, Burioli e Celso Luiz Junior.

O terceiro projeto amplia as ações iniciadas pelo primeiro, citado no início deste tópico. O objetivo visa a construção do Museu Escolar de Londrina e, também, do Centro de Pesquisa em Histórias e Memórias da Educação Escolar de Londrina, tendo em vista a organização de um arquivo a partir da documentação pedagógicas das Escolas Municipais de Londrina, com enfoque na História da Educação e na Cultura

²⁴ No final do ano de 2024, o MEL contava com mais de 20 estudantes de Graduação (Pedagogia e História) voluntários, 8 estagiários do curso de Arquivologia e 1 bolsista de IC-Jr.

Escolar. Já o quarto projeto se concentra na segunda fase de construção de um Museu Escolar na casa-escola rural, com o intuito de instalá-lo às margens do Calçadão da Universidade Estadual de Londrina, visando uma ação de visita sem deixar de lado a preservação e a pesquisa da documentação²⁵.

Esses dois projetos aumentam as redes de interdependências entre os indivíduos que atuam no MEL, devido à chegada de mais colaboradores e bolsistas de Iniciação Científica, e possibilitam a continuidade do percurso das duas frentes do Museu: a reconstrução da casa-escola (espaço físico para visitas) e a preservação e pesquisa da documentação. A partir do terceiro projeto, por exemplo, Souza e Cunha passam a fazer parte da equipe do Museu Escolar de Londrina, suas interdependências com a formação do MEL passam por outras configurações, como a sala de aula e outros projetos e grupo de pesquisa que atuam sob a orientação da professora Simoni Burioli.

Burioli está como colaboradora em todos os projetos aqui citados. Suas orientandas de Iniciação Científica, Souza e Cunha, como mencionando em outro momento, desenvolvem pesquisas sobre arquivos e periódicos impressos no campo da História da Educação, fator que justifica as práticas que elas exercem junto ao MEL. Além de atuarem como colaboradoras nos projetos do Museu, elas são bolsistas em projeto coordenado por Burioli, intitulado *Imprensa, Impressos e Educação no Paraná – séculos XIX e XX*, e também participam do projeto de extensão *Arquivos Escolares de Londrina e Região: o LEPHE como espaço de guarda e disponibilização* e do *Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Culturas e Práticas*, coordenados pela mesma professora.

O MEL não se constitui apenas de projetos totalmente direcionados e planejados para ele. A interdependência formada dentro de outras configurações, como é o caso dos projetos de Burioli e da atuação de suas orientandas, promovem práticas que reverberam na formação do Museu. Assim,

Cada pequeno passo nessa trajetória foi determinado pelos desejos e planos de pessoas e grupos isolados; mas o que cresceu nesse trajeto até o momento, nosso padrão de comportamento e nossa configuração psicológica, certamente não foi pretendido por nenhuma pessoa em particular. (Elias, 1994a, p. 49)

²⁵ Informações retiradas da Relação de Projetos de Extensão Cadastrados (UEL).

Essas inter-relações entre configurações diferentes possibilitam que as estudantes Souza e Cunha priorizem periódicos dentro da documentação do MEL, promovendo preservação, investigação e comunicação de uma tipologia diferente de documentos.

Os projetos indicam que são figurações com características mutáveis. Se os dois primeiros projetos – voltados, principalmente, para a restauração da casa-escola e pesquisas sobre ações municipais escolares a partir do acervo cedido pela SME, além da preservação da documentação – formaram uma teia de interdependências iniciais, resultando em práticas de preservação, pesquisa e comunicação, os projetos seguintes dão continuidade a essas práticas e alargam as relações de interdependências, pois mais indivíduos passam a fazer parte da formação da configuração do MEL.

Assim, ao comparar as figurações aos jogos, Elias diz que

[...] a possibilidade de o decurso de um jogo, realizado por 30, 300 ou 3.000 jogadores não pode ser controlado e orientado por nenhum desses jogadores. À medida que diminui a diferença de possibilidades de poder entre os jogadores, isso torna-se mais provável. Neste caso, o processamento do jogo adquire uma autonomia relativa quanto a planos e intenções de qualquer dos jogadores individuais que, através de suas ações, criam e mantém o jogo. (Elias, 1980, p. 104).

Entende-se que as intencionalidades dos criadores dos projetos necessitam das interdependências daqueles que os colocam em prática, e que estas inter-relações não são controladas por um indivíduo. No que se refere às práticas de pesquisa, possibilitam que os estudantes adquiram poderes em relação ao acervo, pois eles passam a comunicar o que antes não era conhecido sobre o Patrimônio Escolar do Município de Londrina, e essa comunicação dá forma aos resultados alcançados pelos projetos de Iniciação Científica e de extensão.

A comunicação desse acervo ocorre, por exemplo, das figurações em eventos acadêmicos e publicações disponibilizadas no site do Museu. É possível encontrar trabalhos de estudantes que atuam no MEL em eventos como: Encontro Anual de Iniciação Científica, Simpósio Internacional Processos Civilizadores, Semana de Educação da UEL, Encontro Paranaense de História da Educação, entre outros. A partir desses eventos, ocorre a circulação de conhecimento sobre as práticas museais do MEL, assim como estudos detalhados do acervo.

A teia de relações estruturada no âmbito dos projetos possibilita outras práticas museais para além da preservação e da pesquisa do acervo. No site do Museu²⁶, existem materiais didáticos que promovem ações educativas direcionadas para professores e estudantes da educação básica. No item *Para Crianças* é possível baixar a maquete da casa-escola, que foi desenvolvida por Yamashita. Também há jogos como caça-palavras e jogo da memória relacionados ao acervo do MEL. Existe, ainda, um item *Para Professores* que traz material de apoio para abordar conceitos como memória, lugares de memória, museu local, educação patrimonial, a história dos museus e outros, com arquivos de planos de aula e motivos para visitar Museus.

A ação educativa dos Museus exerce um papel na interpretação da cultura e da memória. A Educação Museal ajuda o público a compreender os bens musealizados por meio de seu contexto social, visando a consciência crítica da sociedade. Essa função educativa dos Museus deve se preocupar com as metodologias e ferramentas próprias para o desenvolvimento de ações que promovam a interpretação crítica do acervo (IBRAM, 2023). Nessa perspectiva, entende-se que os indivíduos que sistematizaram o site do MEL disponibilizaram materiais em diálogo com a Educação Museal, principalmente ao se preocuparem com ferramentas para professores. Essas ações vão ao encontro das seguintes ideias:

O potencial educativo dos museus tem proporcionado práticas educativas diversas, visitas monitoradas, oficinas, construção de kits com objetos museológicos emprestados às escolas [...]. A maioria dos museus tem uma participação ativa na formação, tanto inicial, como continuada, dos docentes, e os referidos autores [como Mario Chagas] destacam a importância do Museu Histórico Nacional (RJ), do Museu da Inconfidência (MG) e dos da Universidade de São Paulo – MAE e Museu Paulista, também conhecido como Museu do Ipiranga – nessa forma de atuação junto aos professores de História. Especialistas destacam sobre a importância de esclarecer aos alunos sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social [...]. As explicações iniciam-se pela trajetória do objeto onde foi encontrado ou adquirido até como chegou ao museu, tornando-se, então, ‘peça de museu’. Essa atividade, advertem os especialistas, devem ser realizadas ou no início ou no final do trabalho com os alunos. (Bittencourt, 2008, p. 356 e 357).

²⁶ Disponível em: <https://sites.google.com/edu.londrina.pr.gov.br/mel-museuescolardelondrina/p%C3%A1gina-inicial>

Ao oferecer jogos, maquete e outros materiais importantes para o uso em sala de aula, entre outras ferramentas, o MEL passa a ter uma participação ativa na formação de docentes. A disponibilidade destes materiais pode ajudar na formação de estudantes da educação básica no entendimento do que torna uma peça musealizada. Por fim, o contato dos professores com essas ferramentas pode contribuir para a elaboração de uma pré ou pós-visita ao Museu, seja à sua documentação ou à sua futura ala expositiva na casa-escola.

O último projeto direcionado ao MEL é o intitulado *Ações Extensionistas do MEL (Museu Escolar de Londrina): valorização da memória escolar em Londrina*, com início em 08 de julho de 2024 e término previsto para 08 de julho de 2027, coordenado por Oliveira e colaboração dos docentes Honorato, Luiz Junior e Burioli. Esse projeto vai ao encontro da Educação Museal citada, pois visa a preservar a História e a Memória das Escolas Municipais de Londrina, capacitando professores e envolvendo alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa capacitação ocorre por meio de cursos, oficinas e visitas ao MEL. Esse projeto, do ponto de vista do registro institucional, conta com 1 estudante de graduação e 12 estudantes de Pós-Graduação, os quais atuam como colaboradores.

As interdependências educativas do Museu aparecem, também, na configuração do evento educacional *Londrina Mais!*, onde ocorrem mostras de trabalhos escolares em estandes. Em 2023, esse evento contou com a participação de indivíduos que atuam no MEL, os quais comunicaram o acervo aos participantes, além de cenários e objetos referentes às salas de aula do passado.

Em suma, as interdependências dos estudantes e professores, sejam eles universitários ou da educação básica, dão forma a projetos e geram resultados como a preservação, a pesquisa e a comunicação do acervo. Outra prática visível é a Educação Museal. O MEL, mesmo antes de ter sua forma física na figura da casa-escola, é vetor de ações educativas que ajudam a formar professores, alunos da educação básica e universitários.

As inter-relações apresentadas até aqui indicam que o MEL é formado por diversos indivíduos e que suas pesquisas e práticas de preservação são responsáveis por essas figurações formativas. Isso ocorre ao mesmo tempo que indivíduos aprimoram sua formação acadêmica ao entrar em contato com fontes históricas por meio da higienização, catalogação, investigação e pesquisa.

Não se pode perder de vista que existem relações de poder entre os envolvidos. De acordo com Elias (1990), existe um mecanismo monopolista de poder, porém, quanto mais pessoas se tornam dependentes dele, maior se torna o poder dos dependentes, seja individual ou coletivamente. De outro modo, segundo Gebara e Lucena (2005), as interdependências de grupos e indivíduos potencializam a divisão das funções e a criação de instituições mais concretas. Por conta disso, aqueles que possuem menor poder passam a ter mais poder.

Em relação ao contexto do Museu Escolar de Londrina, as funções e inter-relações dos indivíduos contribuíram para a formação de uma instituição mais sólida. Inicialmente, a demanda pela preservação dos documentos da SME, por conta das condições precárias, aumentou as inter-relações e o monopólio do poder de pessoas específicas, como funcionários da SME e professores do PPEdu – coordenadores de projetos. Entretanto, a formação desse monopólio dependeu também de estudantes de Iniciação Científica, projetos de extensão, ensino, Pós-Graduação e Graduação que contribuíram com a digitalização, a higienização, a coleta de entrevistas e pesquisa.

Em seguida, no prédio do PDE, novas funções foram construídas, relacionadas a transporte, preservação, pesquisa e comunicação dos documentos. Nota-se que a estruturação do MEL e de seu poder como figuração formativa dependem das inter-relações das funções dos indivíduos. Os sujeitos também possuem poder e, até mesmo, um relativo equilíbrio de poder que está “[...] onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas” (Elias, 1980, p. 81).

O decurso do MEL demonstra uma configuração construída com interconexões dos sujeitos que lá atuam. Essas interdependências contribuem para a formação do Museu enquanto instituição de preservação e pesquisa de documentos históricos da Educação do Município. Desse modo, essas ações interdependentes sistematizam o MEL por meio de um decurso de transformações, visto que as funções dos sujeitos não são estáticas. Isso indica relações de poder em equilíbrio, pois, ao passo em que o Museu se forma, os estudantes utilizam seu acervo para elaborar pesquisas ou facilitar o acesso de outros pesquisadores por meio de práticas de preservação e/ou ações educativas de valorização da memória escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do Museu Escolar de Londrina e de estudantes de Graduação e Pós-Graduação, que lá atuam, se constitui como o objeto de análise da presente pesquisa. Para compreender essa formação, optou-se por investigar a História dos Museus Escolares, assim como bibliografias sobre acervos escolares e a relação delas com a formação dos autores que as produziram. Também, buscou-se compreender qual lugar o MEL ocupa na História dos Museus Escolares. Por fim, procurou-se interpretar de que modo se deu a formação de estudantes e do Museu a partir de entrevistas.

Os resultados da pesquisa indicam que os Museus Escolares do Brasil, passaram por reconfigurações desde o século XIX. Existe uma ligação entre a História da Educação e os Museus, pois metodologias de Educação Escolar contribuíram para a criação de Museus Escolares, como exemplo, o método intuitivo e dos Museus do final do século XIX. Nesse período, os Museus estavam centrados na exposição de objetos intuitivos relacionados às Ciências da Natureza, tendo a descrição pela observação como base da aprendizagem.

Pode-se dizer que os Museus Escolares dessa época, e até o início do século XX, eram basicamente constituídos em caixas de madeira com amostras de materiais da natureza, como minerais e pedras, além de aparatos da fauna e da flora. Também eram considerados Museus objetos guardados em armários e gabinetes no interior das salas de aula.

Existiam empresas que ofereciam amostras aos Museus Escolares, tendo em vista uma visão mercadológica da educação dos sentidos. O próprio Museu Nacional, além de ter em suas dependências um Museu Escolar, produziu coleções didáticas para Museus Escolares.

A partir da década de 1940, institucionalizam-se os maiores marcos de ações educativas em Museus por conta de eventos promovidos pela UNESCO e ICOM. Estes eventos passaram a questionar o papel político das instituições museológicas para além de descrições de objetos, pois reconhecem a importância dos indivíduos no processo de preservação, valorização e interpretação do patrimônio.

Na segunda metade do século XX, os Museus passaram a valorizar mais a memória escolar, assim como a História da Educação. Houve um alargamento dos

conceitos de fonte e patrimônio, de modo que o patrimônio educativo nos Museus e nas pesquisas passou a dar ênfase ao cotidiano.

Esse crescimento do interesse pela memória escolar e, conseqüentemente, pelos acervos escolares, instigou estudos que partem destas fontes históricas para refletir sobre a história e a materialidade da Educação. Em boa parte das vezes, os pesquisadores que elaboram os estudos possuem contato prévio com instituições que preservam acervos escolares, fato que mostra a importância do lugar social de produção da pesquisa.

Além destas questões, a presente pesquisa também indica que os museus ultrapassam a função de exibir objetos da cultura material, pois também são figurações científico-documentais e formativas no que dizem respeito à trajetória acadêmica de estudantes de Graduação e Pós-Graduação. Os sujeitos que atuam no ambiente museal têm a função de organizar documentos em acervos e formar bancos de dados para garantir o acesso às experiências do passado. Possibilitar a inteligibilidade de acervos é, segundo Felgueiras (2011), um exercício de cidadania, pois assegura que diferentes grupos tenham acesso a memórias coletivas.

Destaca-se que existem lacunas de produções acadêmica em relação às questões abordadas no parágrafo anterior. Poucos são os estudos que abordam a função de estudantes universitários em Museus a partir da pesquisa ou da preservação do acervo. Além disso, a abordagem dos Museus como figurações sociais forjadas pelas interdependências dos estudantes que atuam nesses lugares também não aparece na literatura. O que se nota é que muitos pesquisadores de Museus atuaram nesses lugares ou tiveram contato com acervos museais antes de escreverem suas pesquisas.

Ao analisar as entrevistas sobre a formação do Museu Escolar de Londrina e a formação dos estudantes universitários que lá atuam, percebe-se que o Museu é uma figuração social que passa por mudanças em seu decurso. Essas transformações ocorrem por conta das funções interdependentes dos sujeitos que lá atuam, os quais contribuem para com a preservação e a pesquisa do acervo.

Essas transformações no decurso do MEL também indicam mudanças nos gradientes de poder em relação ao acervo e entre as pessoas em inter-relações. Em um primeiro momento, os indivíduos envolvidos priorizaram o acordo entre a Universidade e a Secretaria Municipal de Educação, de forma que os agentes da Secretaria possuíam maiores gradientes, pois eram os únicos detentores do acervo.

Entretanto, ao estabelecerem relações com UEL, novos sujeitos entram em cena, principalmente a partir de projetos de pesquisa e extensão, dentre eles professores universitários e estudantes de Graduação e Pós-Graduação.

Conforme a teia de interdependências aumenta, as relações de poder entre os indivíduos alcançam maiores equilíbrios. Desse modo, os indivíduos da Universidade, a partir de suas práticas de preservação, investigação, comunicação e ações educativas destinadas ao acervo, conquistam maiores poderes sobre ele, uma vez que passam a ser produtores de conhecimento.

As relações de poder também aparecem no vínculo dos estudantes com o Museu, visto que, no início do projeto, a maior parte dos entrevistados possuem bolsa de Iniciação Científica ou de Pós-Graduação, sendo este um visível vetor de permanência universitária, além de estímulo para pesquisas que se relacionam com o acervo. O fato de seus projetos de Iniciação Científica, por exemplo, serem direcionados a determinada documentação acaba refletindo em pesquisas posteriores, como TCC, dissertação de Mestrado e tese de Doutorado.

Conforme essas fontes são preservadas e pesquisadas, o MEL ganha maiores possibilidades de comunicação do acervo e, conseqüentemente, de valorização do acervo escolar do Município de Londrina. No mesmo processo, o contato com o acervo possibilita, aos estudantes, aprimorar sua formação quanto a lidar com documentos históricos. A partir de suas interconexões, eles aprendem a higienizar, organizar, catalogar, mapear e pesquisar fontes que pertencem ao acervo. Na maior parte das vezes, suas pesquisas, sejam elas de Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso ou Pós-Graduação, ajudam a criar um subfundo de documentos e, conseqüentemente, a comunicar tipologias e informações específicas da História da Educação do Município.

Em linhas gerais, a configuração do MEL apresenta um decurso que muda de acordo com as funções dos sujeitos. Em um primeiro momento, a urgência pela preservação e a noção de que se tratava de um acervo importante para a pesquisa da Educação Municipal gerou uma figuração que envolveu a Secretaria Municipal de Educação, professores da UEL e alunas da Pós-Graduação em Educação da UEL. Em seguida, esse decurso contou com a criação do Projeto MEL, com ênfase na recuperação de uma casa-escola para abrigar um Museu Escolar, assim como a preservação de documentos na sala 164, e a produção de entrevistas de antigos alunos, funcionários e professoras.

O decurso continua após a transferência do acervo do antigo IBC para a sala do PDE/UEL. Em uma sala maior e com melhores condições de preservação inicia-se, de forma mais intensa, a troca de caixas, higienização, catalogação e pesquisa do acervo. Portanto, as interconexões dos sujeitos produzem ações mutáveis que influenciam sua própria formação e a formação do MEL.

Porém, compreender o decurso do MEL junto à formação dos estudantes não foi um trabalho fácil. As relações são complexas e mutáveis. O Museu possui diversas camadas e as inter-relações dos sujeitos possuem gradientes de poder que se transformam ao longo do tempo. Porém, como os depoimentos foram coletados em 2023, a análise se concentrou até aquela temporalidade. Os estudantes que lá atuam geralmente começam como estagiários colaboradores e, depois, seguem para Iniciações Científicas e até TCC e Pós-Graduação. Acompanhar o decurso de suas formações interligadas à trajetória do MEL foi extremamente necessário para compreender a importância das diversas funções dos sujeitos e suas interdependências.

Outro ponto a se ressaltar é que o Museu Escolar de Londrina não se resume às práticas de pesquisa. Conforme visto, os projetos também estimulam ações educativas e se concentram na construção do edifício da Instituição, que será uma casa-escola nas dependências da Universidade Estadual de Londrina. Para o futuro, vislumbra-se um Museu com alas expositivas, aberto ao público, com a intencionalidade de valorizar o patrimônio escolar londrinense por meio de ações educativas e receber acervos de diversas tipologias relacionados ao tema.

Para além da pesquisa da formação dos estudantes universitários e do MEL, há outras possibilidades de investigação sobre as interdependências do Museu. Por exemplo, existem as inter-relações do MEL com as escolas municipais, visto que a Instituição oferece materiais didáticos em seu site, assim como visitas guiadas ao acervo e participação em eventos importantes para a formação de professores e estudantes da rede municipal. Também existem as interdependências do Museu com os professores universitários que coordenam ou colaboram com projetos. A forma como suas funções influenciam o decurso do MEL, ao passo em que se relacionam com outros indivíduos (como estudantes universitários, funcionários da SME, professoras e alunos da rede municipal), possibilita compreender a formação de novas configurações e relações de poder.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA UEL. Projeto de implantação do Museu Escolar recebe visita de secretária da Educação. **O Perobal**, 05 abr. 2022. Disponível em: <https://operobal.uel.br/sociedade/2022/04/05/projeto-museu-escolar-recebe-secretaria-educacao/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

ALBERGUINE, Gabriel Renan. **Cinema educativo e audiovisual no contexto das ações educacionais no Município de Londrina/PR (1949-1996)**. 2023. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ALVES, Vânia Maria Siqueira. **Museus escolares no Brasil: de recurso de ensino ao patrimônio e a museologia**. 2016. 290 f. Tese (Doutorado em Museologia) - Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALVES, Vânia Maria Siqueira. Os museus escolares: políticas e programas públicos vigentes no Brasil. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DO CENTRO DE MEMÓRIA, 9., 2019, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2019. p. 01-18.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARMSTRONG, Neil. A Escavação: a extraordinária história da descoberta do “Tutancâmon britânico”. **UOL Splash**, Filmes, 04 fev. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/bbc/2021/02/04/a-escavacao-a-extraordinaria-historia-da-descoberta-do-tutancamon-britanico.htm>. Acesso em: 01 dez. 2023.

BARROS, José D’Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 407-429, jul./dez. 2012.

BELASQUI, Juliana Souza. **Lugares e cotidiano: análise de mapas elaborados no Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná (2013-2014)**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

BENATTI, Antônio Paulo. **O centro e as margens: boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina: 1930-1970)**. 1996. 237 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BENCOSTTA, Marcus Levy. A escrita da arquitetura escolar na historiografia da educação brasileira (1999-2018). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 19, p. 01-26, 2019.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. Os arquivos escolares como fonte para a história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 5, n. 2, p. 193-220, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Tradução: Glória Rodríguez; Luiz Alberto Monjardim; Maria Magalhães; Maria Carlota Gomes. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. Tradução: Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2007.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução: Sergio Goes de Paula. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRAGHINI, Katya Zuquim. As aulas de demonstração científica e o ensino da observação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 17, n. 2 (45), p. 208-234, abr./jun. 2017.

BRASIL. Lei nº 11.645. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2008.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2009.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v. 28, p. 01-30, 2020.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. *In*: NASCIMENTO, Sylvania Sousa. (Coord.). **Caderno de Diretrizes Museológicas I**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 31-90.

CANDOTI, Eliane Aparecida. **Projeto Conhecer Londrina: narrativas e saberes construídos pelas ruas da cidade**. 2019. 251 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: JC, 1996.

CHAGAS, Mário. Cultura, patrimônio e memória. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, v. 31, p. 15-29, 2002.

COSTA, Karine Lima da. **Caminhos para a descolonização dos museus: a questão da repatriação das antiguidades egípcias**. 2019. 295 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CUNHA, Marcela da Silva; BURIOLI, Simone. Levantamento de jornais e revistas nos arquivos do Museu Escolar Londrinense – MEL. *In*: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 32., 2023, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2023. p. 01.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização (Vol. 2). Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes (Vol. 1). Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios 1**: estado, processo, opinião pública. Tradução: Sérgio Benevides *et al.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Tradução: Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas: Alínea, 2017.

FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 328-339, mai./ago. 2006.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. **O caráter educativo do Museu Histórico Nacional**: o Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958). 2013. 234 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. **Educar no museu**: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958). 2017. 292 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FARIA, Ana Carolina; POSSAMAI, Zita Rosane. O curso de organização de Museus Escolares do Museu Histórico Nacional: Brasil, 1958. **Revista História da Educação**, v. 23, p. 01-37, 2019.

FARIA, Ana Carolina Gelmini; BITTENCOURT, Lizandra Caon; BARBOSA, Patrícia G. Machado. História dos museus e da museologia através dos seus agentes. *In*: ENCUESTRO DEL ICOFOM LAC., 31., y ENCUESTRO DEL ICOFOM - Historias de la museología en América Latina y el Caribe: sujetos, diversidad y pluralidad de experiencias, 46, 2023, Recife. **Cuaderno de resúmenes del XXXI Encuentro del ICOFOM LAC**. Paris: ICOM, 2023. p. 33-36.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 11, n. 1 [25], p. 67-92, jan./abr. 2011.

FELGUEIRAS, Margarida Louro; SOARES, Maria Leonor Barbosa. O projeto “Para um museu vivo da escola primária” – concepção e inventário. *In*: MENEZES, Maria

Cristina (Org.) **Educação, Memória, História**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 105-130.

FERNANDES, Aryane Kovacs. **Narrativas de quem ensina**: utilização de fotografias da exposição permanente do Museu Histórico de Londrina por monitores e professores (2014). 155 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. *In*: VAINFAS, Ronald; CARDOSO, Ciro. (Org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2012. p. 169-186.

FREIRE, Paulo. O papel da educação na humanização. **Revista Paz e Terra**, n. 9, p. 23-132, 1969.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 21-35.

GEBARA, Ademir; LUCENA, Ricardo de F. O poder e cotidiano: breve discussão sobre o poder para Norbert Elias. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR - TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9., 2005, Ponta Grossa. **Anais [...]**. Ponta Grossa: UEPG, 2005. p. 01-07.

GOMES, Maria Clara Bagatim do Amaral; HONORATO, Tony. Levantamento de documentos históricos do DEPAS (1949-1969): escolarização em Londrina. *In*: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 32., 2023, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2023. p. 01.

GOUVEIA, Inês; PEREIRA, Marcelle. A emergência da Museologia Social. **Política Cultural em Revista**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 726-745, jun./dez. 2016.

GUEDES, Angela Cardoso. Pierre Bourdieu e os públicos de museus. *In*: MARTELO, Regina Maria; PIMENTA, Ricardo Medeiros (Coord.). **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 350-362.

HARTOG, François. Regime de historicidade. *In*: HARTOG, François. **Regime de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Tradução: Maria Helena Martins *et al*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 37-42.

HONORATO, Tony. **Ação municipal e educação no Brasil**: processo de escolarização em Londrina/PR (1949-1992). Projeto de Pesquisa. Universidade Estadual de Londrina, 2020.

HONORATO, Tony; YAMASHITA, Bruna Ester G. Ações municipais de Londrina-PR na estruturação da profissão de professor (1934-1963). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 38, p. 01-21, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

IMPERATORI, A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 129, p. 285-303, maio/ago. 2017.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do Museu. *In*: NASCIMENTO, Sylvania Sousa (Coord.). **Caderno de Diretrizes Museológicas I**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006a. p. 17-30.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. *In*: NASCIMENTO, Sylvania Sousa (Coord.). **Caderno de Diretrizes Museológicas I**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006b. p. 91-104.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

KNAUSS, Paulo. A presença de estudantes: o encontro de museus e escolas no Brasil a partir da década de 50 do século XX. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 27, n. 46, p. 581-597, jul./dez. 2011.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In*: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LEME, Edson José Holtz. **O teatro da memória: o Museu Histórico de Londrina (1959-2000)**. 2013. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2013.

LIMA, Claudia Maria de Sousa de. **As datas comemorativas sobre as mulheres na escola: um estudo nos documentos da TV CEM (1994 – 2009)**. 2023. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, 2023.

LOPES, Rosemeire Ferreira. **Museu Escolar de Londrina: memórias da constituição de um arquivo de documentos históricos da educação municipal**. 2023. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

LYNCH, Christian Edward Cyril. O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco. **Lua Nova**, São Paulo, v. 85, p. 277-311, 2012.

LONDRINA MAIS. **Londrina Mais Descobertas**. 2023. Disponível em: <<https://londrinamaisvirtual.com/londrina-mais-descobertas-2023/>>. Acesso em 20 dez. 2024.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009.

MAKOWIECKY, Sandra; GOUDARD, Beatriz; HENICKA, Marli. **Museu da Escola Catarinense da UDESC e outros museus do mundo: memória e história visual**. Florianópolis: UDESC, 2021.

MARCOLINO, Gabrieli de Assis. **A fotografia como documentação escolar na construção do acervo do MEL - Museu Escolar Londrinense**. 2021. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, p. 09-42, jan./dez. 1994.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O museu de cidade e a consciência de cidade. *In*: SANTOS, Afonso C. Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARAENS, Cêça. (Org.). **Museus & Cidades**. Livro do Seminário Internacional "Museus e Cidades". Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p. 255-282.

MENESES, José Newton. Modos de fazer e a materialidade da cultura imaterial: o caso do queijo artesanal de Minas Gerais. **Revista Patrimônio e Memória**, v. 5, n. 2, p. 01-15, dez. 2009.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Viajar para legitimar: Armanda Álvaro Alberto na Comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguaí (1931). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 22, p. 43-64, jan./abr. 2010.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MUSSA, Anna Carolina Sloma; HONORATO, Tony. Escolarização da pobreza na rede municipal em Londrina/PR (SMEC, 1969-1992). *In*: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 32., 2023, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2023. p. 01.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa (Coord.). **Caderno de Diretrizes Museológicas I**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-289.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 07-28, 1993.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **MEL - Museu Escolar Londrinense**: modos de construir, ensinar e viver culturas na escola municipal "Urandy Andrade Correia". Projeto de Extensão. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2019.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **Centro de Pesquisa em Histórias e Memórias da Educação Escolar de Londrina - CPHMEEL**. Projeto de Extensão. Londrina: Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2022.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **Projeto MEL: Museu Escolar de Londrina**. Projeto de Extensão. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de; DINIZ, Maria Vitória Rossetto. **Fotografias da educação escolar londrinense** [livro eletrônico]: catálogo do acervo do Museu Escolar de Londrina (MEL). v. 1. Londrina: MEL/Das Autoras, 2023.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de; MARCOLINO, Gabrieli de Assis. A Fotografia como Porta de Entrada para a Cultura Escolar: imagens de escolas da cidade de Londrina, Paraná (1950-1985). **Cadernos de História da Educação**, v. 23, p. 1-20, e2024-04, 2024.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de; OLIVEIRA, Rafael Gimenez de. **Fotografias da educação escolar londrinense** [livro eletrônico]: catálogo do acervo do Museu Escolar de Londrina (MEL). v. 2. Londrina: Dos Autores, 2024.

PETRY, Marília Gabriela. **Da recolha à exposição**: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil – 1911 a 1952). 2013. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução: Dora Rocha Flaksman. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução: Monique Augras. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: arte multivocal da história oral. *In*: PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 19-35.

POSSAMAI, Zita Rosane. “Lição de Coisas” no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 20, n. 43, p. 01-16, 2012.

POSSAMAI, Zita Rosane. Olhares cruzados: interfaces entre história, educação e museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 3, n. 6, p. 17-32, 2015.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SCHUELER, Alessandra F. Martinez de. Crianças e escolas na passagem do Império para a República. **Revista Brasileira de História**, v. 19, n. 37, p. 0-15, set. 1999.

SCHELBAUER, Anaete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. (Org.). **História e memórias da Educação no Brasil**, vol. II: Século XIX. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 132-149.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Camila Marchi da. **Museus escolares no estado de São Paulo (1879-1942)**. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Camila Marchi da. **História do Museu Pedagógico Nacional**: Pedagogium – um museu de grandes novidades (1890-1919). 2021. 417 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

SILVA, Maurício André da. Formação de novas gerações nos museus universitários: o papel do educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. **Revista CPC**, São Paulo, v. 15, ed. 30 esp., p. 294-320, ago./dez. 2020.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. A aventura de inventariar: uma experiência no Museu da Escola Catarinense. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 11, n. 1 (25), p. 19-41, jan./abr. 2011.

SILVA, Tainã Aparecida Teixeira. **O Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) no Município de Londrina (1967–1985)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Reconstituindo arquivos escolares: a experiência do GEM/MT. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 5, n. 2, p. 123-152, 2005.

SOUZA, Camilly Aparecida de; BURIOLI, Simone. Os arquivos nos periódicos especializados (1997-2021). *In*: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 32., 2023, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2023. p. 01.

VARINE-BOHAN, Hugues de. **O tempo social**. Tradução: Fernanda de Camargo-Moro e Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro: Eça, 1987.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola nova e processo educativo. *In*: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 497-518.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**, v. 18, n. 36, p. 251-272, 2017.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

WOUTERS, Cas. Como continuaram os processos civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, p. 546-570, 2012.

ENTREVISTAS

ALBERGUINE, Gabriel Renan. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

BORGES, Matheus Chiconato. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

CANDOTI, Eliane Aparecida. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

CUNHA, Marcela Silva da. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

GOMES, Maria Clara Bagatim do Amaral. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

LOPES, Rosemeire Ferreira. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

MUSSA, Anna Carolina Sloma. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

PIMENTA, Jessica. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

SACCHELLI, Gabriela da Silva. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

SILVA, Tainã Aparecida Teixeira da. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

SOUZA, Camilly Aparecida de. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

YAMASHITA, Bruna Ester Gomes. **Entrevista** concedida a Taiane Vanessa da Silva. Londrina, 2023.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevistas

Perguntas fixas (perfil do entrevistado)

- Nome:
- Idade:
- Gênero:
- Cor/etnia:
- Data de nascimento:
- Formação acadêmica:
- Projeto ao qual está vinculado:
- Tipo de vínculo:
- Título da pesquisa elaborada:
- Área de pesquisa:

Perguntas semiestruturadas (abertas e direcionadas)

Observações: as perguntas buscam compreender o lugar social dos estudantes, assim como suas ações e interações a partir e para o Projeto MEL. Além disso, são perguntas que visam estimular e selecionar as memórias dos entrevistados acerca da importância de sua participação no Projeto MEL.

Tema: trajetória acadêmica

- 1) Participou de quais projetos de pesquisa? Comente os motivos?
- 2) Qual o tema e objetivos de seus artigos, projetos, TCC, dissertação ou tese? Fale sobre os motivos dessas escolhas?
- 3) Quais documentos pesquisou e por quais razões os selecionou?

Tema: contato com acervos e arquivos antes do Projeto MEL

- 4) Em qual instituição atuou?
- 5) De que modo chegou até esse lugar - MEL? Como era a motivação (pesquisa acadêmica, estágio, voluntariado etc.)?
- 6) Esse contato anterior foi para elaborar uma pesquisa? Como era o contexto?
- 7) Esse contato anterior foi para preservar documentos, como higienização e catalogação? Como era o contexto e comente sobre as suas funções?
- 8) Lidou com quais tipos de documentos? Com quais mais se identificou?
- 9) De que modo esse contato influenciou sua trajetória acadêmica?
- 10) De que modo sua ação para com esse acervo ou arquivo contribuiu para a instituição que os preserva?

Tema: pesquisas antes ou após o contato com o acervo

- 11) Quais pesquisas realizou antes do contato com o Projeto MEL? Essas pesquisas possuem relações com acervos escolares ou museus?

12) Quais pesquisas realizou após o contato com o Projeto? Quais os documentos e objetivos? Essas pesquisas possuem algum tipo de relação com acervos escolares e museus?

13) Houve continuidade de pesquisa relacionada a acervos escolares e museus (exemplos: TCC, dissertação e tese)? Se sim, por quais motivos escolheu continuar?

Tema: motivações para o envolvimento com o Projeto MEL

14) Quando iniciou sua experiência no MEL? Relate como foi:

15) Qual vínculo institucional o levou a se envolver com o Projeto MEL?

16) Conte como ocorreu o primeiro contato com o projeto. Detalhe se foi através de indicação de colegas de curso, seleção de bolsas de estágio, grupo de pesquisa, indicação do orientador(a), entre outros.

17) Possui orientador(a) vinculado ao Projeto MEL? Quem?

18) Seu(Sua) orientador(a) possui pesquisas relacionadas ao acervo do Projeto? Qual(is)?

19) Esse vínculo ocorre a partir de bolsas ou voluntariado? Qual é a instituição financiadora?

20) Qual a sua frequência (carga horária e dias) de participação no Projeto?

Tema: atividades exercidas no Projeto MEL

21) Qual é sua frente de trabalho?

22) Quem faz parte da sua equipe ou período de atuação?

23) De que modo seus colegas contribuem para com seu trabalho no Projeto?

24) Seu vínculo com o Projeto resultou em pesquisas acadêmicas? Se sim, relate o tema, acervo, documentos, objetivos abordados e os motivos dessas escolhas. Por exemplo, acervos escolares, história de Londrina, história da educação etc.

25) Esse vínculo com o Projeto resultou em ações de preservação de acervo? Quais e de que modo elas foram/são feitas?

26) Esse vínculo com o Projeto resultou em ações educativas direcionadas ao acervo? Quais e de que modo elas foram/são feitas?

27) Participou de alguma das atividades a seguir?

- Transferência do acervo da Secretaria Municipal de Educação (SME) para UEL;
- Acondicionamento e preservação do acervo no CLCH;
- Acondicionamento e preservação do acervo no PDE/UEL;
- Produção de entrevistas;
- Higienização;
- Organização espacial;
- Elaboração de métodos de acondicionamento e preservação;
- Catalogação;
- Participação em eventos.

28) Relate como foram essas experiências.

Tema: formação voltada para o acervo do Projeto MEL

- 29) Qual formação ou orientação você recebeu para lidar com a preservação e a pesquisa do acervo?
- 30) Quem ou qual instituição possibilitou essa formação?
- 31) Quais foram os métodos indicados?
- 32) Fez leituras de estudos sobre acervos, arquivos ou museus? Se sim, quais leituras foram feitas?
- 33) As leituras foram feitas de forma espontânea, por indicação, como requisitos de grupos de pesquisa ou para elaborar pesquisas?
- 34) Sua atuação no Projeto o levou a participar de eventos acadêmicos? Quais? Como foi sua participação?

Tema: afinidade com o acervo

- 35) Possui afinidade com quais tipos de documentos do Projeto MEL? Especifique (fotografias, documentos escritos, objetos tridimensionais, etc.
- 36) Essa afinidade surgiu durante ou antes do contato com o acervo?
- 37) Qual o motivo da preferência?

Tema: dificuldades vivenciadas

- 38) Existem empecilhos que interferem na sua atuação no MEL? Quais? Explicação: esses empecilhos podem ser de cunho pessoal ou financeiro, como gastos com locomoção e alimentação; assim como empecilhos de cunho institucional, como falta de verba, problemas de estrutura, falta de materiais etc.).
- 39) De que modo esses empecilhos dificultam seu trabalho e o de sua equipe?

Tema: resultados das atividades do Projeto MEL e caminhos a serem trilhados

- 40) De que modo as atividades exercidas pelos seus colegas de trabalho influenciam nas suas atividades?
- 41) De que modo suas atividades influenciam o trabalho de seus colegas?
- 42) Suas atividades e de seus colegas de projeto refletiram em quais resultados?

Tema: significado do Projeto MEL em sua vida

- 43) Qual a importância dos indivíduos que atuam no Projeto MEL para sua formação acadêmica?
- 44) Qual a importância das interações que ocorrem no Projeto MEL para sua vida pessoal? Tenha em vista as interações com colegas, conversas, acolhimento, confraternizações etc.